



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Maria Piedade dos Santos Bandeira

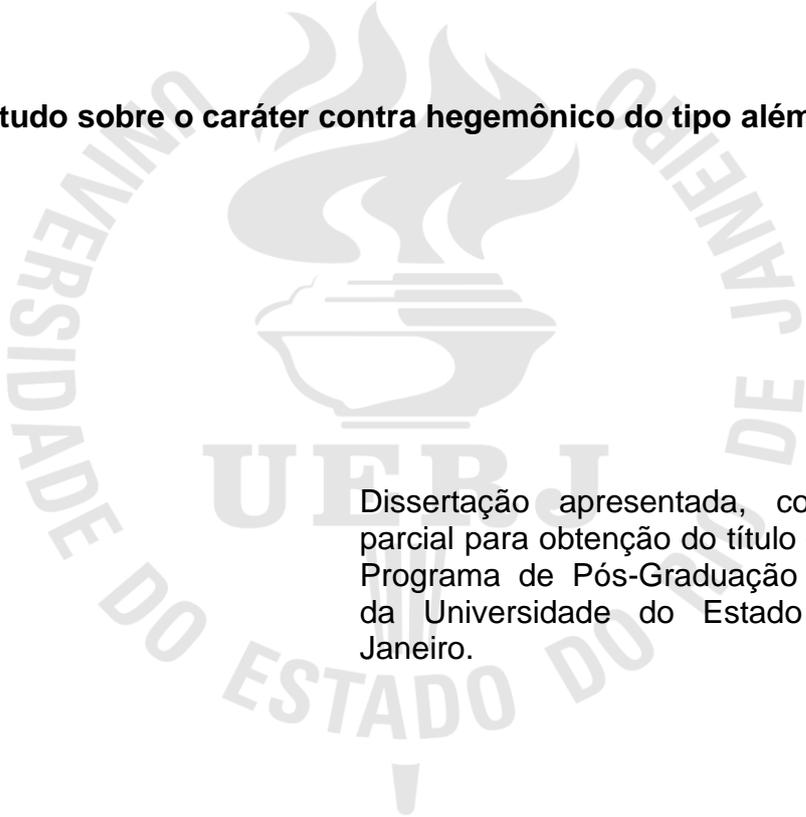
**Um estudo sobre o caráter contra hegemônico do tipo além-do-  
homem**

Rio de Janeiro

2020

Maria Piedade dos Santos Bandeira

**Um estudo sobre o caráter contra hegemônico do tipo além-do-homem**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Izabela Aquino Bocayuva

Rio de Janeiro

2020



Maria Piedade dos Santos Bandeira

**Um estudo sobre o caráter contra hegemônico do tipo além-do-homem**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia.

Aprovada em 29 de outubro de 2020.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Izabela Aquino Bocayuva (Orientadora)  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

---

Prof. Dr. Alexandre Marques Cabral  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

---

Prof. Dr. Tiago Mota da Silva Barros  
Instituto Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2020

## DEDICATÓRIA

Dedico com profundo amor e gratidão à Arlette e Newton, meus pais (*in memoriam*) e às minhas filhas Alana e Anaís por tudo que fui e pelo que ainda serei.

Ao meu amor Ricardo por todo apoio e paciência.

À minha família, amigas e amigos que sempre estiveram ao meu lado na defesa de um mundo mais generoso e fraterno.

Enfim, a todos que resistem e existem por amor à vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de registrar aqui meus agradecimentos aos que, direta ou indiretamente, contribuíram para este trabalho de pesquisa.

Primeiramente, minha imensa gratidão à professora Izabela Aquino Bocayuva pela presença amigável, dedicação e orientação, pelo estímulo ao pensamento e à crítica filosófica, pela generosidade e entusiasmo com que se envolve na pesquisa de seus orientandos.

Aos professores Alexandre Marques Cabral e Tiago Mota da Silva Barros pelas importantes sugestões por ocasião da qualificação desta pesquisa.

Ao PPGFIL e a UERJ, este espaço que se tornou minha casa e por quem sempre estarei à postos para defender dos ataques à universidade pública de qualidade.

À CAPES pelo apoio recebido a este trabalho de pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Às queridas amigas e amigos do curso de filosofia, pelo apoio e companheirismo.

Ao professor Gustavo Costa e todos os membros do GENI Grupo de Estudos Nietzsche (UFC), pela amigável acolhida nas reuniões do grupo.

## PÁSSARO ALBATROZ (VOGEL-URTEIL)

Que maravilha! Ele ainda está voando?  
Ele sobe e as suas asas repousam?  
Que é que o levanta e carrega?  
Qual é, para ele, a meta, o curso e o freio?

Ele voou até o mais alto – agora  
O próprio céu sustenta o vitorioso voador:  
Agora ele descansa e paira,  
Esquecido da vitória e do vencedor.

Como as estrelas e a eternidade  
Vive ele agora em alturas de que a vida foge,  
Tendo compaixão até mesmo da inveja -;  
E voou alto quem apenas o viu planar!

Ó pássaro albatroz!  
Para o alto me empurra um eterno impulso.  
Pensei em ti: então me correram  
Lágrimas e lágrimas – sim, eu te amo!

*Nietzsche em Aurora*

## RESUMO

BANDEIRA, Maria P.S. *Um estudo sobre o caráter contra hegemônico do tipo além-do-homem*. 2020. 95 f. Dissertação. (Mestrado em Filosofia) –Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Este trabalho se interessa por apresentara hipótese de Nietzsche para uma autossuperação humana, por ele representado na figura do além-do-homem, principalmente em sua dimensão contra hegemônica. A pesquisa parte da crítica à metafísica tradicional a fim de atingir o modelo de sujeito normativo da racionalidade científica europeia, investigando os caminhos de superação do homem decadente da modernidade. Este que é descrito por Nietzsche como o último homem, do niilismo passivo, descrente, que se lança contra a vida é investigado por seu antagonismo ao homem superior. O estudo busca na proposta de transvaloração dos valores uma nova ética que traga potência ao humano em superação, fortalecido por uma cultura trágica e entregue à tarefa de tornar-se quem se é. Finalmente, a análise busca tecer um arranjo teórico que leve à reflexão de problemas da contemporaneidade, principalmente os relativos às questões identitárias, como possibilidades de abertura para o *Übermensch*, compreendido como síntese de forças contrárias no corpo da humanidade e impulso para sua superação.

Palavras-chave: Além-do-homem. *Übermensch*. Autossuperação. Nietzsche.

## RESUMÉ

BANDEIRA, Maria P.S. *Une étude sur le caractère contre-hégémonique du type au-delà-l'homme*. 2020. 95 f. Dissertação. (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Ce travail s'intéresse à la présentation de l'hypothèse de Nietzsche d'un dépassement de soi humain, représentée par lui dans la figure de l'au-delà-homme, principalement dans sa dimension contre-hégémonique. La recherche part de la critique de la métaphysique traditionnelle pour atteindre le modèle de sujet normatif de la rationalité scientifique européenne, en explorant les moyens de surmonter l'homme décadent de la modernité. Celui qui est décrit par Nietzsche comme le dernier homme, de nihilisme passif et incrédule, qui pousse contre la vie est recherché pour son antagonisme à l'homme supérieur. L'étude cherche dans la proposition de transvaluation des valeurs une nouvelle éthique qui donne le pouvoir à l'humain de surmonter, renforcée par une culture tragique et confiée à la tâche de devenir qui on est. Enfin, l'analyse cherche à tisser un agencement théorique qui conduit à la réflexion des problèmes contemporains, principalement ceux liés aux problèmes d'identité, tels que les possibilités d'ouverture pour *Übermensch*, compris comme une synthèse de forces opposées dans le corps de l'humanité et une impulsion pour les surmonter.

Mots clés : L'au-delà-homme. *Übermensch*. Dépassement de soi. Nietzsche.

## LISTA DE ABREVIATURAS UTILIZADAS DAS OBRAS DE NIETZSCHE

ABM –	Além do bem e do mal
AC –	O Anticristo
CI –	Crepúsculo dos ídolos
Co Ext –	Considerações extemporâneas
EH -	<i>Ecce homo</i>
FT -	A filosofia na época trágica dos gregos
GC -	A gaia ciência
GM -	Genealogia da moral
HDH -	Humano, demasiadamente humano
NT -	O nascimento da tragédia
SVM -	Sobre verdade e mentira num sentido extramoral
Z -	Assim falava Zaratustra
FP -	Fragmentos Póstumos

Seguindo a nomenclatura sugerida pelos Cadernos Nietzsche:

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>DA SUPERAÇÃO</b> .....	16
1.1	<b>Superação da metafísica</b> .....	16
1.2	<b>Superação do ideal de verdade</b> .....	25
1.3	<b>Superação do último homem</b> .....	32
2	<b>DO JOGO DE FORÇAS</b> .....	39
2.1	<b>Política e Estado Moderno</b> .....	39
2.2	<b>Tipologias do senhor e do escravo</b> .....	44
2.3	<b>Vida e vontade de potência</b> .....	50
3	<b>ALÉM DO HOMEM</b> .....	54
3.1	<b>O anúncio do além-do-homem</b> .....	54
3.2	<b>Condições de possibilidade para a experiência de autossuperação</b> .....	64
3.3	<b>Para além de Nietzsche</b> .....	72
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	88
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	92

## INTRODUÇÃO

Meu interesse pelo tema do além-do-homem nasceu da seguinte pergunta: é possível pensar alguma superação para a humanidade, visualizar a afirmação da vida por parte de um tipo autonomamente criador, apesar destes tempos de extensa massificação cultural? Diante do atual quadro de ameaça à liberdade de pensamento que o espectro fascista de extermínio das diferenças traz, perante o massacre da vida em todas as suas manifestações, da vontade niilista que nos arrasta para o abismo, a filosofia de Nietzsche presentifica a catástrofe contemporânea e nos convida a pensá-la para além dela. Vivemos em uma sociedade calcada no progresso material que mostra seus limites, seja no crescente desgaste ambiental, seja no ser humano e suas patologias sociais da contemporaneidade, que trazem o esgotamento do modelo da racionalidade extrema. Somos prisioneiros de formas de sobrevivência, que nos afastam da nossa humanidade, que deveria ser estética, potente e criativa. A filosofia transvaloradora de Nietzsche aponta para a urgência da criação de novos valores, diferentes dos impostos ao mundo pela cultura uniformizante europeia, que reinventem o humano em plena vinculação com a potência da vida. Portanto, neste trabalho a hipótese de superação do atual estágio da humanidade é o objetivo principal a ser investigado.

Nietzsche buscou retomar a reflexão sobre o modo do homem ocidental ser e estar no mundo, pois encara a pergunta filosófica sobre o sentido da existência, de modo profundo. Sua formulação para a transvaloração dos valores refere-se aos processos sociais humanos e suas consequências em nosso viver e de nos relacionarmos com o mundo em que vivemos. Seus escritos trazem uma crítica contundente à emergente industrialização e a mediocrização implantada no estilo de vida da sociedade alemã de sua época. No limite, talvez possamos resumir a tarefa que Nietzsche se propôs como a busca pela aceitação de uma nova ética para o homem em um mundo que perdeu o sentido. Há uma relação direta entre o niilismo mais profundo e a autossuperação do humano.

Atualmente estamos vivendo o ápice da imposição dos valores ressentidos<sup>1</sup> que Nietzsche denunciava. Natureza e sociedade se tornaram instrumentos para o progresso mecânico da humanidade e, com isso, nos afastamos da simplicidade que

---

<sup>1</sup> Tipo de valores morais que se voltam contra os instintos e a potência da vida. Tipo de vontade dominada por instintos negativos, que se voltam contra si mesmos.

é proporcionada pela harmonia entre homem, meio ambiente e técnica, base da vida social. A sociedade altamente industrializada, tecnológica, e consumidora, encontra manufaturados em excesso, não deixando nenhum espaço para a criação. Indiferentes aos modos de produção, consumimos prontamente, sem questionar. Consumimos também o outro como um objeto de satisfação imediata e descartável, abandonando como supérfluo o tempo do convívio coletivo por conta do individualismo e competitividade da vida moderna. Este olhar indiferente nos robotizou e nos afastou do ser criativo que costumávamos ser originalmente, quando a ideia de avanço a todo custo não era um dogma humano. A esse respeito, Ailton Krenak, líder indígena, é uma importante voz da contemporaneidade que precisa ser ouvida:

O nome krenak é constituído por dois termos: um é a primeira partícula, kre, que significa cabeça, a outra, nak, significa terra. Krenak é a herança que recebemos dos nossos antepassados, das nossas memórias de origem, que nos identifica como “cabeça da terra”, como uma humanidade que não consegue se conceber sem essa conexão, sem essa profunda comunhão com a terra. Não a terra como um sítio, mas como esse lugar que todos compartilhamos, e do qual nós, os Krenak, nos sentimos cada vez mais desraigados – desse lugar que para nós sempre foi sagrado, mas que percebemos que nossos vizinhos têm quase vergonha de admitir que pode ser visto assim. Quando nós falamos que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: “Isso é algum folclore deles”; quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero, um dia bom, eles dizem: “Não, uma montanha não fala nada”. (KRENAK, 2019, págs. 48/49)

Krenak convida para adiarmos a visão apocalíptica colocada na ordem do dia do antropoceno, na versão soberba da civilização técnico-industrialista, contando como os povos indígenas vivem uma história de resistência aos muitos fins de mundo que os europeus impuseram às suas tribos, através de epidemias, extrativismo de recursos naturais e extermínio em massa.

Adiar o fim do mundo, vencer o sentimento de desesperança, resistir à sedução do consumo e do excesso de tecnologia e apontar saídas, eis o desafio a ser encarado. Enxergar a realidade e seus fenômenos com uma nova perspectiva, que não a utilitária do homem-máquina do capital, da ótica da acumulação e do consumismo. Por tudo isto considero o filósofo do martelo como uma importante fonte de aberturas que apontem para o ultrapassamento deste homem do fim do mundo, que ele define como o último homem.

Em Nietzsche aflora o interesse pelo tema do futuro da humanidade, como filósofo extemporâneo, conjuga seus conhecimentos de filólogo, sua atenção aos

problemas que lhe são contemporâneos, com uma visão histórica abrangente, para apontar caminhos de superação deste que ele nomeia homem do rebanho. Neste intuito, Nietzsche persegue o tema do homem de exceção desde o início de seus escritos, propondo cultivar o homem capaz de superar toda a cultura de massa e ousar ser ele mesmo. Parte da ideia do gênio, e segue aperfeiçoamento até o homem superior, o homem nobre, e finalmente, o além-do-homem (*Übermensch*).

Este trabalho tem como objeto a leitura das obras filosóficas de Nietzsche a respeito do tema da autossuperação humana, a fim de investigar a argumentação nietzschiana, principalmente no terceiro período de sua obra, buscando uma melhor apreensão das noções de aristocracia, relação hierárquica de forças, homem inferior e homem superior, vida como vontade de potência, e outros temas afins, que baseiam a argumentação da ética do além-do-homem.

A pesquisa decorre, principalmente, da análise das obras publicadas entre 1882 até 1888, ou seja, de *Gaia Ciência* à *Ecce Homo*, pois interessa o período que Nietzsche começa a expor sua filosofia da transvaloração da moral, intensificando a pesquisa na fase de criação de novos valores que vão caracterizar o humano superado. Eventualmente, também foram estudados comentários e fragmentos póstumos do período citado, como apoio ao entendimento dos assuntos tratados. Para estes foram usadas as versões traduzidas por Marco Antônio Casanova a partir das organizações de Giorgio Colli eazzino Montinari, trabalho que está consagrado pela pesquisa Nietzsche mundial. Também foram consultados os fragmentos de 1882 a 1888 reunidos sob o título *A Vontade de Poder*, edição crítica organizada por G. Colli e M. Mortinari.

Metodologicamente, divido este estudo em três partes, sendo as duas primeiras, dedicadas à abordagem das considerações nietzschianas sobre a necessidade de superação do niilismo e sobre a relação de forças antagônicas que impulsionam a vida na percepção do filósofo, por considerar estes temas importantes a fim de detalhar e aprofundar as bases para a formulação do tema do além-do-homem, que será melhor caracterizado a partir do terceiro capítulo deste trabalho. Dessa forma, nos capítulos iniciais este trabalho acompanha a crítica de Nietzsche à metafísica, ao conceito de verdade como bases do niilismo, servindo de fundamentação teórica que vai desde a crítica à moral até a transvaloração. Entendendo que, para chegar ao conceito de além-do-homem, se fez necessário compreender o método genealógico que Nietzsche empreende para detalhar os

modos de avaliações que dão fundamento à moral ocidental, posto que, a fim de caracterizar os tipos psicofisiológicos sociais, Nietzsche cria tipologias que estão em constante relação de antagonismo. Deste modo, torna-se claro aquilo que deve ser superado para, num contraponto, conceituar o tipo capaz desta tarefa. Parto, então, para a caracterização do *Übermensch*, eixo de efetivação para alcançar seu projeto de transvaloração.

Detalhando o formato que escolhi para trabalhar o problema, temos a seguinte montagem para o texto. No primeiro capítulo me dedico a esclarecer o tema do niilismo em Nietzsche e da necessidade de superá-lo, na metafísica, na linguagem e na configuração do último homem, a fim de alcançar o caminho para a transvaloração dos valores vigentes na sociedade ocidental. Todo o muro de convenções da moral dominante é examinado por Nietzsche através da crítica da cultura, da linguagem e da racionalidade que aponta para a “consciência do eu”, que fixa o sujeito universal.

No segundo capítulo interpreto as relações de forças instáveis que são para Nietzsche como a vida se expressa, em permanente tensão. Analiso este embate nas relações éticas da política e do trabalho na sociedade moderna, que se categorizam como tipos hierárquicos dominantes e dominados, senhores e escravos. A vida como vontade de potência finaliza o segundo capítulo.

No terceiro e último, considero a determinação do homem que se torna capaz de superar o último homem. Concentrando-me sobre o modo ético e estético do além-do-homem, relacionando o conceito de eterno retorno com a dimensão trágica da existência.

Finalizo buscando resolver o problema de quais as condições de possibilidade para que o homem possa superar a si mesmo, fundamentada principalmente na ética de Zaratustra, através da corporeidade, da fisiologia da grande saúde e da vivência do trágico.

Complemento minha análise confrontando os limites da reflexão de Nietzsche, desenvolvendo a tarefa extemporânea como visão histórica, identificando na superação do sujeito clássico, os caminhos onde se manifestam atualmente o tema do humano em superação. E em um para além do próprio Nietzsche, apontar as extensões do discurso “libertário” do filósofo do martelo, estudando sujeitos outros que não o eurocêntrico. Em relação a este particular, cito:

O único sinal de reconhecimento que se pode ter para com um pensamento como o do Nietzsche, é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar. Que os comentadores digam se se é ou não fiel, isto não tem o menor interesse. (FOUCAULT, P.143, 1979)

Tendo apresentado este panorama do trabalho que se segue, trago uma ressalva sobre a tradução do fonema alemão *übermensch*, posto que traduzir é já interpretar e a pesquisa Nietzsche no que diz respeito a palavra que representa o homem superado enfrenta uma imensa discussão. Nietzsche parece zombar dos intelectuais acadêmicos mais uma vez, ao utilizar o controverso prefixo *über*, que em alemão pode ser designado por *sobre*, *acima de*, *além de*, *exceder*, *ultrapassar*<sup>2</sup>. Definitivamente, não há um consenso sobre a tradução, menos ainda sobre sua interpretação. Quanto à palavra *mensch* designa tanto homem, pessoa, quanto ser humano. A nota que faz parte da primorosa tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho na edição de obras incompletas da coleção Os Pensadores, detalha essa polêmica.

Comentário léxico do tradutor Rubens Rodrigues Torres Filho – “além-do-homem” – por *Übermensch*, termo de origem medieval, calcado sobre o adjetivo *übermenschliches* (sobre-humano), no sentido inicial de “sobrenatural” – em latim *humanus*, homo, etimologicamente: o nascido da terra (de humus), cf.: “mas que se sacrificam à terra, para que a terra um dia se torne do além-do-homem” (prefácio de Zaratustra). Firmado pela tradição literária (Goethe, Herder) e renovado radicalmente por Nietzsche: ser humano, que transpõe os limites do humano. Na falta de uma forma como, p.ex., “sobre-homem” (como em francês *surhomme*), não há equivalente adequado em português, mas este próprio trecho de Zaratustra dá o contexto e a direção em que dever ser lida a palavra – “travessia”, o texto traz apenas a preposição *Hinüber*, como que solta no ar; *Übergang* (de *Übergehen*, passar sobre) está em simetria com *Untergang* (de *untergehen*, ir abaixo, declinar, sucumbir, que se usa também para o acaso dos astros) – numa tradução analítica, se diria: uma “ida-abaixo”; para “atravessar”, *hinübergehen*. Todos esses jogos com *Über* (sobre, por sobre, para além) são demarcatórios quanto ao sentido do prefixo em *Über-mensch*. (1999, p. 213)

Opto pela tradução além-do-homem por considerá-la a mais descritiva do problema, e é também a que está sendo mais utilizada pelos principais comentadores de língua portuguesa atualmente, ao invés de super-homem ou além homem, mantendo estes termos apenas quando a citação aplicada assim o grafou. Entretanto, *Übermensch* se refere à humanidade como um todo, e particularmente acho que a tradução mais potente para a compreensão do conceito seria além-do-humano, alargando as bordas conceituais que Nietzsche deixou, abarcando todas as pessoas, todos os seres humanos, todos os seres vivos, todas as humanidades

<sup>2</sup> Fonte Dicionário LANGENSCHIEDT Alemão-português.

possíveis. Ainda que o processo que Nietzsche descreve para a autossuperação seja um trabalho individual e autocrático, acredito ser pertinente pensar a hipótese da possibilidade de soberania para as múltiplas humanidades, para além do sujeito cartesiano europeu, em coletivos contemporâneos que trabalham o empoderamento de subjetividades.

Por fim, acreditando que fazer ciência, promover o conhecimento filosófico é equivalente ao atleta de revezamento, que carrega e passa o bastão adiante, entendendo que algo se produziu entre o momento que se pega o bastão e o que se passa. O que resultou desse processo de aprendizado e produção de conhecimento deve ser passado adiante, pois o que importa é o bastão seguir.

Só assim venceremos as pandemias da ignorância e do obscurantismo. É preciso ser resistência, intensificar a vida e seus processos, inventar novos e potentes mundos!

# 1 DA SUPERAÇÃO

## 1.1 Superação da metafísica

Para Nietzsche, que é o primeiro niilista consumado da Europa<sup>3</sup>, nunca houve uma fase anterior ao niilismo<sup>4</sup> na história do ocidente, pois este faz parte do processo que a move. Toda a tradição de nossa civilização resulta de um movimento em direção a um ideal hipotético. A saber, a metafísica platônica, com sua seta apontada para um mundo ideal, exprime no homem do ocidente, um modo de ser niilista que se amplia gradativamente, em direção a um vazio de sentido.<sup>5</sup> Em sua crítica à tradição, Nietzsche vai assinalar a falácia da ontologia, primeiro reconhecendo nela uma construção, ou seja, não há um “em si” dado em anterioridade às coisas do mundo. Além disso, denunciando o caráter de metáfora da linguagem Nietzsche demonstra como a ideia de verdade foi imposta para garantir os interesses de uma sociedade cada dia mais gregária. Produz um

<sup>3</sup> O próprio assume-se “como o primeiro niilista consumado da Europa, que, todavia, já viveu, ele mesmo, o niilismo em si até o fim, - que o tem atrás de si, abaixo de si, fora de si...” trecho de FP que se encontra no prefácio da coletânea de fragmentos (redigidos de 1882 a 1888) reunidos sob o título *A Vontade de Poder*, edição crítica organizada por G. Colli e M. Mortinari.

<sup>4</sup> Niilismo: etimologicamente a palavra vem do latim *Nihil* que significa nada.

<sup>5</sup> De um Fragmento Póstumo intitulado *Crítica ao niilismo* – 1. (FP 1887-1889 vol. II – 11(99) (351), onde Nietzsche identifica três tipos de niilismo como estado psicológico, destaco: “Dadas essa duas *intelecções*, a de que com o devir nada é obtido e a de que não vigora por debaixo de todo devir nenhuma grande unidade, na qual o singular pudesse submergir completamente como em um elemento de um valor supremo: então ainda resta como *refúgio* condenar todo o mundo do devir como uma ilusão e inventar um mundo que se encontra para além desse mundo do devir, um mundo *verdadeiro*. Contudo, logo que o homem descobre como esse mundo só ganhou espaço por necessidades psicológicas e como ele não tinha razão alguma para tanto, surge a última forma do niilismo, que encerra em si a *descrença em um mundo metafísico* – que se proíbe a crença em um mundo *verdadeiro*. Sobe esse ponto de vista, admite-se a realidade do devir como a *única* realidade, proíbe-se todo tipo de atalhos para transmundos e falsas divindades – *mas não se suporta esse mundo que já não se quer negar...* O sentimento da *ausência de valor* foi alcançado, quando se compreendeu que o caráter conjunto da existência não pode ser interpretado nem com o conceito de ‘meta’, nem com o conceito de ‘unidade’, nem com o conceito de ‘verdade’... Em suma: as categorias ‘meta’, ‘unidade’, ‘ser’, com as quais tínhamos inserido um valor no mundo, foram retiradas uma vez mais por nós – e agora o mundo parece *sem valor...* Gilles Deleuze explica dessa forma, em *Nietzsche et la philosophie* “Na palavra niilismo, *nihil* não significa o não-ser e sim, inicialmente, um valor de nada. A vida assume um valor de nada na medida em que é negada, depreciada. A depreciação supõe sempre uma ficção: é por ficção que se falseia e se deprecia, é por ficção que se opõe alguma coisa à vida. A vida inteira torna-se então irreal, é representada como aparência, assume em seu conjunto um valor de nada. A ideia de um outro mundo, de um mundo supra-sensível com todas as suas formas (Deus, a essência, o bem, o verdadeiro), a ideia de valores superiores à vida não se separam de seu efeito: a depreciação da vida, a negação deste mundo... Em seu primeiro sentido e em seu fundamento, niilismo significa portanto: valor de nada assumido pela vida, ficção dos valores superiores que lhe dão esse valor de nada, vontade de nada que se exprime nesses valores superiores.”

diagnóstico de como esses fatores criaram um falso ideal de homem, que nega a vida como se ela fosse aparência de um além identificado com o bem, o belo, o verdadeiro. Este homem assim constituído é iludido pela utopia de um ideal a ser atingido em relação à vida e a si mesmo, e torna-se doente de angústia por viver em negação ao real, ao devir e sua ausência de uma essência totalizada. O problema do niilismo é para Nietzsche muito mais um dado psicológico do que histórico.

O niilismo como estado psicológico precisará entrar em cena em primeiro lugar, quando tivermos buscado um 'sentido' em todo acontecimento, que não está aí: de modo que aquele que busca perde finalmente o ânimo. (NIETZSCHE, Fragmentos póstumos nov. 1887 a mar. 1889 – intitulado Crítica ao niilismo, 2012, pág.36)

Nietzsche conclama para a necessidade de superar a metafísica, assim como o ideal de verdade, a fim de criar condições de enfrentar o niilismo que aprisiona o homem ocidental.<sup>6</sup> O niilismo começa a brotar na sociedade civilizatória nos seus primórdios, avança seu domínio na modernidade e contemporaneamente transborda por toda parte, no esvaziamento de sentido na política, na ética, no Estado e na economia. Na tentativa de esclarecer este movimento começo pela análise do que Nietzsche chama a invenção da metafísica. Importante salientar que não se trata de destruição da metafísica, pois como demonstra Nietzsche, através da linguagem somos necessariamente metafísicos e conseqüentemente niilistas. Superar e transcender a idealidade metafísica é tarefa possível ao além-do-homem, que domina seu destino e através da fidelidade à terra, compreende o eterno retorno<sup>7</sup>.

A mentira do ideal foi até agora a maldição da realidade; a própria humanidade, nesse ponto, foi mascarada e falseada até nos seus mais íntimos, até na adoração dos valores opostos àqueles que só poderiam garantir o seu florescimento, o futuro e o alto direito ao porvir.(NIETZSCHE, Ecce Homo, 2013, P.20).

Bem antes de Platão conceber a hipótese das formas perfeitas do mundo das ideias, é em Anaximandro de Mileto que Nietzsche identifica o começo da cisão entre *physis* (natureza ou física) e *metàphysis* (para além da natureza ou física), que

<sup>6</sup> Sobre o tema do niilismo, afirma Karl Löwith: "Com maestria psicológica, Nietzsche fez visível este niilismo europeu na sua origem histórica e em seus modos de aparição na ciência, na arte, na filosofia e na política. O resultado de seus quinze anos de reflexão foi a Vontade de potência, que também inclui a doutrina do eterno retorno. O niilismo como tal pode significar duas coisas; ele pode não apenas ser o sintoma de uma decadência definitiva e má vontade com a existência, mas pode também ser um primeiro sintoma de fortalecimento além de uma nova vontade de existir – um niilismo dos fracos ou dos fortes. Essa ambigüidade do niilismo como a origem da modernidade é própria de Nietzsche." (LÖWITH In De Hegel a Nietzsche, 2014. Pág.236)

<sup>7</sup> Estes temas serão esclarecidos à medida em que o trabalho se desenvolve.

iria dividir a filosofia helênica nas suas duas principais perspectivas, constituídas pelo legado dos pensamentos de Parmênides e Heráclito.

Em *A filosofia na era trágica dos gregos* Nietzsche descreve Anaximandro como um pessimista e o primeiro metafísico por “ver em todo o vir a ser como uma emancipação repreensível do ser eterno, como uma injustiça a ser expiada com o ocaso” (Nietzsche, 2011, p. 49/50). O discípulo de Tales, ao encarar o problema da origem una, que para seu mestre era uma substância presente em tudo (água), pergunta como da unidade se faz necessária a multiplicidade e conclui com a seguinte sentença : “onde as coisas têm a sua origem – é lá também que devem perecer, por necessidade; pois devem fazer penitência e redimir-se de suas injustiças, conforme a ordem do tempo”(Coleção Os pensadores/ Os pré-socráticos, 1978, p. 17).

Anaximandro é o primeiro a colocar o problema ético de qual o valor da vida e depreende que todo ente em seu vir-a-ser está em dívida com sua origem e por isso a vida é uma sentença a ser cumprida no seu tempo. Além disso pensa o *ápeiron* (sem limite) como princípio (*arché*) já que para que o vir-a-ser não cesse deve necessariamente originar-se no ilimitado, indefinido, para além da *physis*, sendo, portanto, um elemento metafísico. Anaximandro parte de uma observação empírica do mundo em constante transformação, definido e limitado, e chega a uma meta origem ilimitada e indefinida. Assim sendo, bem antes de Platão, dois mundos aparecem na filosofia: o indeterminado (*ápeiron*) e o determinado (*physis*). Nietzsche identifica em Anaximandro o surgimento da corrente filosófica que influenciou Parmênides (que nomeia como profeta da verdade esculpido em gelo), Platão e até mesmo Kant em seu conceito de *coisa em si*.

Por sua vez, a identificação de Nietzsche com o pensamento de Heráclito está no modo como este encara o aparecer das coisas. A visão cosmológica do pensador de Éfeso, fala de um princípio abarcante de tudo, cujo *logos* é percebido na mobilidade e em sua guerra constante (*Pólemos*).

Sobre Parmênides, contemporâneo de Heráclito, Nietzsche diz que foi o prelúdio do tema da ontologia e que ao contrário de Heráclito que intuiu o *logos* a partir da observação da realidade, Parmênides parte para o caminho da condenação dos sentidos, nega-lhe a capacidade de apreensão do real e de pensar abstrações, criando assim a separação corpo e espírito, que viria a se consolidar na filosofia de Platão. Em Parmênides, somente através do pensamento (espírito) seria possível

abstrair e chegar à natureza do ser. Em seu poema *Sobre a Natureza*, o narrador é levado pela deusa ao único caminho verdadeiro, o do ser. Este é também, como diz o poema, o único caminho possível, já que o não ser não pode ser pensado.

Não, impossível que isto prevaleça, ser (o) não ente.  
 Tu porém desta via de inquerito afasta o pensamento;  
 Nem o hábito multiexperiente por esta via te force,  
 Exercer sem visão um olho, e ressoante um ouvido,  
 E a língua mas discerne em discurso controversa tese por mim exposta.  
 Só ainda (o) mito de (uma) via resta, que é;  
 E sobre esta indícios existem, bem muitos, de que ingênito sendo é também imperecível,  
 Pois é todo inteiro, inabalável e sem fim; nem jamais era nem será, pois é agora todo junto, uno, contínuo; pois que geração procurarias dele?<sup>8</sup>

Retomemos a crítica que Nietzsche faz à metafísica tradicional, concebida como cisão entre o sensível e o suprassensível que determinaria o *modus operandi* binário do mundo de acordo com tal perspectiva ontológica. Em um dos fragmentos póstumos da primavera de 1888, Nietzsche coloca assim seu parecer:

Parmênides disse ‘não se pensa aquilo que não é’ – nós estamos no outro fim e dizemos: ‘o que pode ser pensado precisa seguramente ser uma ficção’. O pensamento não tem nenhuma pega para o real, mas apenas para... (NIETZSCHE, 2012, p. 299)

Uma possível interpretação desta refutação é a de que necessariamente nosso contato primordial com o mundo fenomênico é dado pelo intuitivo, o que resultaria que, tanto pensamento como linguagem são para Nietzsche ficcionais, na medida em que o que entendemos por real é uma interpretação perspectivista e, deste modo portanto, pensamento e linguagem são produtores de signos metafóricos, resultantes de processos criativos. Logo, não se pensa a partir do conhecimento verdadeiro parmenídico, posto que não há tal ‘em si’ suplantando o não-ser. O anteparo do *logos* de Heráclito, por sua vez, é justamente a intuição e que em Parmênides se constituiria como um pensar puro, um tipo de razão que rejeita o testemunho dos sentidos. Deste modo, Nietzsche vai extrair do adágio de Parmênides, a condição de possibilidade à gênese da metafísica.

Em *Crepúsculo dos ídolos*, na sexta e última seção incluída em *A ‘razão’ na filosofia*, temos quatro proposições que Nietzsche nos presenteia para resumir a

---

<sup>8</sup> Poema ‘Sobre a natureza’ de Parmênides – Fragmentos dos Pré-Socráticos. Coleção Os Pensadores, 1978, Pág.142/143

questão e as comentarei em particular. A primeira proposição<sup>9</sup> conclui que já que um outro mundo é indemonstrável, designar ‘este’ mundo como aparente é a prova de sua realidade. Quando Anaximandro pensa o ilimitado (ápeiron) para dar conta do problema do mundo fenomênico e seu eterno vir-a-ser, rompe com as bordas do conhecido, criando o vasto e profundo desconhecido, gerador da angústia do vazio<sup>10</sup>. Nietzsche expõe a falácia da tradição que precisa negar o mundo das sensações para dizê-lo aparência de um mundo racionalmente inatingível, que a tradição filosófica atribui atestado de conhecimento verdadeiro.

A segunda proposição<sup>11</sup> diz que tudo que se refere ao ‘ser verdadeiro’ são características do não ser. Portanto, o que a tradição legou como mundo verdadeiro é o inexistente, o vazio, o nada. Logo, o falso. Só se pode dizer o Ser pelo seu desvio. Trata-se de uma fraude predicativa, pois diz-se o Ser, isolado e estável, pelo não Ser. Nietzsche afirma que a consciência do filósofo foi acometida da segurança, a *certeza subjetiva* na manipulação das categorias da razão. (Nietzsche, 2000, p.29)

A terceira<sup>12</sup> fala da fábula transmudana, criada por tipos mesquinhos e decadentes, que colocam a vida e suas mutações sob suspeita pelo ideal de um outro mundo inatingível pelos sentidos, instaurador de um além. Este tema será aprofundado por Nietzsche na seção que se segue, sob o título de *Como o ‘mundo verdadeiro’ acabou por se tornar fábula*, traçando um caminho descendente que começa com o filósofo (platonismo) e passa por movimentos na história como positivismo, iluminismo, modernismo, numa alusão à essa consciência dominante sob o signo da verdade, da unidade, que sempre retorna ao vazio, à ausência de sentido palpável.

---

<sup>9</sup> “Os motivos que fizeram com que se designasse “este” mundo como aparente fundamentam muito mais sua realidade. – Um *outro* tipo de realidade é absolutamente indemonstrável”. CI pág.30

<sup>10</sup> Anaximandro pensa a origem de toda multiplicidade como um princípio não físico. “Essa unidade última naquele ‘indeterminado’, matriz de todas as coisas, por certo só pode ser designada negativamente pelo homem, como algo a que não pode ser dado nenhum predicado do mundo do vir-a-ser que aí está, e poderia, por isso, ser tomada como equivalente à ‘coisa-em-si’ kantiana.”( Nietzsche, *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos*)

<sup>11</sup> “As características que foram dadas ao ‘Ser verdadeiro’ das coisas são características do não-Ser, do *Nada*. Construiu-se o ‘mundo verdadeiro’ a partir da contradição com o mundo efetivo: de fato, o mundo verdadeiro é um mundo aparente, à medida que não passa de uma ilusão *ótica de ordem moral*.” CI pág.3029)

<sup>12</sup> “Criar a fábula de um mundo ‘diverso’ desse não tem sentido algum se pressupusermos que um instinto de calúnia, de amesquinamento, de suspeição da vida não exerce poder sobre nós. Neste último caso, nos vingamos da vida com a fantasmagoria de uma ‘outra’ vida, de uma vida ‘melhor.’” CI pág.30

A quarta e última proposição<sup>13</sup> é resumida dizendo que essa cisão de mundos é um sintoma de decadência, haja vista que do sábio da antiguidade, ao cristianismo e kantismo e suas categorias da razão, todos estão reféns das ilusões da gramática. Por acreditarem no Ser, foram arrastados ao erro e por isso, o mundo experimentado se tornou insuficiente e inferior em relação a um outro mais elevado e moralmente superior. Em contraposição está o artista trágico que diz sim àquilo que produz questão, que incita ao trágico, portanto, a vida com todas as suas contradições.

A partir desta compreensão do que Nietzsche identifica como sintomas de decadência na história do ocidente, podemos agora analisar o lugar de Platão e Sócrates neste quadro pintado pelo filósofo do martelo. Com Platão nasce o lugar do transcendente, nomeado como mundo das ideias, reino metafísico das essências, que deixam o interior dos acontecimentos para ganhar um valor universal, tornando a materialidade do mundo dos sentidos mera correspondência de algo eterno, e as coisascópias e simulacros do uno verdadeiro.

Receei que minha alma viesse a ficar completamente cega se eu continuasse a olhar com os olhos para os objetos e tentasse compreendê-los através de cada um de meus sentidos. Refleti que devia buscar refúgio no logos e procurar nele a verdade das coisas. (PLATÃO, Os Pensadores, 1979, p.106)

O pensamento platônico é marcado pela estabilidade que o discurso sobre o ser de Parmênides quis realizar, e pelo pressuposto de que conhecer significa chegar até algo bem definido e superior à multiplicidade. Temos no diálogo o *Banquete* um exemplo das características das essências.

Verá um [belo] que, em primeiro lugar, é eterno, que não nasce nem morre, que não aumenta nem diminui, que além disso não é em parte belo e em parte feio, agora belo e depois feio, belo em comparação com isto e feio em comparação com aquilo, belo aqui e feio acolá, belo para alguns e feio para outros, conhecerá a beleza que não se apresenta como rosto ou como mãos ou qualquer outra coisa corporal, nem como palavra, nem como ciência, nem como coisa alguma que existia em outra, como por exemplo num ser vivo ou na terra ou no céu. Beleza, ao contrário, que existe em si mesma e por si mesma, sempre idêntica, e da qual participam todas as demais coisas belas. Estas coisas belas individuais, que participam da

<sup>13</sup> “Cindir o mundo em um ‘verdadeiro’ e um ‘aparente’, seja do modo cristão, seja do modo kantiano (um cristão *pérfido* no fim das contas) é apenas uma sugestão da *décadence*: um sintoma de vida *que decai*... O fato de o artista avaliar mais elevadamente a aparência do que a realidade não é nenhuma objeção contra essa proposição. Pois ‘a aparência’ significa aqui *uma vez mais* a realidade; só que sob a forma de uma seleção, de uma intensificação, de uma correção...O artista trágico não é nenhum pessimista. Ele diz justamente *sim* a tudo que é digno de questão e passível mesmo de produzir terror, ele é *dionisíaco*...” Cf pág.30

beleza suprema, ora nascem ora morrem; mas essa beleza jamais aumenta ou diminui, nem sofre alterações de qualquer espécie. (PLATÃO, Os Pensadores, 1979, p. 42)

A ideia traz a qualidade do que é eternamente aquilo que é, permanecendo sempre idêntica a si mesma. Podemos inferir, portanto, que o que é real precisa excluir a instabilidade do vir-a-ser, que se torna em Platão pura aparência, ou seja, não verdadeiro. O mundo físico e mutável, das aparências enganadoras, dos sentidos que iludem, afastam do mundo da realidade perfeita, das formas belas, divinas e imortais, essências que só através do inteligível, da *epistemê*, podem talvez ser alcançadas.

O “*em si*” (*autòkath’autò*) platônico, ou “o mesmo segundo ele mesmo”, pressupõe essa abstração, posto que a nada se relaciona, sugerindo que a forma universal tem a si mesmo como atributo. Em Nietzsche este “em si” metafísico é inalcançável ficção e, já que estamos imersos no devir e somos parte dele, este só pode ser compreendido enquanto enigma. Não há uma solução ao devir, uma meta a ser alcançada para fora dele, é preciso mergulhar na dinâmica da multiplicidade. É a “vontade de verdade”, aponta o filósofo, que inventa uma solução metafísica para aplacar a necessidade de pertencer a uma totalidade ordenada e previsível, que mobiliza o homem a pensar metafisicamente.

Em seu livro, *Sonhos e Pesadelos da Razão Esclarecida*, Osvaldo Giacóia Júnior. explica:

Platão constitui, para Nietzsche, na história da cultura ocidental, o primeiro epocal empreendimento de transvaloração de todos os valores: sua resignificação de conceitos e valores cardinais da vida grega arcaica implicou a abertura dos horizontes espirituais em que o pensamento filosófico posterior viria a se inscrever, particularmente o dualismo anímico-corporal, o predomínio dos ideais ascéticos, o triunfo da incondicional vontade de verdade, a separação entre arte e ciência e a instituição de uma significação moral para a existência do mundo e da história humana. (GIACÓIA: 2005, p.27)

Este critério metodológico utilizado por Platão para alcançar a essência das coisas levou ao que Nietzsche aponta no prólogo de ABM como dogmatismo, já que não possui nenhum fundamento. Criticando a moral metafísica e cristã, Nietzsche irá imputar à Sócrates e Platão a conta pela decadência do homem em relação aos seus instintos nobres, que desembocará no cristianismo, responsável por disseminar

o “platonismo para o povo”<sup>14</sup>. Na GM Nietzsche aponta a raiz deste problema na vitória dos sacerdotes sobre os guerreiros, a vitória da saúde fraca sobre a saúde transbordante dos cavaleiros-aristocráticos. A impotência dos sacerdotes toma uma proporção monstruosa por ter o ódio como afeto impulsor de uma moral do ressentimento que enaltece a humildade, pobreza e castidade como bem-aventurança. O filósofo do martelo identifica em Platão, como discípulo de Sócrates, o ascetismo da moral própria do modo sacerdotal, especialmente na necessidade de afastamento da realidade pela hipótese das ideias<sup>15</sup> que aponta os objetos do conhecimento distintos das coisas empíricas, cujas essências seriam formas inteligíveis e metafísicas, separadas do mundo sensível. Mas é no platonismo que Nietzsche carrega sua crítica mais contundente, posto que é através da utilização da filosofia de Platão que a religião cristã se tornou moral hegemônica. Assim, entregue à aversão aos sentidos e à busca aos ideais supremos de pureza espiritual, o homem se fixa a utopias consoladoras, e desenvolve uma ética escravizante, a moral do ressentimento.

No fato de o ideal ascético haver significado tanto para o homem se expressa o dado fundamental da vontade humana, o seu *horror vacui* [horror ao vácuo]: ele precisa de um objetivo – e preferirá ainda querer o nada a nada querer. (NIETZSCHE, GM, 2009, pág.80)

Nietzsche empenha-se em discutir a questão da religião judaico-cristã por se tratar da moral dominante na modernidade, cujo caráter de entorpecimento torna o homem fraco, decadente e reativo, impedindo o avanço das forças de caráter aristocrático, e assim consequentemente, de uma nova interpretação moral. Dentro desta metodologia, ao explicar o cristianismo como uma força dominante, Nietzsche aponta para seu caráter humano e não divino.

Eu condeno o cristianismo, faço à Igreja cristã a mais terrível das acusações que um promotor já teve nos lábios. Ela é, para mim, a maior das corrupções imagináveis, ela teve a vontade para a derradeira corrupção possível. A Igreja cristã nada deixou intacto com seu corrompimento, ela fez de todo valor um desvalor, de toda verdade uma mentira, de toda retidão uma baixeza de alma. Que ninguém ouse me falar de suas bênçãos “humanitárias”! Suprimir alguma aflição ia de encontro a seu interesse mais profundo – ela vivia de aflições, ela criava aflições, a fim de eternizar-se... O verme do pecado, por exemplo: foi a Igreja que enriqueceu a humanidade

<sup>14</sup> Nietzsche conclama os espíritos livres à luta “contra Platão, ou, para dizê-lo de modo mais simples e para o ‘povo’ a luta contra a pressão cristã-eclesiástica de milênios – pois cristianismo é platonismo para o ‘povo’...” (NIETZSCHE, 2005, pág. 8)

<sup>15</sup> Epistemologicamente, a hipótese das ideias procura demonstrar o espaço da essência das coisas, sendo aquilo que permanece sempre idêntico e imutável. Do ponto de vista da moral, aponta para um ideal a ser buscado nas formas perfeitas.

com essa aflição! – A “igualdade das almas perante Deus”, essa falsidade, esse pretexto para as *rancunes* [os rancores] de todos os espíritos baixos, esse explosivo de conceito que afinal se tornou revolução, ideia moderna e princípio declinante de toda a organização social – é dinamite cristã...Bençãos “humanitárias” do cristianismo! Cultivar na humanitas uma contradição, uma arte da auto violação, uma vontade de mentira a todo custo, uma aversão, um desprezo de todos os instintos bons e honestos! – Eis as bençãos do cristianismo! (NIETZSCHE, AC, 2016, p. 78)

A publicação da obra *o Anticristo* data de 1888, ou seja, 132 anos se passaram e neste tempo o cristianismo se fortaleceu como moral dominante no ocidente. Em nossos dias exerce seu domínio majoritariamente através da igrejas protestantes neopentecostais, uma renovação do cristianismo que se coaduna com os atuais ideais do capitalismo em sua versão neoliberal. O filósofo *Giorgio Agamben* em entrevista concedida à *Peppe Salvà* e publicada por Ragusa News em 16.08.2012 diz “Deus não morreu, ele se tornou dinheiro”,<sup>16</sup> ao se referir à crescente economicização da vida religiosa, política e social.

A identificação do idealismo platônico com a concepção cristã de Deus é crucial para entender a filosofia antimetafísica de Nietzsche, posto que sua crítica à busca pelos valores supremos vai desembocar na análise do tipo de niilismo resultante da “morte de Deus”. A expressão “morte de Deus”<sup>17</sup> utilizada por Nietzsche argumenta sobre a dissolução dos parâmetros metafísicos que conferia sentido às ações humanas, pois “trata-se de Deus enquanto conceito metafísico sintetizador de todos os demais conceitos da tradição responsáveis por caracterizar a estrutura meta-empírica do mundo” (Cabral,2014, p.29). Pensamento que se move à sombra do niilismo, a morte de Deus, metáfora nietzschiana para a supressão do em si, analisa o vazio resultante da perda de sentido ontológico.

Vivendo à sombra do Deus morto, a humanidade segue declinando em busca de um novo absoluto que lhe traga sentido à vida. Em CI, Nietzsche combate o ascetismo cristão afirmando uma postura de defesa da vida: “Dou formulação a um princípio. Toda e qualquer posição naturalista na moral, isto é, toda e qualquer moral saudável, é dominada por um princípio de vida.”<sup>18</sup> Tal postura presente desde os escritos da juventude, será desenvolvida no decurso de seu pensamento filosófico, levando Nietzsche a ser considerado o filósofo da vida.

<sup>16</sup> Informação retirada do site da revista Unisinos: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>

<sup>17</sup> Ver aforismo 125 (*O homem louco*) de GC e no prólogo de Z.

<sup>18</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Crepúsculo dos ídolos, 2000, pág.36

Nietzsche aponta para um caminho radical, que mergulha num tipo ativo de niilismo e extrai dele um caráter positivo, uma interpretação de sentido na multiplicidade do devir. Não mais o delírio metafísico, mas o assombro trágico da realidade como ela é. Se com a morte de Deus o mundo suprasensível desapareceu, aniquilou também com sua cópia e este sentimento de abandono faz com que o homem perca seus horizontes de sentido.

O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda “em cima” e “embaixo”? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos caveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? (NIETZSCHE, GC, 2012, p.138).

Neste aforismo temos a denúncia primeiramente da morte dos ideais transcendentais, sentida como desaparecimento de Deus, de transcendentais metafísicos. Mas a notícia da morte de Deus ainda não chegou aos homens e estes vivem à sombra do Deus morto. Em seguida o aforismo fala da morte dos ideais do iluminismo que, na modernidade substituem os valores divinos pelos humanos, através da ciência e sua vontade de verdade. Como a ciência ocidental mesma não consegue dar conta de todas as questões humanas, isto também resulta em niilismo.

No entanto, é no sensível real que um novo sentido transborda e nele os espíritos livres poderão encontrar seu caminho de superação, na criação de novos e afirmativos valores, acolhendo a perda de referências como possibilidades de exercer a gaia ciência. Esta interpretação nietzschiana sobre valores afirmativos será melhor elaborada em capítulos subsequentes.

## 1.2 Superação do ideal de verdade

Vimos que, desde a viagem de Parmênides conduzido pelas filhas do sol até o reduto da verdade (*Alétheia*), o problema do absoluto passa a ser percebido como

ideal a ser buscado, atravessando a história ocidental fixado em conceitos como ser, essência, unidade, identidade, sujeito, Deus.

A crítica à filosofia em Nietzsche exige necessariamente uma crítica à linguagem, já que esta é apontada como a matéria-prima para a construção do edifício da verdade. É através do choque com a metafísica tradicional que Nietzsche cria múltiplos caminhos de expressão do real, como forma de dizer o vir-a-ser do mundo. Se em Sócrates e Platão temos claramente o objetivo de encontrar um horizonte de sentido, um referencial, em Nietzsche é escancarado a ausência de finalidade e sentido último para a vida. Racionalmente, pelo caminho dialético, a filosofia igualou e se fixou a conceitos, eliminando contradições, o que Nietzsche vai caracterizar como a grande mentira do ideal.

Sendo assim, à medida que sua filosofia amadurece, os escritos nietzschianos se afastam da sistematização que segue a via argumentativa, marca da filosofia lógico-racional. Busca uma narrativa cada vez mais poética e menos conceitual, que se expressa através de aforismos, mitos e poemas, ou mesmo tragédia, como em Zaratustra.

Imbuído da missão de depor o lugar de domínio da lógica argumentativa presente na tradição filosófica, Nietzsche faz uso de diferentes estilos em sua escrita, o que suscitou muitas críticas no mundo acadêmico em relação à sua obra, considerada por vezes, destituída de valor filosófico. Porém, um olhar mais cuidadoso logo deduz que o objetivo principal de criar através de diversos estilos de linguagem, ora fazendo uso da discursividade argumentativa, ora de aforismos e poemas, foi o de permitir movimento ao pensamento filosófico, sendo, portanto, bastante condizente com a sua posição de crítico da tradição lógico dialética. Esta multiplicidade de estilos de Nietzsche, torna evidente a possibilidade de novos modos de expressão filosófica, assim como de afecção por parte dos seus leitores. Nietzsche é um criador de imagens, e as utiliza em lugar do conceito lógico formal da tradição racional, demonstrando um caminho múltiplo e aberto a interpretações, sem se encerrar em formulações conclusivas.

Esta liberdade estética que lhe é peculiar tornou possível sua obra principal (segundo ele próprio), *Assim falou Zaratustra*, imprescindível para sintetizar seu pensamento filosófico em forma de metáforas, distanciando-se de qualquer perspectiva doutrinária e restritiva. Interessa ao filósofo demonstrar os fluxos de pensamentos possíveis nas leituras de seus argumentos filosóficos. Ao manobrar

seus estilos de fazer filosofia, Nietzsche demonstra que o conflito, a contradição e a instabilidade são necessidades para que o espaço de problematização esteja sempre aberto, tratando de lançar seu leitor na dinâmica da impermanência.

Não se trata de renunciar ao conceito, mas de repensá-lo em sua representação dogmática. O que Nietzsche faz é demonstrar a multiplicidade de possibilidades do fazer filosófico, prescindindo da unidade totalizante. Para tanto, o caminho estético apresentou-se como o mais aberto, propiciando à ousadia de Nietzsche a liberdade necessária, não só à sua filosofia, como ao seu fazer poético e musical, expressões de um modo de viver visceral.

Tratando mais especificamente do tema da linguagem, o texto *Sobre verdade e mentira no sentido extra moral*<sup>19</sup>, começa por analisar o instinto de conhecimento no homem ocidental e do impulso à formação de metáforas, e de como os dois aspectos juntos construíram as unidades conceituais, movido pela necessidade de viver em grupo. O intelecto humano, desenvolvido na mais frágil criatura, foi o meio que a humanidade se serviu para a conservação da espécie, pois tão logo aprendeu a representar as imagens que lhe chegavam por estímulos nervosos, levado por intuições, em um salto epistemológico, aprende a emitir sons que atribui às coisas. Nietzsche pontua a relatividade e fragilidade do conhecimento humano e o quanto o homem se ilude a respeito de sua importância no mundo. Afirma que as palavras são metáforas das coisas, não correspondendo a nenhuma essencialidade original ou causa primeira, e que este é um atributo dado pela razão dialética. É por necessidade gregária que o homem ocidental consolida conceitos, atribuindo-lhe valores hierárquicos e esquece que as metáforas são meras representações, dando-lhe valor de verdade. Nietzsche aponta que a necessidade de apaziguamento grupal foi responsável por cercear o fluxo interpretativo da linguagem, impedindo sua recriação estética e a força plástica capaz de ressignificar os signos. As convenções linguísticas, dadas arbitrariamente pelas relações entre hermenêutica e linguagem, acabam por produzir o contraste entre verdade e mentira. Por utilitarismo, as concepções de essência ou causa, princípios estes abstratos e totalmente antropomórficos, assumem o lugar de verdade universal. É deste modo que, dominado pela vaidade da razão, o homem passa a viver sob o domínio de abstrações e nelas crer absolutamente. Por esquecimento das diferenças, força a referência para formar os conceitos.

---

<sup>19</sup> Este é um escrito póstumo, que foi ditado ao amigo Carl Von Gersdorff no verão de 1873.

Todo conceito surge pela igualação do não igual. Tão certo como uma folha nunca é totalmente igual a uma outra, é certo ainda que o conceito de folha é formado por meio de uma arbitrária abstração dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do diferenciável, despertando então a representação, como se na natureza, além das folhas, houvesse algo que fosse 'folha', tal como uma forma primordial de acordo com a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, contornadas, coloridas, encrespadas e pintadas, mas por mãos ineptas, de sorte que nenhum exemplar resultasse correto e confiável como cópia autêntica da forma primordial. (NIETZSCHE, Sobre verdade e mentira no sentido extra moral, 2007, p. 35)

Até este ponto, as informações precedentes serviram para entender o caminho epistemológico que Nietzsche percorreu em sua crítica à unidade como fonte de sentido, esse modo da transcendência de fixar um absoluto no além-mundo e valorá-lo como verdade, tornando-se na história do ocidente o princípio de ordenação que norteia a cultura, as religiões e as instituições da antiguidade até os nossos dias. Podemos dar um salto para o período que mais nos interessa, a saber o que se cunhou como o terceiro e último, onde o Nietzsche maduro propõe novos valores que conduzam a humanidade à superação. Em *Crepúsculo dos ídolos* (1888), que Nietzsche atribui ser o primeiro livro da *Transvaloração de todos os valores*, no capítulo "Os quatro grandes erros", o filósofo analisa as relações de metonímia entre causa-consequência, apontando nelas a confusão que leva a tomar por causa o que é efeito. No sétimo item deste capítulo, *Erro da vontade livre*, Nietzsche coloca como que o "caráter de inocência do vir-a-ser", sendo suprimido pelo desejo moral de vigiar e punir, culpabilizando o homem por suas ações e as consequências delas oriundas.

Os homens foram pensados como 'livres', para que pudessem ser julgados e punidos – para que pudessem ser culpados. Consequentemente, toda ação precisaria ser considerada como desejada, a origem de toda ação como estando situada na consciência –“ (NIETZSCHE, *Crepúsculo dos ídolos*, 2000, p. 49)

Seguindo adiante, pretendo encaminhar o debate sobre o problema da consciência humana, que levará à análise da relação entre consciência e subjetividade, ou da relação entre o que se decidiu chamar 'consciência' e 'linguagem'. As questões relativas à falácia da unidade do sujeito também serão abordadas, no intuito de compreender como Nietzsche vai desconstruindo os muros que cercam o indivíduo moderno, já que as questões aventadas pelo filólogo sobre a linguagem, descortinam a perspectiva fundante que permitiu construir a ideia de um tipo específico de ser humano. Tipo este que Nietzsche convoca à auto superação

que levará ao além-homem. Em *A Gaia Ciência* assim Nietzsche elabora a questão da consciência:

O problema da consciência (ou, mais precisamente, do tornar-se consciente) só nos aparece quando começamos a entender em que medida poderíamos passar sem ela: e agora a fisiologia e o estudo dos animais nos colocam neste começo de entendimento (necessitariam de dois séculos, portanto, para alcançar a premonitória suspeita de Leibniz). Pois nós poderíamos pensar, sentir, querer, recordar, poderíamos igualmente 'agir' em todo sentido da palavra: e, não obstante, nada disso precisaria nos 'entrar na consciência'. A vida inteira seria possível sem que ela se olhasse no espelho: tal como de fato, ainda hoje a parte preponderante da vida nos ocorre sem esse espelhamento – também da nossa vida pensante, sensível e querente, por mais ofensivo que isto soe para um filósofo mais velho. Para que então consciência, quando no essencial ela é supérflua? ...parece-me que a sutileza e a força da consciência estão sempre relacionadas à capacidade de comunicação de uma pessoa (ou animal), e a capacidade de comunicação, por sua vez, à necessidade de comunicação..." (NIETZSCHE, 2012, p.221)

Analisando este aforismo, que ironicamente Nietzsche intitula "*O gênio da espécie*", percebemos inicialmente que o filósofo conversa criticamente com outros que lhe antecederam no problema da consciência. Ao citar, *en passant*, "a premonição de Leibniz", traz a reflexão sobre a metafísica deste, em que o homem não é somente racional, mas também *perceptio* e *apetitus*, isto é, representação e desejo. Portanto, a fisiologia e a zoologia confirmam o que Leibniz<sup>20</sup> havia dito, que não é a consciência parte essencial no homem, mas uma ínfima porção de uma subjetividade, que compõem aquilo que chamamos todo, que é o corpo. Nietzsche diz que, ao constatarmos, que a consciência não é essência, não é fundamento, e que poderíamos passar sem o fenômeno da autorreflexão de si, já que a vida acontece independente deste espelhamento, necessitamos fazer a pergunta: Para que consciência? A resposta em Nietzsche é que ela é imprescindível ao homem social, gregário, tendo nascido concomitantemente com a linguagem.

Dentro da tradição filosófica a unidade abstrata do eu, fundada pela lógica gramatical, é que conduz o pensamento, isto é, de certa forma desde Platão (conceito de alma), passando por Descartes (*Cogito ergo sum*) e Kant (eu transcendental). Nietzsche vai provocar uma implosão neste sujeito que se esconde por trás de todo pensamento, colocando que a memória é consequência de uma rede de relações, lidando com informação recebida, incorporada e processada, de forma instintiva, não necessitando da autoconsciência. Esta função está relacionada à capacidade e à necessidade de comunicação, sendo acionada de geração a

---

<sup>20</sup> Wilhelm Leibniz, foi um filósofo racionalista nascido na Alemanha em 1646.

geração, e não depende de uma excepcional consciência singular, do “gênio da espécie”, mas dos homens pertencentes à comunidade, num circuito entre os indivíduos que dela fazem parte. Nietzsche mostra a gênese comum entre consciência, linguagem, comunicação e sociedade, e respondendo à pergunta sobre a necessidade da consciência, afirma que ela se desenvolveu justamente pela pressão desse acúmulo de linguagem oriunda da aptidão para a comunicação. A sociedade, nascida da obrigação de viver junto com os demais para sua proteção, sendo o animal mais frágil e ameaçado, levou o homem à necessidade de saber (consciência) o que precisava para comunicar ao bando. Então, a consciência que temos de nossos estados não é um dado natural, foi o ser social que necessitou e criou os signos linguísticos e por conseguinte, a consciência, que é necessariamente gregária, e somente porque o homem é um ser social que ela é útil. Este “saber” que se refere àquilo que está na consciência, se limita a ela, mostrando que não há onipotência e nem onisciência do ser ciente, pois é um “saber” parcial, limitado à perspectiva da razão instrumental.

O que sabe o homem, de fato, sobre si mesmo! Seria ele sequer capaz, em algum momento, de perceber inteiramente, como se estivesse numa iluminada cabine de vidro? Não se lhe emudece a natureza acerca de todas as outras coisas, até mesmo acerca de seu corpo, para bani-lo e trancafiá-lo numa consciência orgulhosa e enganadora, ao largo dos movimentos intestinais, do veloz fluxo das correntes sanguíneas e das complexas vibrações das fibras! (NIETZSCHE, SVM, p. 28)

Fazendo uma ligação com o texto *Sobre Verdade e Mentira num sentido extramoral*, a questão da singularidade é tratada como algo que não pode ser comunicado, não pode se tornar comum, e nada teria a ver com consciência de si, este sujeito sustentado pela tradição. A consciência vai sempre necessitar da linguagem, que é tal ponto de confluência da sociedade, e não há nenhum sujeito essencial ou causal neste processo. Ao contrário, a busca por um em si, que é na verdade pela consciência racional, leva a distanciar-se cada vez mais daquilo que é singular, tornando a expressão cada vez mais comum, mais vulgar, já que, “conhecer a si mesmo” na interpretação de Nietzsche, será sempre na perspectiva do rebanho. É o que o filósofo vai apontar como acúmulo, excesso, ou mesmo aquilo que se consagrou como riqueza cultural. Assim sendo, o gênio da espécie nada mais é do que essa consciência comum, a razão da tradição filosófica, limitada à expressão linguística, ao *Logos*. Além disso, como crítico das ideias iluministas que produzem uma valoração maior da razão como lugar da verdade, Nietzsche faz

essa análise no intuito de mostrar como a consciência e a linguagem são ferramentas, instrumentos necessários para a vivência no plano coletivo e que portanto, o acesso ao *em si* não poderia ser através do excesso de consciência. Este julgamento, que necessariamente trabalha nos limites do material filosófico, posto que foi utilizando-se da própria linguagem que Nietzsche pôde criticá-la, não pretende ser uma teoria do conhecimento, pois a oposição sujeito e objeto, aparência e coisa em si, não interessam ao ponto de vista nietzschiano, já que tanto esta oposição quanto sua hierarquia se dão, segundo ele, apenas dentro das malhas necessárias às regras gramaticais. A base dessas regras que alicerça o edifício dos conceitos é um acordo social que simula e delimita um campo linguístico como verdadeiro, para que se torne comum e compreensível ao grupo. Fenômeno e coisa em si são aqui representações, assim como sujeito e objeto.

Nosso entendimento é uma força pouco profunda, é superficial. Ou, como também se lhe denomina, é “subjetivo”. Ele conhece através de conceitos: isso significa que nosso pensamento é um rubricar, um nomear. Algo, portanto, que resulta de um arbítrio do homem e que não remonta à própria coisa. (NIETZSCHE, F P 1966).”

Por esta razão, Nietzsche conclama à solidão, para que a singularidade criativa possa surgir sem pressão das normas da sociedade. Zaratustra, em *Das moscas do mercado*, assim aconselha: “Foge para a tua solidão, meu amigo! Vejo-te atordado pelo barulho dos grandes homens e picado pelos ferrões dos pequenos” (Nietzsche, 2011, p.51). Ele fala aqui dos grandes homens, os gênios da espécie, os que se destacam na pregação linguística da moralidade, que confundem pelo barulho e são os detentores da verdade. Estão sempre indicando o caminho para os pequenos homens, os fracos de vontade, que vivem presos à consciência gregária e dela são dependentes.

Em *Notas do Subsolo*, romance escrito por Dostoiévski<sup>21</sup>, o personagem central e narrador da trama é o típico homem iluminista do século XIX, o intelectual que traz a consciência hipertrofiada, isto é, por pensar muito, nada age, não segue seus impulsos. O aposentado do governo que narra sua história neste livro, teve um efeito preciso sobre Nietzsche<sup>22</sup>, segundo ele mesmo em carta ao amigo

<sup>21</sup> Este romance foi escrito por Dostoiévski em 1864, logo após sair da prisão na Sibéria, condenado pelo regime czarista a quatro anos de trabalhos forçados.

<sup>22</sup> Com a diferença que o niilismo para Nietzsche está atrelado ao desenvolvimento do modo como a filosofia grega se tornou a experiência dominante no ocidente com o advento dos ideais ascéticos.

Overbeck<sup>23</sup> “A voz do sangue (como denominá-la de outro modo?) fez-se ouvir de imediato e minha alegria não teve limites.”

### 1.3 Superação do último homem

De fato, nós, filósofos e “espíritos livres”, ante a notícia de que “o velho Deus morreu” nos sentimos como iluminados por uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa – enfim o horizonte nos aparece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo perigo, novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, o nosso mar, está novamente aberto, e provavelmente nunca houve tanto “mar aberto”. NIETZSCHE, GC, 2012, p.208)

Como vimos anteriormente, o niilismo enquanto estado psicológico e existencial, surge da autoafirmação do eu absoluto, que reconhece como único sentido voltar-se contra si mesmo. Tal processo ressonante do ideal de verdade socrático-platônico, e perpetuado pelos conceitos fixados pela linguagem (logos) explode a partir da constatação da não existência de um sentido único transcendente. O personagem de Dostoiévski em *Notas do Subsolo*, aparece como um caráter tipicamente niilista, dominado por uma consciência hipertrofiada, entregue a um sentido negativado de tudo que o cerca. Encontra-se preso na dualidade dialética, não aceita nem a ciência, nem a ausência dela, nem o progresso, nem o atraso, nem a razão, nem a insensatez. Estes paradoxos tiram-lhe o solo da consciência, tornando-a instável e movediça. Toda sua experiência consiste em negar aquilo que lhe aparece como afirmativo, ruindo numa total falta de sentido. Para ele, “a consciência é uma doença” do seu tempo, e desta constatação parte para contar sua experiência niilista de vida, a de que é um homem doente.

Eu sou um homem doente...Sou um homem malvado. Sou um homem desagradável. Creio que tenho uma doença do fígado. Aliás, não compreendo absolutamente nada da minha moléstia e não sei mesmo exatamente onde está o mal. (DOSTOIÉVSKI, 2001, P.11)

Eis o homem paralisado diante de sua total impotência, que ressentido, volta-se contra si. E que paralisia é esta? Dostoiévski está apontando o problema do vazio de sentido de seu tempo, que Nietzsche vai conceitualizar com a morte de

---

Já em *Notas do Subsolo*, e outros romances russos deste período, tal fenômeno é percebido como típico daquele momento histórico, ou seja, da modernidade.

<sup>23</sup> Franz Overbeck, teólogo protestante alemão (1837-1905).

Deus. A consequência da desvalorização dos valores supremos e a centralização do sujeito pensante advindo dos ideais iluministas, é esta experiência do vazio, na qual o homem percebe não ser capaz de alcançar a esfera na qual depositou seus valores, questionando as crenças que colocou nas categorias da razão, que visavam esconder o nada, a ausência de um sentido último. Tendo que enfrentar o niilismo, mas ainda não preparado para valorar a esfera do real, o homem moderno encontra-se no meio desta travessia existencial. O tipo enfermo de Dostoiévski, sinal de fraqueza e esgotamento, é tratado por Nietzsche tipologicamente como o homem inferior, de natureza declinante, sob o regime da *decadéncia*, ou seja, da degeneração. Essa expressão configura-se em Nietzsche, segundo a compreensão de Giacóia da seguinte forma:

Processo de degeneração, dissolução anárquica de uma concreção vital, cuja estrutura e coesão consiste na hierarquia das forças que a constituem. Uma formação orgânica decadente caracteriza-se, pois como uma unidade em desagregação, cujas partes tendem à 'anarquia dos elementos', à dissolução da totalidade que outrora constituíam." (GIACÓIA, 2002, p.21)

Entretanto, ao contrário dos escritores russos que se detêm na descrição de personagens com caracteres marcadamente históricos, oriundos do século XIX, Nietzsche aprofunda a investigação sobre tais tipos de caráter, fazendo um recuo histórico. Na terceira dissertação da *Genealogia da Moral* tal relação de forças é investigada em suas origens mais remotas, quando Nietzsche nos fala sobre como os ideais ascéticos<sup>24</sup> tornaram o homem fraco, com um novo modelo de virtude, assentado no sofrimento como via para a salvação, em detrimento do homem nobre e forte, dos antigos ideais heroicos gregos. A obra *Odisseia* de Homero, trata da jornada do herói Odisseu, o tipo de homem nobre, cuja virtude está na força assertiva de sua ação. Justamente por seu caráter ativo e dominante, este é para Nietzsche o herói que vive com autenticidade e se entrega com todo o seu espírito ao seu destino. Já aos passivos, coube tudo o que era vulgar e plebeu. Deste *pathos da distância* nasce a contraposição entre o "bom" e o "ruim". Logo, enquanto cabiam ao guerreiro as ações reconhecidamente nobres, do homem comum

---

<sup>24</sup> "Não se pode em absoluto esconder o que expressa realmente todo esse querer que do ideal ascético recebe sua orientação: esse ódio ao que é humano, mais ainda ao que é animal, mais ainda ao que é matéria, esse horror aos sentidos, à razão mesma, o medo da felicidade e da beleza, o anseio de afastar-se do que seja aparência, mudança, morte, devir, desejo, anseio, tudo isso significa, ousemos compreendê-lo, uma *vontade de nada*, uma aversão à vida, uma revolta contra os mais fundamentais pressupostos da vida, mas é e continua sendo uma *vontade!* [...] O homem preferirá ainda *querer o nada a nada querer*[...]" NIETZSCHE, Friedrich. GM, 2009, P.139/140)

esperava-se as atividades rotineiras e enfadonhas. A criatividade, o impulso, a espontaneidade, o fazer sempre novo, partem do ideal do homem nobre, em que a própria ação significava vitória, felicidade e plenitude, vontade e potência.

Lembremos aqui da passagem em que Nietzsche traz a imagem das ovelhas e das aves de rapina<sup>25</sup>, para examinar como se formou a visão ressentida do fraco em relação ao nobre – autoproclamado “bom”. E como este ressentido passou a ser o injustiçado e deste modo “bom”, porém em um sentido totalmente oposto ao do nobre, que passa a ser considerado “mau”. O “bom” do ressentido refere-se àquele que sofre as injustiças, que aceita a dor sem reagir, guardando em sua fraqueza um anseio de vingança disfarçado contra o forte. Enquanto o fraco sente-se injustiçado e perseguido pelo forte, este segue seus impulsos naturais, seus instintos básicos, em ação por aquilo que lhe alimenta: a própria luta. As ovelhas não são encaradas como inimigas na visão do forte, pois o contrário é respeitado pelo guerreiro nobre. O que havia era o *pathos da distância* enquanto campo de distinção, lhes atribuindo uma posição hierárquica superior, aristocrática, que lhes garantia o direito de criar valores. Mas, entre as ovelhas, no seio do rebanho, nasce o sentimento de vingança que jamais se explicitará como força, por faltar-lhes o impulso, a coragem. Sua reação, doravante chamada piedade, nascerá da covardia. Nietzsche relaciona a moral do ressentido com o advento e afirmação da concepção ocidental judaico-cristã, pois o que era visto como nobre torna-se o vil, para que o fraco possa ser o mais valorado, permitindo que a nova ordem seja aceita como moral dominante.

A GM traz um salto na busca pelas origens da moral, tanto no sentido histórico-filosófico, quanto psicossocial. Ele avança no entendimento da original visão do homem nobre sobre o sentido de “bom”, visto que, fazendo uso do direito senhorial sobre a linguagem, dando nome e apropriando-se das coisas, estes nobres de categoria superior, cunharam para si o título de “bom”, enquanto ao homem pacato, cabe o “ruim”, aquele que não chega a própria excelência. A GM Também define o traço de caráter do homem nobre-guerreiro como superior, cujas atitudes são assertivas, afirmativas do ser que ele deve ser, pois por sua superioridade ele é o verdadeiro, aquele que é. O falso, o plebeu, o homem comum, transmutou-se em “ruim”, por sua subcondição, sua passividade e seu modo fraco

---

<sup>25</sup> GM I,13 p. 32

de viver. Não havia, portanto, no uso desta palavra um sentido pejorativo, “ruim” seria tudo aquilo que deixava de ser nobre.

O aristocrático, nobre e bem-nascido, só ele tinha a capacidade de nomear e alçar valor a todas as coisas, justamente por seu caráter ativo, dominante. O conceito de “bom” está ligado a esta ascendência e não necessariamente traduzia ações não egoístas. Esta marca definitiva só veio mais tarde, com a derrocada da aristocracia no âmbito moral, e com a reação ressentida. Para o tipo escravo, o tipo aristocrático é uma ameaça, por não se ajustar ao rebanho e não aceitar o pastoreio do sacerdote ascético.

Lembremos que, na antiguidade, o homem nobre era aquele que trazia uma linhagem divina. Porém, sucessivamente, temos a ascendência do modo de valoração sacerdotal, e dos conceitos de “puro” e “impuro”. Em termos antigos, “puro” designava o limpo, lavado, distante de impurezas, no sentido não simbólico, referente aos ritos consagrados à libação. Contudo, Nietzsche identifica neste afastamento da realidade algo nocivo à saúde, decadente e neurótico, presentes nas raízes dos ideais ascéticos. Há neste comportamento um desprezo pela vida, a negação, que se opõe ao guerreiro-nobre afirmativo e saudável.

O que é de temer, o que tem efeito mais fatal que qualquer fatalidade, não é o grande temor, mas o grande nojo ao homem; e também a grande compaixão pelo homem. Suponho que esses dois um dia se casassem, inevitavelmente algo de monstruoso viria ao mundo, a ‘última vontade’ do homem, sua vontade de nada, o niilismo.” (GM, 2009, p.103)

Voltemo-nos agora para Zaratustra, o profeta trágico, deixando a superabundância das montanhas altas e o êxtase da intensa claridade solar, para ir ao encontro dos homens e “novamente se fazer homem”. Nos anos de solidão, em sua caverna, ele alcança a sabedoria de que o homem deve ser superado, entende a necessidade de comunicar sua descoberta aos homens gregários e atados ao rebanho, e por isso interrompe seus dez anos de solidão. Zaratustra segue seu caminho de descida e ao encontrar a multidão na cidade mais próxima, anuncia: *“Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado.”*

Entretanto, antes de qualquer tentativa de chegar ao além-do-homem, é preciso encarar a face do último homem, *esta corda atada entre o animal e o além-homem*<sup>26</sup>. O último homem pergunta à Zaratustra, *o que é amor, o que é criação, o*

---

<sup>26</sup> do Prólogo de Zaratustra pág.16

*que é anseio, o que é estrela?* Ele é o homem cansado do homem<sup>27</sup>, totalmente desprezível, esvaziado dos valores supremos, sem nenhuma força, ou vontade. É o homem moderno, que tem com a vida uma relação mesquinha, que tudo espera da modernidade tecnológica, e que depois de matar Deus e colocar a ciência em seu lugar, substituindo os dogmas teológicos da idade média pelo sonho antropológico, acaba percebendo que se esgotaram as verdades a serem alcançadas. “Quanta verdade SUPORTA, de quanta verdade é CAPAZ um espírito?” (EH,2013, p.21). O último homem não se percebe como ponte, mas como objetivo final e concretizado, produto construído pela cultura da qual tanto se orgulha. Por isso, Zarathustra fala ao seu orgulho, pois crê que só assim será ouvido. Fala ao mais desprezível: o último homem. Provoca, para que ao experienciar o grande nojo a si mesmo, o homem anseie por autocriação, exercendo um niilismo ativo. Anuncia: “em breve o homem já não lançará a flecha de seu anseio por cima do homem” (Nietzsche, Z, p.18). Desaprenderá a desprezar-se e anulará qualquer chance de superar-se!

Animais de rebanho, presos a má consciência<sup>28</sup> e ao instinto de apequenamento que o torna escravo de uma certa ideia de sujeito homem, estes escravos têm medo de assumir sua singularidade, seu instinto criador, persistindo em continuar vivendo afastado de seu caminho de autossuperação e não assumindo seu fado de ser ponte para o super-homem. Atado às antigas tábuas de valores, que persistem mesmo na passagem para a modernidade, apoiadas pela moralidade cristã, este homem encontra-se paralisado no estado atual, como se tivesse atingido sua essência. Diante desse quadro podemos assumir que os problemas que Nietzsche enfrentava já eram os de nosso tempo, já que, engessados neste formato chegamos à contemporaneidade. Atualmente, temos à nossa volta o cotidiano dominado pela linguagem niilista através das mídias, dos meios de comunicação de massa, das redes sociais. Estamos presos à malha desta linguagem, que cria um

---

<sup>27</sup> “...Hoje nada vemos que queira tornar-se maior, presentimos que tudo desce, descende, torna-se mais ralo, mais plácido, prudente, manso, indiferente, medíocre, chinês, cristão – não há dúvida, o homem se torna cada vez “melhor”...E precisamente nisso está o destino fatal da Europa – junto com o temor do homem, perdemos também o amor a ele, a reverência por ele, a esperança em torno dele, e mesmo a vontade de que exista ele. A visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, se não isto?...Estamos cansados do homem...” GM I,12 – pág.32

<sup>28</sup> GM, Segunda Dissertação. Oswaldo Giacóia explica bem o termo, do seguinte modo: *Ao explorar a polissemia deste último termo, Nietzsche tem a intenção de indicar que a má consciência resulta de uma espécie de corrupção, de desvirtuamento da consciência moral, produzida por uma inversão na direção do ressentimento. (in Sonhos e pesadelos da razão esclarecida: Nietzsche e a modernidade – pág. 58)*

mundo uniformizante, globalizado. Somos produzidos por uma indústria cultural que dita normas de conduta, pensamentos, sensações e reações, sem nenhuma reflexão. Bombardeado por informações em tempo integral, o homem laborioso está imerso na cultura de massa, orientado para o consumo como fonte de felicidade, conceito deturpado pela indústria cultural.

Anteviu Nietzsche a uniformização do homem pela figura do seu menor, que chama “apequenamento do homem” aprisionado à má consciência, inerte pela promessa de um elevado modo de vida proporcionado pela tecnologia e seu ideal de conforto e prazer eternos. Até mesmo a vida, que se prolonga no homem cada vez mais através da medicina mecânica e suas tecnologias avançadas, entrega aos poucos seus valores de potência, na falsa ideia de eternidade temporal. O deserto cresce na calúnia da igualdade<sup>29</sup>, anulando as singularidades, fazendo com que o sujeito se iluda com o individualismo vazio do consumismo frenético da modernidade tecnológica. Escravo da cultura de massa, o sujeito perde seu caráter único, aquilo que Nietzsche destaca como necessidade de ser autêntico, tornar-se quem se é. Tal feito se torna muito difícil vivendo os valores impostos pela sociedade midiática, que dita as normas uniformizantes ao comportamento e ao sentir do homem, conduzindo-o como animal de rebanho ao consumo de itens que lhe despertam um hedonismo imediatista como fundamento da vida e fonte de felicidade.

O último homem se tornou escravo de sua *techné*, como está imagetivamente bem representado no filme “Tempos Modernos” (Chaplin, 1936) pois se entrega à atividade produtiva e rotineira do trabalho como virtude, não percebendo que a “dignidade” do trabalho mecânico substituiu a dignidade do próprio homem. Ofusca-se pela concupiscência e pelo consumismo exacerbado, já que seus antigos alicerces metafísicos, Deus, religião, ciência e verdade, já não lhe dão sustentação, e busca escapar a todo custo do sentimento de absurdo da vida. *Zaratustra* quer ensinar-lhe a não fugir de sua humanidade, a não temer sua finitude, inventando uma maneira de assumir a vida sem subterfúgios. Ao último homem *Zaratustra* ensina o sentido da terra, mostrando que o valor da vida está nela mesma, com todas as suas contradições e angústias, com todo prazer e toda dor. Logo, presumimos que o niilismo está calcado em um estado psicológico humano, e que

---

<sup>29</sup>Ver em *Zaratustra*: Das Tarântulas “É ‘vontade de igualdade’ – esse mesmo será doravante o nome para ‘virtude’, e contra tudo que tem poder levantaremos nosso grito! Ó pregadores da igualdade, é o delírio tirânico da impotência que assim grita em vós por ‘igualdade’; vossos mais secretos desejos tirânicos assim se disfarçam em palavras de virtude!” p.95

só a estética do ato criador possibilitará liberar a força de seus instintos primevos. Quando liberto da suposição de cisão entre verdade e aparência que fragmenta seu espírito, este homem mergulhará na força e potência do fenômeno. Percebendo-se como ente do devir, o homem concluirá que é no amor ao seu destino, *amor-fati*<sup>30</sup>, que sua potência se encontra. Única maneira de sobrepor-se a todo o niilismo de negação e reação, é trazer à tona e superar o que Nietzsche vai marcar como niilismo ativo: a hora do grande desprezo. O homem superior, o filósofo do futuro, que traz a força para criar e transvalorar toda a moral e cultura desde o platonismo, passando pelo cristianismo, até a ciência como base da verdade, revertendo todo o niilismo, é o que aceita e ama o eterno retorno e se coloca junto à vida, agindo como se todo ato fosse se repetir eternamente, afirmando e desejando cada momento do devir.

Um novo orgulho me ensinou meu Eu, que ensino aos homens; não mais enfiar a cabeça na areia das coisas celestiais, mas levá-la livremente, uma cabeça terrena, que cria sentido na terra! (NIETZSCHE, Z, Dos Transmundanos, 2011, pág.33)

Portanto, Nietzsche não só faz um diagnóstico da doença que se agrava em nosso tempo, apontando os séculos XX e XXI como marcadamente niilistas, como se dedica a indicar os caminhos de criação de novos valores que a filosofia do futuro deve adotar para vencer a doença, utilizando-se de seu próprio veneno como um antídoto. Como um niilista, conhece a fatalidade de seu tempo e é capaz de apontar caminhos de superação.

A verdadeira felicidade de minha existência, talvez a sua singularidade, consiste no seu destino: eu, para exprimi-lo em forma enigmática, como meu pai, já estou morto; como minha mãe, ainda vivo e envelheço. Esta dupla origem, que procede, de certo modo, do degrau superior e ao mesmo tempo do degrau inferior da vida, do que já está decadente, e de algo que começa agora, explica melhor do que qualquer outra razão esta mentalidade, esta independência e tudo quanto se relacione ao problema geral da vida, que constitui uma das minhas mais distintas qualidades. Para intuir com os indícios da subida e da descida, eu sou dotado de uma sensibilidade maior do que qualquer outra que fosse dada a um homem ter; eu sou o mestre por excelência, conheço um e outro, sou um e outro. (NIETZSCHE, Ecce Homo - Por que sou tão sábio, 2013, P.27)

---

<sup>30</sup> Do latim amor ao destino, sendo para Nietzsche a afirmação da capacidade de querer a vida como é necessário que seja.

## 2 DO JOGO DE FORÇAS

### 2.1 Política e Estado Moderno

No centro das questões filosóficas sobre as quais Nietzsche se debruça, está a *práxis* humana, o problema do niilismo ou pessimismo, e a necessidade de ultrapassar estas formas de negação da realidade. Em seu trabalho de genealogista dos valores, o filósofo alemão busca os caminhos que o homem percorreu até se entregar ao modo de valoração escravo, de submissão aos ideais espirituais ascéticos. Finalizei o primeiro capítulo desta dissertação, analisando os efeitos do niilismo no indivíduo, como ordenação moral deste modo de ser humano e seus sintomas de *decadéncia*. Neste segundo capítulo busco em Nietzsche as imbricações do niilismo de rebanho na cultura, na sociedade ocidental, a partir de seu olhar crítico sobre o século XIX, seu próprio tempo, assim como seu pensamento extemporâneo, que aponta para os dois séculos futuros, ou seja, XX e XXI. Munidos destes subsídios entendemos que, toda a engrenagem montada pelo excesso de razão decorrente do iluminismo e suas implicações sociais, políticas e econômicas, tornou o homem prisioneiro em sua própria máquina e que só um retorno à potência da vida e da criação pode verdadeiramente libertá-lo. Para chegarmos ao humano que supera a si mesmo em busca de seu destino, é necessário entender até aqui o caminho que a humanidade construiu, a história do ponto de vista nietzschiano, que não é linear e progressiva no sentido de algo maior, justo ao contrário disto, já que se encontra estagnada e corrompida. Nietzsche chega a dizer em um FP que “o europeu do século XIX se encontra, no que tange ao seu valor, muito abaixo do europeu do Renascimento.” (*Nietzsche, FP VII 11 [413]*)

Reação à cultura da máquina. – A máquina, ela mesma um produto da máxima energia intelectual, põe em movimento, nas pessoas que a utilizam, quase que só as energias inferiores, sem pensamento. Nisso libera uma infinidade de energia que senão permaneceria dormente, é verdade; mas não dá o impulso para subir mais alto, fazer melhor, tornar-se artista. Faz as pessoas ativas e uniformes – mas isso produz, a longo prazo, um efeito contrário, um desesperado tédio da alma, que por meio dela ensina a aspirar por um ócio pleno de mudança. (NIETZSCHE, HDH II, 2017, p.216)

O pensamento político de Nietzsche tem suscitado cada vez mais interesse pelos que pesquisam a sua obra. De fato, desde *O Nascimento da Tragédia* Nietzsche expressa esse caráter político, com fragmentos daquilo que iria

desenvolver-se em interpretações polêmicas. Em fase mais madura, a partir de ABM, seu pensamento político torna-se mais claro, decisivo e bastante controverso, no que diz respeito à ética aristocrática proposta, em uma sociedade hierarquizada, e até mesmo na defesa da escravidão, marcando a necessidade de afirmação da diferença entre fortes e fracos. Começo estas considerações pela análise que Nietzsche faz dos Estados nacionalistas que estão se fortalecendo em sua época.

Em algum lugar ainda há povos e rebanhos, mas não entre nós, irmãos: aqui há Estados.

Estado? O que é isso? Pois bem! Abri vossos ouvidos, pois agora vos falarei sobre a morte dos povos.

Estado é o nome do mais frio de todos os monstros frios. E de modo frio ele também mente; e esta mentira rasteja de sua boca: 'Eu, o Estado, sou o povo'.

Isso é mentira! Criadores foram aqueles que criaram os povos e deixaram uma fé e um amor suspensos sobre eles: assim serviram à vida. (NIETZSCHE, Z. Do novo ídolo, p.48)

A avaliação de Nietzsche sobre o Estado Moderno, toma por contraposição, o Estado primitivo Grego<sup>31</sup>. Nesta passagem de Zarathustra, ele trata especificamente sobre o tema, começando por dizer ainda existirem coletivos fortes e que por não necessitarem da falsa unidade estatal operando em suas vidas, mantem-se soberanos. Porém, onde o Estado estendeu seus tentáculos, esmagou os criativos, os que se sobressaltam ao rebanho. Nietzsche diz que o Estado existe para os mais fracos, para os que, por não saberem cuidar de si e alimentar sua potência criadora, submetem-se ao organismo estatal e à consciência do rebanho. Todos os que estão cansados da vida aderem ao Estado, que propõe garantir conforto e mansidão. O forte torna-se fraco ao ser cooptado, e passa a integrar rebanhos onde o individualismo hedonista é fomentado e a consequente supervalorização do 'eu', onde cada cidadão é um fim para si próprio, estratégia que ilude aos que ressentem pela falta de sentido, encobrendo com conforto e consumismo material, o vazio de suas existências.

Importante entender que Nietzsche não está propondo um retorno às sociedades nômades primitivas e muito menos sua posição leva à destruição do Estado, mas à sua superação por coletivos fortes. Porém, o Estado moderno burguês, ou em termos nietzschianos, a História sendo interpretada pela ótica do ideal ascético, é diagnosticado por ele como adoecido e mórbido, em todas as

---

<sup>31</sup> Para esclarecimentos sobre o tema do Estado Grego em Nietzsche ver "O Estado Grego" e "A disputa de Homero" in *Cinco Prefácios para cinco livros não escritos*, de 1872.

instâncias sociais, e, portanto, a humanidade precisa transpô-lo, para retomar os valores aristocráticos.

A fim de exceder este período enfermo, seria necessário a instalação da “grande política” em contrapartida à “pequena política” vigente no mundo ocidental. Trata-se da elaboração de novos e afirmativos valores, que devem ser criados pelos “filósofos legisladores”, estes segundo Nietzsche, são os que possuem verdadeiramente “espíritos livres” e a força necessária para reinterpretar a vida com toda a sua tragicidade. Valores condizentes com uma hierarquia de forças que ocorre na própria manifestação da natureza e da vida como um todo. Nietzsche busca mostrar que o conflito de forças plurais é natural e presente em todos os aspectos da vida, sendo sempre uma potência suplantada por outra, resultado momentâneo do incessante embate destas manifestações, e que tal dinâmica alternante é sinal de grande saúde.

Ainda agora a terra está livre para as almas grandes. Vazios estão ainda, para os solitários e os sozinhos a dois, muito lugares em torno dos quais corre o cheiro dos mares quietos.

Ainda está livre, para as almas grandes, uma vida livre.

Na verdade, quem pouco possui, tanto menos será possuído: louvada seja a pequena pobreza!

Ali onde cessa o Estado, apenas ali começa o homem que não é supérfluo: começa o canto do necessário, a única e insubstituível melodia.

Ali onde cessa o Estado \_ olhai para ali, meus irmãos! Não vedes o arco-íris e as pontes do super-homem? (NIETZSCHE, Z. pág.50)

Na GM, Nietzsche analisa tal configuração na sociedade ocidental, concluindo que fomos dominados por um modo mais fraco, que ele chama de “moral dos ressentidos”, ou “rebelião escrava da moral” (Nietzsche, ABM p.83) a partir da implantação de valores do tipo escravo e da moral da compaixão, oriundos do ideal ascético que se fortalece dentro do cristianismo.

A degeneração global do homem, descendo ao que os boçais socialistas veem hoje como o seu “homem do futuro” – como o seu ideal! –, essa degeneração e diminuição do homem, até tornar-se o perfeito animal de rebanho (ou, como dizem eles, o homem da “sociedade livre”), essa animalização do homem em bicho-anão de direitos e exigências iguais é possível, não há dúvida! Quem já refletiu nessa possibilidade até o fim, conhece um nojo a mais que os outros homens – e também, talvez, uma nova tarefa!... (ABM p.92)

É preciso um esforço no sentido de acompanhar tal gesto radical para tornar possível a compreensão da crítica que Nietzsche tece aos regimes políticos que surgem a partir das revoluções industrial e francesa (final do séc. XVIII), posto que

na perspectiva do filósofo, liberalismo democrático, socialismo, ou qualquer ideologia determinista, estaria impossibilitando e recalçando a dinâmica natural de forças alternantes. No comunismo, a classe operária tomaria o poder e nele se estabeleceria indefinidamente, criando uma sociedade sem classes, enquanto no liberalismo, temos o individualismo do mercado financeiro dominando a cena política<sup>32</sup>. Em qualquer dos casos, cessados ou melhor, cerceados os antagonismos, a sociedade estaria condenada à estagnação, e, portanto, à fraqueza e à escravidão. Nietzsche considera que os modos de fazer política na modernidade são típicos de uma sociedade doente, que negam a potência da vida. Para ele, é fundamental para uma cultura ser saudável a hierarquização da sociedade, numa escala de valores onde os mais fortes dominariam os mais fracos. Mas então o que Nietzsche propõe como forma de organização da sociedade dos futuros filósofos, homens de exceção que dominariam os fracos? No que consiste a ética afirmativa aristocrática?

Sabemos que a palavra aristocracia tem sua origem no grego, *aristokrateia*, composição de *Kratos* (domínio, comando) e *áristoi* (os excelentes, os notáveis). Filosoficamente, temos em Platão a aristocracia como o governo dos sábios, que munidos de sua virtude e ética, poderiam exercer um governo justo para todos os cidadãos.

YannisConstantinidès (2013)<sup>33</sup> defende em artigo que a “grande política” de Nietzsche está marcadamente inspirada em Platão. Ele trata minuciosamente o modo de Nietzsche ler Platão como legislador político educador, e o quanto esta leitura se contrapõe às interpretações usuais que o ocidente faz do platonismo. O primeiro ponto importante é que o já citado movimento antiplatonista de Nietzsche se

---

<sup>32</sup> No posfácio da edição de HDH II, o tradutor Paulo César de Souza faz um relevante comentário sobre esta questão: *A seção 285 trata da questão da propriedade privada. São conhecidas a tendência anti-igualitária de Nietzsche e suas críticas ao socialismo. Ele foi um dos primeiros – talvez o primeiro – a vaticinar que um Estado socialista só poderia se manter pelo terror (§ 273 de Humano). Aqui ele comenta a ilusão de que a eliminação da propriedade significaria o fim do egoísmo humano, ilusão que teve origem em Platão e é partilhada pelos socialistas. Ela deriva de um conhecimento falho da natureza humana, da crença de que há características “boas” essencialmente distintas das “más”. Mas como conciliar, então, propriedade e justiça social? Incentivando as atividades que favoreçam a geração de pequenas fortunas e dificultando o enriquecimento fácil: devem ser retirados de mãos particulares os ramos da economia que levam ao acúmulo de grandes riquezas, entre eles o das finanças. Pois, “tanto os que possuem demais como os que nada possuem devem ser considerados indivíduos perigosos para a comunidade”. (NIETZSCHE, 2017, P. 272)*

<sup>33</sup> CONSTANTINIDES, Yannis. Os legisladores do futuro: a afinidade dos projetos políticos de Platão e de Nietzsche. **Cad. Nietzsche**, São Paulo, n. 32, p. 109-147, 2013.

refere muito mais à moral do socratismo que Platão absorve após a morte de seu mestre, do que ao próprio autor da República<sup>34</sup>.

O que verificamos é que Platão em suas formulações políticas tem a admiração do filósofo alemão. Notemos que a cidade ideal platônica deve ser liderada pelo filósofo por excelência de virtudes, e que temos nos “filósofos legisladores do futuro” o correspondente nietzschiano. Na carta VII assim o diz Platão:

Fui obrigado a dizer, louvando a verdadeira filosofia, que a ela cabe discernir o politicamente justo em tudo dos indivíduos, e que a espécie dos homens não renunciará aos males antes que a espécie dos que filosofam correta e verdadeiramente chegue ao poder político, ou a espécie dos que tem soberania nas cidades, por alguma graça divina, filosofe realmente.(PLATÃO – Carta VII, 2008)

Outro ponto importante é o interesse de Nietzsche no código de Manu<sup>35</sup>, que ele nomeia “não pessimista embora sacerdotal”<sup>36</sup>. Assim Yannis aponta:

Não é por acaso se o nome de Platão surge espontaneamente sob a pena de Nietzsche, como termo de comparação, quando ele descobre as Leis de Manu: é, de fato, com olhos platônicos que ele lê esta obra, ficando mais tempo nas passagens sobre o casamento (livro III), sobre a autoridade e as prerrogativas dos reis (livro VII), a mistura das castas (livro X), e sobre as disposições previstas para manter a ordem das castas (livro XI), ou seja, sobre o conjunto das disposições que o interessaram no projeto político platônico.” (2013, p.35)

Nesta chave de compreensão proposta, a separação da sociedade em castas dos Brâmanes, que teria sido a inspiração para Platão no entender de Nietzsche, seria também a que inspira o filósofo do martelo. A filosofia de criação de novos valores está atrelada à adesão a ideia dos filósofos legisladores, casta superior de homens que está imbuída do dever de guiar a sociedade. A grande diferença de Nietzsche para Platão é que, enquanto este no espírito de Manu, atribui a repartição e hierarquização das classes a um atributo divino, Nietzsche se assume como legislador, a maneira de Maquiavel, afirmando-se na força do martelo para destruir antigas tábuas de valores.

<sup>34</sup> “Existe algo na moral de Platão que não pertence realmente a Platão, mas que se acha apenas em sua filosofia; quase se poderia dizer, apesar de Platão: trata-se do socratismo, para o qual ele realmente era nobre demais.”(ABM Pág.78)

<sup>35</sup> Código de Manu é parte integrante dos livros bramânicos (o *Mahabharata*, o *Ramayana*, os *Puranas* e as *Leis Escritas de Manu*. Inscrito em Sânscrito, constitui-se na legislação do mundo indiano e estabelece o sistema de castas na sociedade Hindu. Foi redigido entre os séculos II a.C. e II d. C.

<sup>36</sup> Carta a Peter Gast de 31 de maio de 1888 (apud Yannis, 2013)

Para a crítica ao código de Manu: - todo o livro baseia-se na mentira sagrada - aprimorar a humanidade – a partir de onde essa intenção é inspirada? De onde o conceito do melhor é retirado? – encontramos um tipo de homem, o tipo sacerdotal, que se sente como norma, como ápice, como expressão suprema do tipo homem: é a partir daí que ele toma o conceito do 'melhor' – ele acredita em sua superioridade, ele também a quer na ação: a causa da mentira sagrada é a vontade de poder... Trabalhou aqui a reflexão mais a sangue-frio, o mesmo tipo de reflexão que era apresentada por um Platão, quando ele pensou o seu 'Estado'...'É preciso querer os meios, caso se queira a meta' – todos os legisladores tinham clareza quanto a essa inteligência dos políticos. (NIETZSCHE FP15[45] VII, 2012, p.394)

Neste mesmo sentido vai a crítica de Nietzsche à Rousseau, que lhe confere superficialidade e otimismo metafísico no que concerne a fé numa virtude anterior a toda sociabilidade, que supostamente garante o sucesso de seu contrato social. Nietzsche vai dizer que todo Estado nasce de uma ação violenta, e o império da gregariedade imposto aos que são submetidos, para que sustentem o *status quo* dos que os dominaram pela força. Desse modo, o direito serve para garantir que se cumpra o contrato social que beneficiará os conquistadores. O tipo escravo nasce junto com o Estado, com o direito de guerra bárbaro. Por isso Nietzsche vai afirmar que não é possível haver Estado sem escravidão.

Utilizei a palavra "Estado" está claro a que me refiro – algum bando de bestas louras, uma raça de conquistadores e senhores, que, organizada guerreiramente e com força para organizar, sem hesitação lança suas garras terríveis sobre uma população talvez imensamente superior em número, mas ainda informe e nômade. Deste modo começa a existir o 'Estado' na terra: penso haver-se acabado aquele sentimentalismo que o fazia começar com um 'contrato'. Quem pode dar ordens, quem por natureza é 'senhor', quem é violento em atos e gestos – que tem a ver com contratos! (NIETZSCHE, GM II, P.69)

## 2.2 Tipologias do senhor e do escravo

De todos a guerra é pai, de todos é rei; a uns indica deuses, outros homens; de uns faz escravos, de outros, livres. (HERÁCLITO, Fragmento 21[LIII], 2012)

Anteriormente iniciei a análise de que a vida em Nietzsche é resultado da relação de forças plurais onde a cada momento determinada força lidera a outra. Assim, sendo o sujeito transitório e plural, a configuração que o representa é o resultado momentâneo deste incessante embate de forças. E o *agon*<sup>37</sup> se dá entre os que superam e os que são superados, senhores ou escravos deste cambiante cenário. O capítulo nono de ABM é dedicado a esclarecer o tipo nobre, em

---

<sup>37</sup> Em grego: luta, combate

contraposição ao tipo escravo, como eixos hermenêuticos da dinâmica social. O nobre é aquele que, inteiro no acontecimento da vida, não re-age, não ressentido como o escravo atrelado a uma memória fixada, mas age sempre superando o que lhe afete, seja o sofrimento, seja a alegria momentânea. O homem de ação aristocrática age segundo a sua própria medida, possui um olhar voltado para seu *em si* e dele não se afasta, mesmo quando afetado pela exterioridade. Se Platão confere atributo superior divino ao intelecto aristocrático, o que vale lembrar é muito distante do que um lugar de nascença privilegiado como tradicionalmente foi conferido aos nobres, em Nietzsche, o atributo de aristocracia moral é de certo uma espécie de força espiritual, já que tem seu valor manifesto pela qualidade e pelo *quantum* da vontade, que se expressa como potência.

- O que é nobre?... Não são as obras, é a fé que aqui decide, que aqui estabelece a hierarquia, para retomar uma velha fórmula religiosa num sentido novo e mais profundo: alguma certeza fundamental que a alma nobre tem a respeito de si, algo que não se pode buscar, nem achar, e talvez tampouco perder. A alma nobre tem reverência por si mesma. (NIETZSCHE, ABM, P.174)

Neste nono capítulo de ABM Nietzsche faz uma síntese da distinção entre a moral dos senhores e a dos escravos, mostrando como esta seleção ocorre. A interpretação do valor nasce do *pathos* da distância. O tipo senhorial em Nietzsche é auto-afirmativo, ou seja, não necessita do olhar do escravo para se sentir superior, pois a potência não precisa de nenhuma afirmação externa a si para dominar. Se faz necessário que haja a diferenciação, que é esse *pathos* que assume perspectiva para dar sentido<sup>38</sup>, sendo esta diferenciação inerente ao modo de vida gregário, onde domina a ideia de identidade e do outro. Porém, não há um sentido pré-determinado, os modos são inter-relacionais, os tipos se dão no processo de vir-a-ser e nas atitudes que demonstram como interpretam a si mesmos e as experiências vividas. A força se manifesta de acordo com o afeto que a comanda, expressando um determinado tipo de valor. Portanto, significa uma qualidade que se expressa deste ou daquele modo, e não uma essência definida anteriormente ao fenômeno. A perspectiva do escravo tem no outro o seu princípio de interpretação, sendo passivo e, por outro lado, reativo ao modo de ser do senhor.

---

<sup>38</sup> Cito uma imagem de Zarathustra que ilustra bem o que é este *pathos* da distância necessário: “E, porque necessita de alturas, necessita de degraus e da oposição entre os degraus e os que sobem! Subir quer a vida e, subindo, superar-se.” (Z - Das Tarântulas, P.95)

Numa perambulação pelas muitas morais, as mais finas e as mais grosseiras, que até agora dominaram e continuam dominando na Terra, encontrei certos traços que regularmente retornam juntos e ligados entre si: até que finalmente se revelaram dois tipos básicos, e uma diferença fundamental sobressaiu. Há uma moral dos senhores e uma moral de escravos. (ABM, p.155)

Neste aforismo Nietzsche diz que a civilização pressupõe alguma moral vigente, sendo dominantes em determinados casos uma moral ativa e em outros uma passiva, ressentida. E que esse jogo alternante de forças está sempre presente e intrinsecamente atado um ao outro, desde que o homem ocidental abandonou o nomadismo e se tornou gregário. O tema do homem das massas é uma das principais pautas em sua crítica à modernidade, e um dos elementos centrais é a denúncia da pretensão de igualdade como tentativa de falsear a realidade para enquadrá-la, esmagando qualquer tentativa de criação, buscando instituir modos de pensar e interpretar universalmente válidos.

Para Nietzsche, a democracia moderna promove injustiças em nome da igualdade. Ao partir do princípio de que todos os homens nascem iguais, julga-se existir uma natureza humana que sirva de parâmetro para atribuir direitos e deveres aos cidadãos. Ora, se Nietzsche se coloca como um crítico da metafísica do sujeito, esse modelo não poderia deveras ser aceito por ele. Nem como ideal, tampouco como ética da igualdade pode ser um pressuposto válido, pois como já foi dito, para Nietzsche tal 'moral do rebanho' é responsável pelo nivelamento no modo de ser fraco e ressentido, no que ele vai nomear os escravos da moderna barbárie civilizada.

Acompanhando esta reflexão, na sociedade atual, consumista e competitiva, tal ética da igualdade promove injustiças, como por exemplo, critérios como o da meritocracia, que coloca o indivíduo em uma realidade supostamente igual para todos, bastando seu esforço pessoal para alcançar sucesso e merecer o privilégio do mando. Acredita-se que, através do trabalho, todos podem possuir tudo que o mundo moderno oferece, e os preguiçosos, os que não se dedicam o suficiente, não merecem um lugar na escala social.

Neste particular, é óbvio que a concepção aristocrática da política em Nietzsche, assim como seu posicionamento crítico àquele momento histórico, mereceriam uma análise mais detalhada, mas que não cabem aqui, já que o objetivo principal destes escritos é ir delineando os contrapontos entre os tipos senhor/escravo que se compõe em sua filosofia das forças, com o objetivo de

chegar ao conceito de além-do-homem, que sintetiza imagetivamente essa dinâmica de superação.

Por ser um problema recorrente na obra do filósofo alemão e relacionado ao tipo escravo, quero ainda tratar da concepção da modernidade sobre política e economia, que se baseia na suposição da dignidade do trabalho, propondo conferir aos homens um viver honrado. Assim diz Nietzsche:

Para as raças laboriosas é um grande fardo suportar o ócio: um golpe de mestre do instinto inglês foi tornar o domingo tão sagrado e tedioso que, sem se dar conta, o cidadão inglês anseia novamente pelos dias de trabalho da semana. (ABM, p.78)

O que é perceptível é que se promove um suposto sentimento de bem estar na atividade laboriosa, ao invés da simples obrigação, pois, toda fadiga é recompensada pelo sentimento de dever cumprido. Mas esse prazer não é como o do artesão criativo em ver sua obra finalizada, já que o trabalhador moderno raramente tem sua técnica atrelada ao espaço da ação criativa, pois sua ação é repetitiva e encadeada ao modo de produção industrial. Atuação reativa a um peça que se encaixa na peça de montagem que lhe cabe produzir na escala industrial, seu fazer é alienado e o trabalhador mesmo é uma peça nesta composição. A moderna divisão do trabalho faz de cada um especialista em uma parte específica, sem que se sinta responsável pelo produto ou serviço final, pelo todo da obra.

...essa divisão técnica em especialidades é o fim do pensar orgânico – inspirado e movido pela perspectiva do sentido –, e também o primado da concepção quantitativa do rentável, que exige a equação entre operação e utilização do tempo integral: eliminação de todo resto, de todo tempo ocioso, implica na supressão da “paciência do conceito”, do “tempo para pensar.”<sup>39</sup>

A excessiva valorização do trabalho leva à cultura da máquina, de tal modo que a criatividade singular desaparece, dando lugar à uniformidade. A revolução industrial, seguida da tecnológica, excluiu o homem de um fazer criativo. O trabalho na antiguidade estava ligado a atividades que exigiam do homem um saber especial, nomeado *techné*, diferenciando-se os trabalhos criativos dos penosos. Na *República* de Platão, o filósofo ateniense fala da importância deste notório saber em cada campo da sociedade, para que a cidade pudesse ter um bom desenvolvimento. No mundo contemporâneo, as atividades de trabalho são quase em sua totalidade, rotineiras e cansativas. Nas fábricas, nos escritórios, nas instituições de ensino e até

<sup>39</sup> GIACOIA, Oswaldo – Sim ao ócio ou ‘viva a preguiça’, 2012.

mesmo no campo, a máquina vem substituindo a necessidade de criação. Há pouco espaço para improvisação e para espírito crítico.

A cultura do trabalho como fonte de satisfação é uma ideia recente. Na antiguidade a atividade laboriosa era reservada aos escravos e aos de classe inferior, enquanto os homens livres e os das classes superiores, dedicavam tempo à criação e à liberdade de pensamento. Conseqüentemente, brota daí a ideia de que a filosofia só poderia surgir da atividade contemplativa e ociosa. O tempo livre deveria ser reservado a aperfeiçoar as virtudes da política, das artes, dos esportes (única atividade física que era admitida entre os nobres), da poesia e da filosofia.

Chegando à Idade Média, o trabalho braçal ainda ocupa um lugar depreciado na sociedade feudal. É somente a partir da chamada revolução industrial que o trabalho passou a ser visto como uma atividade nobre, enquanto meio necessário de sobrevivência. Max Weber em sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1920) demonstra como nesta transição o protestantismo serve aos interesses da recente classe burguesa, para formar no trabalhador operário a consciência de valor no próprio labor, a despeito das longas jornadas de trabalho e dos baixos salários, que propicia a extrema miséria da classe operária e a absurda acumulação de capitais pelos donos dos meios de produção, o que induziu a sociedade contemporânea a esta desigualdade que cotidianamente aflige o mundo. Com a revolução industrial nasce o trabalhador operário e junto com ele o desempregado, já que a indústria não absorve todo o campesinato que migra do campo para a cidade, atraído pelo aceno de uma vida de mais conforto.

A máquina como mestra. – A máquina ensina, por si mesma, o encadeamento das multidões humanas, em operações em que cada um só tem de fazer uma coisa; ela fornece o modelo da organização de partido e da condução de guerra. Por outro lado, não ensina a soberania individual: faz de muitos uma só máquina, e de cada um, um instrumento para uma só meta. Seu efeito mais amplo é ensinar a utilidade da centralização. (NIETZSCHE, HDH II, P.216)

Com o advento da tecnologia no século passado, a partir da década de 80, aventou-se a possibilidade de o homem trabalhar menos e ter mais tempo para dedicar-se ao lazer e ao ócio, o que de fato se mostrou uma grande falácia. Pois estamos em pleno ideal de futuro tecnológico e efetivamente a exploração gananciosa do sistema capitalista não dá tréguas em sua sanha opressora, o que nos trouxe a uma grave crise econômica e grande desemprego, deixando milhões e milhões à margem do que se considera uma vida digna. Estes indivíduos não têm

lugar no modo de produção tecnológico e estão destituídos de qualquer identidade social por parte dos Estados, das corporações ou dos organismos internacionais que deveriam regular os mercados e a sociedade.

Tal condição de sobrevida do escravo da modernidade tecnológica, aniquila sua força e o torna preso à má consciência de que fala Nietzsche. Aumenta seu ressentimento e seu espírito de vingança. Faz-se necessário a transvaloração desta ideia que ocupa o centro de nossa sociedade, de que só há dignidade na atividade rotineira e na luta por bens materiais. É preciso recuperar o sentido do trabalho, como produto dos momentos de ócio produtivo, e frear a atividade repetitiva e irrefletida. Ao invés de aderir sem pensar ao lema vigente de que “tempo é dinheiro”, há que refletirmos sobre o que estamos fazendo com nosso tempo de vida. Precisamos retomar a consciência de nossas ações e torná-las mais assertivas, passar a valorar o que realmente tem importância, o humano-animal e sua ligação com a natureza da qual faz parte, compreendendo essa interdependência, em relações de cooperação e não de exploração do meio em que vivemos. Nietzsche nos fala da necessidade de cultivar o desejo que ultrapassa aquilo que é útil, tendo por filosofia a vontade de viver.

Buscar trabalho pelo salário – nisso quase todos os homens dos países civilizados são iguais; para eles o trabalho é um meio, não um fim em si; e por isso são pouco refinados na escolha do trabalho, desde que proporcione uma boa renda. Mas existem seres raros, que preferem morrer a trabalhar sem ter prazer no trabalho: são aqueles seletivos, difíceis de satisfazer, aos quais não serve uma boa renda, se o trabalho mesmo não for a maior de todas as rendas. A esta rara espécie de homens pertencem os artistas e contemplativos de todo gênero, mas também os ociosos que passam a vida a caçar, em viagens, em atividades amorosas e aventuras. (GC-Trabalho e tédio, 2012, p.81/82)

Contextualizando, a apologia ao ócio está na filosofia de Nietzsche como uma provocação, um alerta, um contraponto aos apologistas do trabalho. A atividade em excesso que é a doença da modernidade é também, para Nietzsche, o fator de nivelamento do homem ao plano da sobrevivência material. A sociedade do trabalho anônimo teme tudo aquilo que é particular, que traga uma marca de singularidade. Cada dia mais o ser humano é valorizado em números, algoritmos contabilizados pelo que consome, deixando de ser tutelados pelo Estado e passando ao controle das grandes corporações, encarados como capital humano.

A hegemonia do último homem, o laborioso, instituiu na sociedade moderna pós industrial, o escravo da ‘barbárie civilizada’, sem que este se perceba como

servo de um sistema cuja necessidade de agitação incessante o afasta do cultivo de uma relação mais saudável e produtiva com a sua própria existência, impedindo seu aperfeiçoamento espiritual. Tornou-se mais importante manter a máquina dos mercados em plena atividade, ao custo das relações afetivas, dos momentos de contemplação tão necessários aos processos criativos, do indivíduo e de sua saúde física e espiritual.

Na modernidade todos são escravos de um sistema, e somente os que tem a força de escapar à essas condições e tornar-se senhor de si, são livres verdadeiramente. Para isso, é que Nietzsche conclama ao isolamento, já que é preciso tomar distância do rebanho para enxergar-se como indivíduo auto criativo. Sendo a atividade do ócio, ou seja, o ócio pré-produtor de ações que se sobressaem ao trabalho mecânico, vital para que se destaque aquilo que o indivíduo tem de particular para acrescentar à elevação do tipo homem.

Em favor dos ociosos – Como sinal de que decaiu a valorização da vida contemplativa, os eruditos de agora competem com os homens ativos numa espécie de fruição precipitada, de modo que parecem valorizar mais esse modo de fruir do que aquele que realmente lhes convém e que de fato é um prazer bem maior. Os eruditos se envergonham do *otium* [ócio]. Mas há algo de nobre no ócio e no lazer. – Se o ócio é realmente o começo de todos os vícios, então ao menos está bem próximo de todas as virtudes; o ocioso é sempre um homem melhor do que o ativo. – Mas não pensem que, ao falar de ócio e lazer, estou me referindo a vocês, preguiçosos. (NIETZSCHE, HDH, 2005, p.176)

Nietzsche propõe no aforismo acima uma saída ao modo agitado e irracional que a vida na modernidade impôs, do que ele chama de excesso de erudição sem reflexão. O ócio é um valor a ser cultivado para que as virtudes subjetivas possam aflorar no indivíduo e se manifestar através da arte, da técnica e da atividade filosófica, como marcas de um caráter autêntico, eticamente aristocrático.

### 2.3 Vida e vontade de potência

E este segredo a própria vida me contou. 'Vê', disse, 'eu sou aquilo que sempre tem de superar a si mesmo Z. Da superação de si mesmo p.110

Assim sendo, se o último homem contemporâneo é este indivíduo laborioso, esmagado pelo vazio do niilismo, pela própria escravidão e pulsão de morte,

entregue ao modo de vida mercantilista da modernidade<sup>40</sup>, é possível vislumbrar alguma saída para ele?

Nietzsche aponta para um tipo superior que ultrapassa a figura do último homem e vai além, inventando um novo sentido para a humanidade, num movimento imanentista. E que sentido é este? Retomar a vida pela perspectiva da vontade de potência!

Terminologia comum na linguagem científica e filosófica da época de Nietzsche, o conceito de vontade teve nuances anteriores, porém diferentes da por ele desenvolvida. Em Darwin podemos aferir que essa vontade está implícita em seu conceito de evolução, a vida e os seres vivos evoluem por resposta a estímulos externos até atingir um ápice, uma finalidade, e ali se determinar.

Em Schopenhauer a expressão vontade de existência (*Wille zum Dasein*) nos fala de um querer, um desejo de existir que encontra sempre um vazio como resposta e por isso deve ser sufocado, procurando assim atingir uma existência búdica, evitando tanto a dor por não alcançar o objeto de desejo, quanto o prazer de realizá-lo. Nietzsche absorve de Schopenhauer a falta de sentido último para a existência, porém recusa o pessimismo e a inação, afirmando o sentido trágico da vida. Além disso, atualiza o conceito afirmando que tal impulso não é uma vontade prévia para o existir, posto que somos todos parte da existência, e incapazes de avaliar a vida que se auto ajuíza, em sua ética inerente, que se expressa como potência<sup>41</sup>.

Contesta também Darwin dizendo que não se trata de uma evolução natural em direção a uma espécie superior determinada, mas apenas como exceção é que surge o mais forte. Os mais fracos, por estarem em maior número, tornam-se na maioria dos casos, senhores dos fortes, nivelando assim a espécie. Isto porque nem todos os seres seguem evolutivamente na mesma direção, já que os estímulos externos e as respostas a estes são variáveis. Em sua reinterpretação, Nietzsche

---

<sup>40</sup> Tempos modernos típicos de um niilismo passivo, que captura a vontade de potência e a esgota. – “Pois viver continuamente à caça de ganhos obriga a despender o espírito até à exaustão, sempre fingindo, fraudando, antecipando-se aos outros: a autêntica virtude, agora, é fazer algo em menos tempo que os demais.” (Nietzsche, GC pág.194)

<sup>41</sup> Cito Nietzsche em CI: “No entanto, uma condenação da vida por parte do vivo permanece sendo em última instância apenas o sintoma de um tipo determinado de vida: sem que com isso se pergunte se uma tal condenação tem ou não razão de ser. Se precisaria ter uma posição *fora* da vida, e, por outro lado, conhecê-la tão bem quanto um, quanto muitos, quanto todos que a viveram, para se ter antes de tudo o direito de tocar o problema do *valor* da vida: razões suficientes para se compreender que esse problema é inacessível para nós.”p.37

coloca que o homem de exceção, não visa apenas à sobrevivência e autoconservação, ele precisa se expandir. Para Nietzsche, Darwin<sup>42</sup> interpreta as forças de evolução como apenas reativas, enquanto para ele o diferencial se dá no impulso afirmativo para elevação e autodeterminação que tem na vida mesma seu sentido e finalidade, pois a vida é essa intensificação de forças constante.

Vontade de poder (*WillezurMacht*), que é a própria dinâmica do existir, é qualidade da força, predicado que prescinde do sujeito causal, já que a potência e vontade de potência são, como exemplifica Leon Kossovitch (2004), duas faces da mesma moeda, sendo a potência aquilo que quer da vontade, e juntas são o que Nietzsche conceitua força.

E sabeis... o que é pra mim o mundo"?... Este mundo: uma monstruosidade de força, sem princípio, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força... uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimos, ou rendimento,... mas antes como força ao mesmo tempo um e múltiplo,... eternamente mudando, eternamente recorrentes... partindo do mais simples ao mais múltiplo, do quieto, mais rígido, mais frio, ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo, e depois outra vez... esse meu mundo dionisiaco do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, sem alvo, sem vontade... Esse mundo é a vontade de potência — e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência — e nada além disso!" (NIETZSCHE, FP 1881)

Como já foi dito da perspectiva nietzschiana, uma qualidade moral reativa da força domina o ocidente: a vontade de verdade. A mentira da verdade como ideal se trata, para Nietzsche, da atividade criativa máxima até então vitoriosa na humanidade, seja na ciência, na religião, na cultura em geral, como resultante do tipo de potência da vontade que deseja fixidez e cria uma causa primeira e uma finalidade para a vida.

O desenvolvimento da história ocidental, da filosofia e das ciências, está diretamente ligado a esta vontade de verdade, percebido como valor de bem ou mal, posto que esta moral dual se intensifica no modelo social gregário. Nietzsche coloca em questão tal metafísica ao apontar, através da imagem da morte de Deus, a destituição do valor supremo de todos os valores, desmascarando a falsidade que a vontade de verdade criou.

Temos porém que, este vazio de sentido transcendental implica necessariamente em uma ética que seja de valor perspectivo, já que qualquer tentativa de categorizar universalmente uma lei que sirva para todos, incorrerá em

---

<sup>42</sup> Para maiores esclarecimentos ver em *Incursões de um Extemporâneo* § 14 – Anti Darwin (Nietzsche – Coleção Os Pensadores, 1999, p.380)

erro, visto que não há em Nietzsche, um parâmetro supremo e externo capaz de regular a ação humana<sup>43</sup>.

Tal experiência ética para a humanidade deve ser a medida de suas próprias ações, em correlação com todos os fatos contingentes daquela ação, naquele momento. É na relação que as forças se auto constituem, nada está previamente determinado, e Nietzsche considera que cada escolha é derivada da perspectiva anterior e resultante do embate das forças. Sendo, portanto, um arbítrio contingente, dado pela perspectiva vigente.

Importante ressaltar que perspectivismo não é sinônimo de relativização. Enquanto resultado do embate de forças, a perspectiva vigente é marca da vontade de potência que a constitui, sendo identidade de si no amplo quadro de multiplicidades que, agindo e resistindo, impulsionam e fazem o movimento do que é vida. Evidenciado nas múltiplas experiências humanas ao longo da história, que se refletem organicamente nos seres, mas também nos modos de fazer política.

Identificamos no pensamento de Nietzsche esta vontade de agir para a plena efetivação de si, tanto no que diz respeito à natureza e sua cosmologia, como no das condições de afirmação identitária, entendendo que tal identidade está mergulhada num campo de embates de multiplicidades que buscam ser na mobilidade, e que está, portanto sujeita às condições instáveis do devir.

Dentro destes limites de transitoriedade, é enquanto resultado afirmativo deste embate de forças opostas que tal singularidade se dá, como espírito livre. Para Nietzsche todo ser é, como criador de si, puro devir. Na força deste modo de pensar reside uma chave para a redefinição da imagem clássica de representação do sujeito cartesiano e a abertura para o surgimento do além-do-homem.

É-se necessariamente, se é um pedaço de fatalidade, se pertence ao todo, se está no todo. Não há nada que pudesse julgar, medir, comparar, condenar o todo... Mas não há nada fora do todo! Que ninguém mais seja responsável, que o modo de ser não possa ser reconduzido a uma causa prima, que o mundo não seja uma unidade nem enquanto mundo sensível, nem enquanto 'espírito': só isso é a grande libertação. – Com isso a inocência do vir-a-seré restabelecida... (NIETZSCHE, CI p.50)

---

<sup>43</sup> Nietzsche, CI: "Dou formulação a um princípio. Toda e qualquer posição naturalista na moral, isto é, toda e qualquer moral *saudável*, é dominada por um instinto de vida. – Um mandamento qualquer de vida é preenchido por um cânone determinado de 'tu deves' e 'tu não deves'; um entrave e uma hostilidade quaisquer são assim postos de lado no caminho da vida. A moral *antinatural*, ou seja, quase todas as morais que foram até aqui ensinadas, honradas e pregadas, remete-se, de modo inverso, exatamente *contra* os instintos vitais." P.36

### 3 ALÉM DO HOMEM

#### 3.1 O anúncio do além-do-homem

O homem se inclui, desde então, entre os mais inesperados e emocionantes lances no jogo da “grande criança” de Heráclito, chame-se ela Zeus ou Acaso – ele desperta um interesse, uma tensão, uma esperança, quase uma certeza, como se com ele algo se anunciasse, algo se preparasse, como se o homem não fosse uma meta, mas apenas um caminho, um episódio, uma ponte, uma grande promessa...(GM pág. 68)

As reflexões que permitiram chegar até a terceira e última parte deste trabalho, tiveram por interesse principal apontar para uma certa chave de compreensão do conceito do além-do-humano, objeto deste estudo, que é a oposição à figura do homem decadente da moderna civilização ocidental, a saber, o último homem. Além disso, trazer à luz a possibilidade de se pensar a multiplicidade de tipos que compõem aquilo que, para Nietzsche, chamamos humanidade. Ora, se Nietzsche se opõe à mono imagem de sujeito, desmistificando o papel que ocupou a verdade como unicidade ideal no desenvolvimento da sociedade ocidental, ele também apontou para a diversidade de tipos, com qualidades de forças e vontades diferentes e hierárquicas, que compõem o jogo de poderes dos grupos sociais. Em sua crítica radical ao modelo de sujeito pensante, Nietzsche contrapõe com a figura daquele que está acima, ou para além do homem, ou da subjetividade do ‘eu’ consciente, inserindo o conceito de grande razão como a linguagem que parte dos sentidos do corpo, necessária para o surgimento do *übermensch*.

Em face da decadência do típico homem da modernidade, Nietzsche propõe o cultivo de um tipo novo, o além-do-homem, que tem como caracterização principal, destacar-se do homem inferior, transvalorando a moral vigente. Ou seja, o *übermensch* (além do humano) aparece como antítese ao *letzterMensch* (último homem), já bastante delineado nos capítulos anteriores, como o homem da finalidade histórica da modernidade, da pequena razão (consciência). O último homem, aquele do fastio extremo de si mesmo, não será reformado, nem substituído e nem se desenvolverá até um ideal de perfeição. Sua figura permanecerá como antagônica à figura do além-do-homem. Ele é a garantia do surgimento do *übermensch*.

Seria totalmente indigno de um espírito profundo ver já na mediania em si uma objeção. Ela é, inclusive, a necessidade primeira para que possam

existir exceções: depende dela uma cultura elevada. (NIETZSCHE, AC, 2016 pág.71/ 72)

O conceito de além-do-homem começa a ser apresentado com mais firmeza a partir dos escritos de *Assim falou Zaratustra*, livro que inaugura a fase madura do filósofo, e em muitos fragmentos deste período. O tema vai aparecer também em analogias tipológicas da *Genealogia da Moral*, do *AntiCristo* e com mais clareza nos escritos de *Ecce Homo*. Porém, antes da ideia de ultrapassagem do homem, Nietzsche já trabalha com a imagem de tipos humanos elevados, com variadas formulações.<sup>44</sup>

Já dissemos que a análise do modo de ser humano e estar no mundo, sempre foi um marco importante na obra do filósofo. Nos escritos do jovem Nietzsche é possível identificar algumas referências à elevação do homem, porém com características bem distintas do período final de sua obra (após 1878) fase em que o tipo superior ao homem comum, ou mais especificamente o além do humano, aparece com maior nitidez, a medida em que Nietzsche se afasta da influência de outros pensadores para formular sua própria filosofia.

Enquanto era ainda professor de filologia clássica em Basileia, Nietzsche começa a elaborar a noção do tipo mais forte e mais elevado, embrionariamente como síntese do apolíneo e dionisíaco (NT,1872), imagem que reaparecerá em *Zaratustra*. Nesses primeiros esboços em que Nietzsche ainda se coaduna de alguma forma com a tese metafísica, o homem destacado aparece como um instrumento do Uno primordial. Logo em seguida, abandonando totalmente qualquer formulação metafísica, Nietzsche concebe um quadro necessário para o direcionamento educacional do gênio, onde o Estado deve estar a serviço da cultura,

---

<sup>44</sup> PASCHOAL, Antônio Edmilson, em *Os tipos mais elevados de homem*, diz: “Considera-se para esse mapeamento três momentos distintos: um primeiro, em textos anteriores a 1883, nos quais se têm alguns ‘prenúncios da doutrina’; um segundo, na exposição clássica que aparece no prólogo do *Zaratustra*, quando o *Übermensch* é apresentado como o sentido da terra e um ideal de futuro; e um terceiro, nos escritos posteriores a 1886, quando se tem um grande número de questões novas (que se somam às antigas) em torno da ideia de um tipo mais elevado de homem, e que podem ser aglutinadas a partir de duas possibilidades de se obter a elevação do tipo homem.”E ainda: MÜLLER-LAUTER, Wolfgang, em *Nietzsche sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*: “O filósofo nomeia de várias maneiras os modos de configuração da ascensão humana. Assim, fala do grande homem, do mais potente, do mais sábio, do mais elevado, do solitário, do pleno, do rico, do completo. É difícil fornecer uma diferenciação que leve em conta o conteúdo dessas e de outras denominações; muitas delas são utilizadas como sinônimos, quando se leva em conta os diferentes textos, e seus significados se misturam. Sucede do mesmo modo quando se tenta fixar graus de ascensão que se deixam derivar de muitas afirmações de Nietzsche. Com frequência, caracterizações com alguns desses termos só evidenciam um aspecto que deve ser essencial ao homem superior. Comum a todos, porém, é que elas devem destacar-se do homem inferior.” Pág.194

para a formação (*Bildung*) do homem excepcional. Posteriormente a ideia vai se acentuando na figura do homem de “natureza elevada”, e temos Napoleão, *síntese de inumano e sobre-humano*, citado como exemplo de encarnação do ideal nobre (GM p.41), oposto ao humano da história moderna. Porém, Nietzsche também critica o moderno entendimento do “gênio” como alguém dotado de excepcionalidade e que tal crença pode levar ao declínio<sup>45</sup>. Napoleão é também exemplo deste caso:

...recordemos Napoleão cujo ser cresceu e se tornou a unidade poderosa que o distingue entre os homens modernos, sem dúvida graças à fé em si mesmo e em sua estrela e ao desprezo pelos homens dela decorrente, até que enfim essa mesma fé se transformou num fatalismo quase louco, despojando-o da rapidez e agudeza de visão e vindo a ser causa de sua ruína”. (HDH p. 118)

Nietzsche avalia que a figura do “gênio” na modernidade se transformou no que ele chama de homens doutos à serviço do Estado, especialistas com excesso de erudição e pouca criatividade. Em *Zaratustra*, capítulo *Da redenção* (pág.132), Nietzsche traz a imagem do homenzinho com orelha gigante, aclamado pelo povo como gênio, e afirma sobre ele “*que tinha muito pouco de tudo e demasiado de uma coisa só*”.

Do mesmo modo como o conceito de “gênio” vai sendo modificado à medida que Nietzsche se apropria do termo, também as características do tipo nobre e sua superioridade vão sendo arquitetadas no decorrer da maturidade particular do filósofo. Em um primeiro momento ele está preocupado em destacar o *pathos da distância* decorrente das virtudes nobres que se impõem aos homens superiores, assim como o seu caráter agonístico. As características destas virtudes ficarão mais assinaladas à medida que vão amadurecendo na obra de Nietzsche, aparecendo como necessárias ao surgimento do além-do-homem.

Seguindo esta trilha, tomemos o prólogo de *Zaratustra*, para a apresentação do Além do Homem. Zaratustra desce a montanha repleto de si, pois encontrou na proposta de ultrapassagem do homem um sentido novo, que quer ensinar aos homens. Porém, ao anunciar o tipo sobre humano, Zaratustra é incompreendido pela multidão que se encontra na praça e conclui que eles querem o último homem.

<sup>45</sup>Cito Nietzsche – *Perigo e benefício do culto ao gênio*. – A crença em espíritos grandes, superiores, fecundos, ainda está – não necessariamente, mas com muita frequência – ligada à superstição, total ou parcialmente religiosa, de que esses espíritos são de origem sobre-humana e tem certas faculdades maravilhosas, mediante as quais chegariam a seus conhecimentos, de maneira completamente distinta da dos outros homens. (HDH p. 117)

Resolve então, destacar os perigos da decadência do homem, descrevendo-o como o que tem um único desejo, o de conservar-se, e afirma que tal desejo o impede de superar-se. O último homem, o de vida mais longa e conformada, já não crê mais em valores transcendentais e por isso sua postura é passiva e desprezível. Ele fala aos que ainda tem *caos dentro de si*:

O homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem – uma corda sobre um abismo.  
Um perigoso para-lá, um perigoso a-caminho, um perigoso olhar-para-trás, um perigoso estremecer e se deter.  
Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma passagem e um declínio. (NIETZSCHE, Z – Prólogo. Pág. 16).<sup>46</sup>

E assim falou Zaratustra: *É tempo de o homem fixar sua meta. É tempo de o homem plantar o germe de sua mais alta esperança.* Nietzsche propõe que o homem superior não seja apenas um produto do acaso, mas que haja um esforço no sentido de cultivar e lapidar estes indivíduos na cultura, com vista a formação do caráter aristocrático. Portanto, trata-se de um chamado à produção de um novo tipo e Zaratustra fala como um pastor, conseguindo desta forma, alguma atenção por parte do povo. Mas logo em seguida *um rapaz de vestes coloridas, semelhante a um palhaço*, surge e atrai para si as atenções. Trata-se de um equilibrista, que distrai o público, mas que também está distraído, e que acaba escorregando e caindo para a morte. Em seus últimos suspiros lamenta a inutilidade da vida, ao qual Zaratustra retruca que ele fez do perigo um ofício, e não pode ser desprezado por isso. Este, o artista dançarino dos ares, simbolicamente é aquele que quer se destacar da multidão, mas sucumbe por ainda não ter força suficiente para superar a pesada nuvem do niilismo e do pessimismo que turva a visão de todos. Zaratustra carrega o corpo do morto durante todo o dia e adormece sem nenhuma esperança. Mas, ao despertar se admira com uma nova revelação.

Uma luz raiou para mim: de companheiros necessito, de vivos – não de mortos e cadáveres, que levo comigo para onde quero ir.  
Mas de companheiros vivos necessito, que me sigam porque querem seguir a si mesmos – e para onde quero ir.  
Uma luz raiou para mim: que Zaratustra não fale para o povo, mas para companheiros! Zaratustra não deve se tornar pastor e cão de um rebanho!  
Para atrair muitos para fora do rebanho – vim para isso. Povo e rebanho se enfurecerão comigo: Zaratustra quer ser chamado de ladrão pelos pastores.  
“Pastores” digo eu: mas eles se chamam os crentes da verdadeira fé.

<sup>46</sup> Na edição citada, a tradução de Paulo César de Souza utiliza para *Übermensch* o termo super-homem.

Vede os bons e justos! A quem odeiam mais? Àquele que quebra suas tábuas de valores, ao quebrador, infrator: - mas esse é o que cria. (Z. pág. 23)

Este trecho traz Zaratustra desperto, com uma nova compreensão de seu destino. Ele não mais falará às multidões, porque sua lição é para poucos, e não para rebanhos. Também não falará aos corpos mortos, domados, pois de vivos necessita. Nietzsche ressalta isto no subtítulo do livro (*um livro para todos e para ninguém*). O anúncio do além homem, daquele que há de exceder a figura do último homem, deve ser direcionado para os companheiros de Zaratustra, espíritos livres que buscam a constante superação em si mesmos. São os indivíduos que, na solidão e distanciamento, desprezam a moral vigente e que por isso, estão aptos a criação de novos e afirmativos valores: “Quero juntar-me aos que criam, que colhem, que festejam: eu lhes mostrarei o arco-íris e todos os degraus até o super-homem.” (Z. pág.24)

Zaratustra segue seu destino, onde ele próprio está a transmutar-se, superar-se, diante de todos os obstáculos e lições do caminho, determinando novos valores para si e para os companheiros que escolhem acompanhá-lo em sua viagem. “Vós, solitários de hoje, vós, que viveis à parte, deveis um dia formar um povo: de vós, que escolhestes a vós mesmos, deverá nascer um povo eleito: - e dele o super-homem.” (Z. Da virtude dadivosa pág. 75). Logo, o tipo além do homem nascerá destes entes superiores, que escolhem viver e cultivar a ética nobre, aceitando a vida em toda a sua tragicidade.

A formação destes que se tornaram exceção ao rebanho, espíritos livres com uma ética aristocrática, não pode se dar no âmbito do coletivo. O projeto proposto por Nietzsche não é de reforma da sociedade como um todo, pois para o filósofo, tal arranjo de coletividade, que se firma a partir do projeto burguês de sociedade, já nasce condenado a fazer do indivíduo escravo da meta de se conservar na forja da felicidade, tendo no consumo, espetáculo fácil e segurança, sua fórmula de bem-estar. O método que Nietzsche aponta é seletivo, inspirado em sua conceituação fisiológica da vontade de potência, pois escolhe os que se destacam da moral decadente e se mostram capazes de afirmar a vida. E o primeiro

passo a ser dado é, afastando-se da moral hegemônica, caminhar em direção desta ética que é o *tornar-se quem se é*.<sup>47</sup>

O saber de Zaratustra é a compreensão da singularidade de seu próprio destino e de seus perigos. O primeiro deles inicia-se com o tornar-se ele mesmo e, portanto, com a necessidade de aceitar o eterno retornar e o peso de sua própria existência. (BARROS, 2016.Pág. 98)

Ao discorrer sobre a virtude dadivosa (Z pág.72), Zaratustra denuncia que a moral é sempre um pensamento dominante por uma determinada qualidade da vontade. Para afirmar uma nova virtude, é necessária uma vontade criadora que sirva ao sentido da terra, afastando-se dos modelos subjetivos tradicionais, como bom, belo e justo. Clamando por uma virtude não ontológica, que por não ter arquétipos fixados não pode ser ensinada por nenhum mestre, Zaratustra pede que cada homem assuma o peso de suas ações e se responsabilize. Eis a virtude da vontade, que longe da hipócrita virtuosidade metafísica, faz resplandecer no instante da ação, a qualidade mesma de cada ato. Nos fala da fidelidade à terra e a afirmação de seu destino, sendo o homem uma passagem. No que consiste tal fidelidade? Em um retorno ao real, ao valor da experiência sensível, e a aceitação daquilo que nos limita, o tempo e a finitude. A redenção do espírito é afirmar o tempo e responsabilizar-se, sendo o sentido da terra a experiência denunciadora da aparição do além homem. “Redimir o que passou e transmutar todo “Foi” em “Assim eu quis!” – apenas isto seria para mim redenção!” (Z. - Da Redenção, p.133)

Para Nietzsche todo ressentimento humano nasce do assombro diante da consciência da própria morte e da sua impotência quanto aquilo que não pode mudar. Por não aceitar a própria finitude é dominado por um espírito de vingança, volta-se contra o tempo criando deuses e trans mundos. Zaratustra propõe uma relação diferente com o tempo, nascida de uma vontade criadora que ao invés de negar, afirma o passar do tempo e diz: “*Assim eu quis!*” Não mais negar o real, mas submeter-se a ele, ser fiel à terra, criando uma nova perspectiva para o tempo, naquilo que Nietzsche vai nomear Eterno Retorno.

Zaratustra diz: “Vede, eu vos ensino o super-homem! O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem seja o sentido da terra!”

---

<sup>47</sup> Máxima de Píndaro, filósofo do séc. V a.C. Difere do *conhece-te a ti mesmo*, de Sócrates. O tornar-se é um vir a ser constante, um atravessar, mas que não pressupõe já saber quem se é, pois se faz no fazendo, no acontecimento. Tampouco possui um em si, um sujeito a ser conhecido.

(Z- *Prólogo* p.14). Esta é, portanto, uma condição absolutamente necessária para que o além homem surja, que aqueles para quem Zaratustra dirige seus ensinamentos sejam capazes de afirmar uma vontade criadora para uma nova perspectiva humana, a que reinsere o homem como ente do real, surgindo como novo sentido.

Retomo o capítulo *da Redenção* em Zaratustra, quando temos a vontade criadora como necessidade para o cultivo de um novo solo, propício a vencer o ressentimento e o niilismo que dele decorre, através da fórmula *querer o passado*. O que significa não mais negá-lo, não mais sofrer pelo que passou. Na tradição filosófica, o tempo foi interpretado como linear, e temos que passado e futuro acabaram tomando uma dimensão maior e mais importante do que o momento presente. O homem, situado entre o que foi e o que será, entre a origem e a finalidade, vive determinado por esta busca de sentido para sua existência, pois não o percebe no instante. A moral e cultura humanas, dominadas pelo niilismo, estão atreladas a estes preceitos de temporalidade, onde o homem se encontra impotente diante do dilema metafísico de sua origem e de sua morte.

Absorver o passado afirmativamente no presente e abandonar o temor da certeza da morte que virá, recoloca o homem no portal do instante, onde a eternidade acontece. Primeiramente, Nietzsche encontra no estoicismo<sup>48</sup> a ideia de um tempo circular que se repete infinitamente e percebe na força deste conceito, um modo de enfrentar o niilismo. Ele segue o caminho ético estoico também para a criação do conceito de *amor fati*. Porém, na fase madura, Nietzsche toma um caminho particular, tecendo críticas à filosofia estoica, e afastando-se dela.

A partir de 1878 Nietzsche começa a esboçar traços do que ele nomeará *amor fati*, ou seja, amor ao fado, à fatalidade. A expressão propriamente dita aparecerá junto com os primeiros escritos sobre o eterno retorno. Amar o destino pressupõe uma forte vontade afirmativa, que não luta contra o que é necessário e, portanto, imutável. Aqui também a questão do tempo passado é encarada como

---

<sup>48</sup> Estoicismo – doutrina da escola filosófica grega fundada a partir dos ensinamentos de Zenão de Cício (335-264 a.C.). Trecho retirado do verbete sobre **eterno retorno** do dicionário Nietzsche, publicado pelo Gen – Grupo de Estudos Nietzsche: “Embora conhecesse a concepção do eterno retorno dos gregos antigos, é somente o debate entre termodinâmica, cosmologia e filosofia estabelecido no século XIX que leva Nietzsche a interessar-se pela repetição cíclica de todos os acontecimentos. Em particular, é o temor de que todo o processo cíclico do cosmos, que implicaria na repetição eterna e infinita da existência humana, ocorra sempre na mesma ordem e sequência, tal como Nietzsche o encontra nas reflexões de autores como Hartmann, Dühring e Caspari, que o leva a divisar no eterno retorno do mesmo o pensamento afirmativo por excelência.” . Pág.212

aquilo que deve ser absorvido, posto que já ocorreu e não poderia ter sido de outro modo, além de que todas as variadas forças que atuaram naquele instante confluíram para o único e necessário resultado.

Minha fórmula para a grandeza do homem é *amor fati*: não querer nada de outro modo, nem para diante, nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo – todo idealismo é mendacidade diante do necessário -, mas amá-lo... (EH Poque sou tão sábio §10 p.61)

Este não é o tipo de amor de conformidade, não é o IA<sup>49</sup> do asno de Zarathustra, que repete sim obstinadamente, porém sem ter a noção de seu ato, muito menos domínio sobre ele. Ao contrário disso, *amor fati* trata de um tipo de aceitação que nasce da vontade de amar o acontecimento. Querer tanto o passado como foi, pressupõe querer também o futuro como virá. E mais importante, querer o instante, pois este é eterno e repetir-se-á de forma idêntica pela eternidade.

Ao se deparar com o pensamento do eterno retorno, Nietzsche está ciente da responsabilidade que este traz, tendo visto que uma concepção de uma realidade não metafísica se mostra possível, através da conciliação de “ser” e “devir”. O momento que lhe trouxe este conceito ficou-lhe marcado, e Nietzsche o descreveu assim em EH:

A concepção fundamental da obra (Z), o pensamento do eterno retorno, esta fórmula de afirmação que é a mais alta que possa ser atingida, é de agosto de 1881: rascunhei-a num pedacinho de papel, com a seguinte nota: “A seis mil pés sobre o nível do homem e do tempo.” Divagava, aquele dia, ao longo do lago de Silvaplana, em meio dos bosques: perto de um rochedo imponente que se erguia em pirâmide não longe de Surlei, estaquei. Ali, então, tive essa ideia. (NIETZSCHE, EH,p.94)

Apesar de descrever este momento como o de uma iluminação, uma visão repentina, sabemos que o conceito está relacionado a teoria da transvaloração dos valores morais e da superação do homem, e que é, portanto, resultado de um encadeamento de ideias<sup>50</sup>. Também está relacionado a teoria de um cosmos

<sup>49</sup> “Mas tudo mastigar e digerir – isso é uma autêntica maneira de porco! Sempre dizer I-A” – isso apenas o asno aprendeu, e quem tem seu espírito! – (Z p.185). ‘IA’ pode ser tomada por onomatopeia da voz do animal asno, mas também uma analogia com o fonema ‘JA’, a palavra ‘sim’ em alemão (JA com som IA).

<sup>50</sup> Nietzsche assim comenta sobre a criação de conceitos no aforismo 20 de ABM: “Os conceitos filosóficos individuais não são algo fortuito e que se desenvolve por si, mas crescem em relação e em parentesco um com o outro; embora surjam de modo aparentemente repentino e arbitrário na história do pensamento, não deixam de pertencer a um sistema, assim como os membros da fauna de uma região terrestre – tudo isto se confirma também pelo fato de os mais diversos filósofos preencherem repetidamente um certo esquema básico de filosofias *possíveis*.” ABM pág.24

limitado, onde os fenômenos tendem a se repetir, dado que atingiram um número limitado de manifestações. Novamente o problema da temporalidade se faz presente na filosofia de Nietzsche. Sendo o tempo não linear, é necessário que as coisas retornem. Dentro deste círculo os fenômenos são repetição, eternamente. Analisemos como o conceito é apresentado nas obras *Gaia Ciência* e *Zaratustra*, no período de 1882 a 1885.

A primeira apresentação desta hipótese, que surge ainda como uma suposição, está no aforismo 341 de GC, intitulado “o Maior dos Pesos”:

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e lhe dissesse: "Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem— e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente— e você como ela, partícula da poeira! — Você não se prostraria na poeira e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: "Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!". Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, "Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?, pesaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não 'desejar nada além dessa última, eterna confirmação chancelada'? (NIETZSCHE, GC, P.205)

Neste aforismo Nietzsche dá ênfase ao peso do pensamento de que tudo retorna sempre igual e formula a pergunta: como reagiria o homem diante desta revelação? Teria uma atitude afirmativa, assumindo cada ato seu como eterno, ou cairia em desespero e ranger de dentes pela repetição infinita de cada instante? O filósofo da alegre ciência parece querer preparar o campo para o cultivo de seu pensamento mais abissal, experimentando que tipo de reação ele provocaria em seus leitores.

A *Gaia Ciência* é o livro que antecede a publicação de *Assim Falou Zaratustra* e Nietzsche afirma em EH, que nele dá as primeiras formulações de alguns conceitos-chaves de sua obra máxima, o livro de Zaratustra. No capítulo *Da visão e do enigma* (Z) que se encontra na terceira parte da obra, Zaratustra encontra o anão, homem pequeno que representa o espírito de peso que puxa para baixo, ou seja, o niilismo negacionista que entorpece a sociedade ocidental. Eles se encontram diante de um portal chamado “instante”, com dois caminhos que se prolongam pela eternidade, um que segue para frente e outro que se volta para trás. E assim fala Zaratustra:

Tudo aquilo que pode andar, de todas as coisas, não tem de haver percorrido esta rua alguma vez? Tudo aquilo que pode ocorrer, de todas as coisas, não tem de haver ocorrido, sido feito, transcorrido alguma vez?  
 E, se tudo já esteve aí, que achas, anão, desse instante? Também esse portal não deve já – ter estado aí?  
 E todas as coisas não se acham tão firmemente atadas que esse instante carrega consigo todas as coisas por vir? Portanto - - também a si mesmo?  
 (Z – Da visão e enigma pág.150/151)

Diante desta visão surge o enigma da serpente do niilismo, que Zaratustra, ainda como pastor, traz presa à garganta. Ele sente a força do próprio instinto de sobrevivência e a coragem que lhe permitirá morder a cabeça da serpente e cuspi-la para longe de si. Zaratustra antevê que do pastor levanta-se um novo homem transformado, *um iluminado que ria!*

Porém, é preciso ainda enfrentar seu pensamento mais niilista, de que se tudo deve retornar igual, significa também o retornar do homem pequeno, assim como seu maior. No capítulo intitulado *O convaléscente*, Zaratustra recebe de seus animais, a águia e a serpente, a revelação de que é o mestre do eterno retorno e que é preciso cumprir seu destino, de ensinar essa *doutrina*. Neste ponto ele revela seu maior nojo e lamenta:

Vira os dois nus um dia, o maior homem e o menor homem: demasiado semelhantes um ao outro – demasiado humano inclusive o maior!  
 Demasiado pequeno o maior! – Esse era meu fastio pelo homem! E eterno retorno inclusive do menor! – Esse era meu fastio por tudo que existe! (Z – O convaléscente pág.210)

Ciente de que retornam eternamente tanto o último homem quanto o superior, Zaratustra traz a perspectiva do afeto de distanciamento (*pathos* da distância), essencial para o eterno movimento do vir-a-ser, pois sabe que suprimir um modo do homem, excluiria também o outro tipo. Para que haja hierarquia de um tipo superior, é necessário a alternância de perspectivas múltiplas, nunca o absolutismo de um poder.

O pensamento do eterno retorno, além de uma teoria nova que precisa ser assimilada, traz a necessidade de uma nova prática ética. Tal exercício permitirá vencer o peso do niilismo e afirmar novos valores, pois ciente de que cada ato se repetirá eternamente, o homem necessita ajuizar uma ética que transborde em cada ação, e que não seja apenas um aumento de potência em termos de quantidade, mas também de qualidade.

Zaratustra, enojado, percebe que o homem menor e o maior são demasiado semelhantes, e totalmente necessários. É a alternância de modos de estar no mundo que oferece a dinâmica dos modos de ser humanos. Ele declara que até hoje

não houve nenhum além-do-homem. (Z pág.89). Para que este tipo surja no futuro, será preciso uma forte vontade, virtude criadora de novos valores.

### 3.2 Condições de possibilidade para a experiência de autossuperação

Em Zaratustra, o campo para a criação da nova tipologia humana está arado e permanece em aberto, posto que o anunciador do além-do-homem não o encontrou em lugar algum, e finaliza sua trajetória entre os homens superiores, aqueles que plantam a semente do mais nobre ideal, mas ainda não possuem espíritos livres capazes de criarem novos valores<sup>51</sup>. Como livre pensador, Nietzsche não prescreve as características do além do homem, mas indica quais caminhos devem ser experienciados para essa autossuperação. Podemos destacar que são necessárias uma firme superioridade em relação a toda moral, principalmente a platonista-cristã, uma maior imersão na realidade sensível, a confiança de ter fé em si mesmo, usufruir de uma existência afirmativa, além de assumir sua finitude sem ressentimento contra o tempo, possuindo o maior amor, que é amor incondicional ao destino. Sabemos também que não se trata de um melhoramento do homem, mas de um tipo novo, uma nova vivência humana dentro de uma perspectiva de empoderamento individual que se expresse criativamente.

Se Nietzsche quer a substituição das tábuas de valores que sustentam o rebanho, os novos valores deverão ser opostos aos antigos. Em nossa sociedade se convencionou que o valor superior está na consciência, na racionalidade, no *logos*, em detrimento dos sentidos corporais. Em Nietzsche fica clara a importância do corpo para uma nova moral emergir, posto que, para que uma sociedade exale saúde e força, é preciso dar vazão às pulsões vitais, que tem sido submetida à razão e à moralidade religiosa ascética.

Após o anúncio do eterno retorno, os animais<sup>52</sup> de Zaratustra o incitam a dançar e a cantar. “Canta e extravasa, ó Zaratustra, cura tua alma com novas canções: para que possas carregar teu grande destino, que ainda não foi destino de homem nenhum!” (Z – O convalescente p.211)

<sup>51</sup> “Ó vós, homens mais elevados que meus olhos já conheceram! Eis a minha dúvida a vosso respeito, e o meu riso secreto: eu adivinho que ao meu super-homem chamaríeis – Demônio!” ZA – Da prudência humana pág. 138.

<sup>52</sup> A águia e a serpente são os animais que acompanham Zaratustra em sua jornada. São também animais relacionados ao culto ao Deus Dionísio.

Para suportar o peso de tal revelação, é preciso incorporá-la. O corpo, o canto, a dança e o riso, são elementos essenciais para que Zaratustra prossiga seu destino. O pensamento do eterno retorno requer os instintos do corpo, o entendimento pela razão não é suficiente.

Para Nietzsche o corpo é a grande razão e o espírito (eu<sup>53</sup>) a pequena razão<sup>54</sup>. Na tradição filosófica, temos que a partir dos ensinamentos socráticos-platônicos, o corpo passa a ser visto como predicado subordinado de um sujeito inteligível. Vejamos como Platão, na voz de Sócrates, trata essa questão:

E quem haveria de obter em sua maior pureza esse resultado, senão aquele que usasse no mais alto grau, para aproximar-se de cada um desses seres, unicamente o seu pensamento, sem recorrer no ato de pensar nem à vista, nem a um outro sentido, sem levar nenhum deles em companhia do raciocínio; quem, senão aquele que, utilizando-se do pensamento em si mesmo, por si mesmo e sem mistura, se lançasse à caça das realidades verdadeiras, também em si mesmas, por si mesmas e sem mistura? E isto só depois de se ter desembaraçado o mais possível de sua vista, de seu ouvido, e, numa palavra, de todo o seu corpo, já que é este quem agita a alma e a impede de adquirir a verdade e exercer o pensamento, todas as vezes que está em contato com ela? Não será este o homem, Símiias, se a alguém é dado fazê-lo neste mundo, que atingirá o real verdadeiro? (Platão, Fédon 66-a 66-b).

Por conta disso, Nietzsche afirma que a filosofia tem ódio ao corpo, e propõe uma nova moral que parta da aceitação dos sentidos. Sempre partindo de uma dinâmica de hierarquias<sup>55</sup>, busca naturalizar o homem como dotado de impulsos, que formam um arranjo totalizante entre corpo e consciência. O corpo é um todo composto de formas orgânicas pensantes em uma relação de mando e obediência entre os impulsos pulsionais, sendo que consciência está em todo o conjunto fisiológico, portanto, uma fisiopsicologia<sup>56</sup>.

Porém, o corpo traz em suas dinâmicas diversas pulsões, emoções, desejos, limitações. Nietzsche era ciente disto, conviveu com dores de cabeça, náuseas, dores nos olhos, e outros males durante a maior parte de sua vida, possivelmente

<sup>53</sup> Para Nietzsche 'Eu' seria um artifício linguístico, uma "síntese conceitual"(FP XII 1 87/1885-6)

<sup>54</sup> "O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor." (ZA p.35)

<sup>55</sup> Lembrando que hierarquia em Nietzsche pressupõe alguma perspectiva em um grau de potência maior ou menor, dentro de um jogo de relações. O corpo, humano ou social, é um campo de forças instáveis em tensão permanente.

<sup>56</sup> A fisiopsicologia nietzschiana é a base da avaliação das produções humanas, isto é, dos sintomas das configurações fisiológicas. Em *Para além do Bem e Mal*, Nietzsche define a fisiopsicologia como morfologia e doutrina do desenvolvimento (*Entwicklungslehre*) da vontade de potência. Se o conjunto de impulsos for bem hierarquizado ou potente, ele é saudável; se for desorganizado ou anárquico e despotencializado, é mórbido. Parte do verbete do dicionário Nietzsche do GEN (p.236)

relacionados à enfermidade que lhe causou o colapso de 1889. Por não obter um diagnóstico preciso, Nietzsche tornou-se seu próprio terapeuta, mudando-se de casa de acordo com o efeito que o clima do lugar lhe causava, experimentando dietas alimentares e algumas drogas, como o haxixe. É justamente por ter essa vivência de autoexperimentação e autossuperação constante, que pôde ele nos falar da grande saúde<sup>57</sup>, que nasce da maior interação com o real e com o próprio corpo, pois é sempre em relação à fraqueza que a força superior se firma. Seus anos de maior produção intelectual são justamente os de maiores padecimentos físicos, e Nietzsche fez da própria vivência, laboratório de sua filosofia da superação.

Não só do ponto de vista individual Nietzsche pensou o corpo, mas também como sociedade, como pluralidades dentro de uma unidade cosmológica, que podem ser corpos saudáveis ou adoecidos, fortes ou fracos. Para ele, a má consciência é uma doença que enfraquece o corpo, humano e social, cujos sintomas aparecem em nossa cultura desvitalizante. Isto porque houve esse rompimento com nossos impulsos básicos, animais, para que o homem se adaptasse à vida social. Domesticado, o homem abandonou seu passado de lutas e conquistas, sua vida nômade, sua necessidade de aumento de força, e mergulhou num processo de interiorização. Porém, tais impulsos não deixaram de existir, apenas foram reprimidos e internalizados.

Nietzsche almeja um novo ideal, em cujo espírito, abundante de potência, brinque ingenuamente com tudo que se chamou santo, bom intocável (Nietzsche, GC §382). Para enfrentar a doença da má consciência, propõe uma nova educação:

Para a nova educação do gênero humano. – Prestai auxílio, vós que sois prestativos e bem-intencionados, a esta única obra – afastar do mundo o conceito de castigo, que se alastrou sufocando o mundo inteiro! Não há pior erva daninha! Não somente o colocaram nas consequências de nossas maneiras de agir – e como já é apavorante e contrário à razão entender causa e efeito como causa e castigo!\_, mas foram mais longe, e despojaram a pura contingência do acontecer de sua inocência, com essa infame arte de interpretação do conceito de castigo. Sim, levaram tão longe o desatino, a ponto de mandar sentir a própria existência como castigo – é como se as fantasias de carcereiros e verdugos tivessem guiado, até agora, a educação do gênero humano! (NIETZSCHE – Aurora, Coleção Os Pensadores, 1999, p.143)

Esta reeducação do humano que Nietzsche propõe é um retorno à educação para o trágico, nos moldes do grego arcaico, e na estética dionisíaca. Cultivar no

<sup>57</sup> Do af.382 de GC, retiro este trecho: *A grande saúde* – uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar... (p.259)

homem o preparo para estar inteiro no instante e nele fortalecer-se. Deixar de valorar o acontecimento como bom ou ruim, prêmio ou castigo, mas afirmá-lo integralmente no instante, para em seguida esquecer, ou seja, não ressentir. Ao criar uma filosofia trágica, cuja principal finalidade é afirmar o eterno retorno, Nietzsche defende um modo de encarar a existência com plenitude e alegria. Nietzsche identifica no cristianismo o oposto do dionisismo, e responsabiliza a moral decorrente da religião cristã pela deterioração e fraqueza do homem.

Não se deve embelezar e ataviar o cristianismo: ele travou uma *guerra de morte* contra esse tipo *mais elevado* de homem, ele proscreeu todos os instintos fundamentais desse tipo, ele destilou desses instintos o mal, o homem mau – o ser forte como o tipicamente reprovável, o “réprob”. (Nietzsche, AC p.11/12).

No aforismo 1052 que está nos escritos reunidos em *Vontade de Potência*(p.504) ele contrapõe dois tipos: Dioniso e o crucificado, e como estes são representantes do sofrimento trágico que a vida traz, mas com sentidos totalmente diferentes. Enquanto o martírio cristão é sinônimo de inocência culpada, e condenação à vida, no mito dionisíaco a vida é redimida através da aniquilação, representando o eterno recomeçar, a força da destruição e da criação. Nietzsche diz que no tipo *Zarathustra* e sua constante autossuperação, *seu conceito de dionisíaco tornou-se ato supremo, pois representa o espírito mais afirmativo e nele todas as contradições se aliam a uma humanidade completamente nova.* (EH, p.102)

Na realidade, vem desde seu primeiro livro, o *Nascimento da Tragédia*, essa concepção de que o homem mais elevado tem na corporeidade e nos instintos sua força, contra a idealização do sujeito pensante<sup>58</sup>. Em sua análise, a história do ocidente começa com a vitória das forças apolíneas, que passam a sufocar as dionisíacas, deixando de compor e alternar os instintos de conservação e de destruição. O homem renega a coragem e o excedente de força, abandona o nomadismo para submeter-se ao instinto de rebanho. Podemos entender no desejo de conservação descrito por Nietzsche, também o desejo de acúmulo, que leva a explorar os recursos naturais do mundo a sua volta, para reter, armazenar, prover e dar conforto e, conseqüentemente, fixidez ao homem. Este deixa de ser parte da

---

<sup>58</sup> “Fui eu o primeiro a descobrir a verdadeira antítese: o instinto degenerante que se lança contra a vida com um recôndito desejo de vingança (o cristianismo, a filosofia de Schopenhauer, de certo modo também a filosofia de Platão e todo o idealismo como forças típicas) e uma fórmula de afirmação suprema, nascida da abundância, da superabundância, uma afirmação irrestrita acerca da dor, também a culpa, além de tudo aquilo que há de estranho e de enigmático na vida...” Nietzsche, EH – O Nascimento da tragédia. P.74

dinâmica da vida, para colocar-se acima dela, como ente superior a tudo que vive. Torna-se o animal doente do antropoceno. O que vivenciamos atualmente como catástrofe ecológica (desmatamento e queimadas destruindo florestas, aquecimento global aumentando a temperatura do planeta, derretendo geleiras nos polos que causam aumento do nível dos oceanos, monocultura de alimentos causando adoecimento do solo, extinção de animais, e diversas outras manifestações de agressão à vida) dão provas do niilismo que Nietzsche denunciava como constituinte do modo do homem ocidental distanciar-se da dinâmica natural da vida.

No capítulo *Da virtude dadivosa* Zaratustra recebe o bastão caduceu, símbolo da divindade, numa analogia ao homem tomando o lugar de Deus, ou seja, tornando-se medida absoluta de tudo, marca do iluminismo e sua ênfase na razão. Zaratustra passa então a falar da ética que nasce da *virtude da vontade*, necessária para tornar-se deus. E da impossibilidade de substituir Deus pelo homem comum, pois é preciso um tipo além do humano, que crie sentido na ação, atendendo a uma vontade forte.

Quando quereis com um só querer, e esse afastamento de toda necessidade se chama necessidade para vós: eis a origem da vossa virtude.

Em verdade, é ela um novo bem e mal! Em verdade, é um novo profundo rumor, a voz de uma nova fonte!

Essa nova virtude é poder; é um pensamento dominante e, em torno dele, uma alma sagaz: um sol dourado e, em torno dele, a serpente do conhecimento.” (Z – Da virtude dadivosa pág. 73/74)

Mas na força desta vontade soberana, é preciso ter espaço para afirmar o acontecimento, e ter a coragem de dizer “Foi assim! Assim eu quis!” Qual o grau de potência necessário para que o homem possa atingir essa alegria trágica, coadunando-se ao eterno retorno? Muitos estudiosos da obra de Nietzsche falam das incompatibilidades entre a doutrina da vontade de potência (do além-do-homem) e a do eterno retorno.

O comentador que explora bem a questão dos antagonismos em Nietzsche é Müller-Lauter. Este trecho, que está na introdução de seu livro, aborda o tema das duas faces possíveis para o além do homem, e de como é difícil encarar qualquer uma delas como síntese, visto que são plenas de contradições.

À medida que tenta pensar o homem que poderia sobrepujar os antagonismos, constrói a figura do além-do-homem. Este, contudo, cinde-se em duas figuras que se excluem mutuamente. Enquanto apresenta no tipo do além-do-homem a síntese de todos os antagonismos, o sim a tudo o

que foi, é e será, precisa expor a esse tipo a pretensão da doutrina do eterno retorno, que exige esse sim ilimitado. Também o outro tipo de além-do-homem, o da força irreverente, tem sua manifestação suprema no confronto com a doutrina do retorno. Porém, mesmo esta se mostra em si, de algum modo, plena de contradições, de maneira que se torna impossível pensá-la como expressão válida de uma coesão do mundo alimentada por antagonismos. (MÜLLER-LAUTER, 2009,p.37)

Müller-Lauter avalia que os antagonismos são a própria dinâmica do pensamento nietzschiano, inclusive sendo tematizado por ele como sintoma de sua época e da modernidade<sup>59</sup>. É possível supor então que, para que o homem elevado surja, será preciso fomentar as tensões provenientes dos antagonismos, tanto no que diz respeito às subjetividades quanto ao mecanismo social.

Sabemos que o humano que está pronto a elevar-se sobre estes antagonismos, os seus próprios e os da sociedade moderna, será capaz de superar o niilismo. As doutrinas do além-do-homem e do eterno retorno são as experimentações filosóficas que Nietzsche empreende na tentativa de superar as contradições inerentes à vontade soberana. Assim surge a indagação de como a vontade de potência pode ser posição absoluta de sua perspectiva e, ao mesmo tempo, assumir uma posição não absoluta, já que deve estar sempre aberta a transformar-se pelo fluxo múltiplo e contínuo de outras perspectivas?

Sabemos ainda que, esse acúmulo de potência, esse quantum qualitativo de energia poderosa, que dá formato ao tipo além-do-homem, em suas diversas imagens (o mais potente, ou o mais sábio, entre outras), busca a intensificação dos antagonismos e a constante elevação em aumento de potência. Surge aqui nova indagação, de qual o limite dessa força, qual a intensidade da agressividade proveniente dela? Aqui, cito novamente Müller-Lauter:

Aliás, ao “projetar” ao extremo a imagem do homem, Nietzsche não chega ao vazio da abstração. Ao contrário, seu problema é a plenitude concreta que ele precisa alojar nessa imagem. O extremo do ser humano torna-se, enfim, impensável, porque a pluralidade dos antagonismos admitidos não pode integrar-se na figura do superpotente (*Übermachten*). O conflito entre sabedoria e potência no homem supremo permanece sem solução. Mas Nietzsche precisa fixar-se na possibilidade da solução, pois apenas ela garante que a vontade de potência chegue à sua verdade e, com isso, supere o niilismo. Visto que a prova filosófica dessa possibilidade não logra êxito, esta só pode então permanecer considerada como algo em que se acredita. (Müller-Lauter, p. 218)

---

<sup>59</sup> “Ocupa-o saber se esse antagonismo deveria ser apenas expressão da fraqueza, da doença, do desmoraonamento encontrado nos fenômenos tão variados de sua época, ou se nele residem o germen de uma força e saúde futuras, de uma síntese.” (MÜLLER-LAUTER, P.34)

Müller-Lauter identifica nos apontamentos sobre o além-do-homem dois tipos contraditórios. Um tipo cuja grandeza consiste na posição absoluta de sua perspectiva e que admite inclusive a voz imperiosa que diz *‘assim deve ser!’*. Em sentido diverso está o tipo sábio, capaz de absorver toda contradição, assimilar diferentes perspectivas, sendo esta a segunda experimentação que Nietzsche emprega sobre o homem grandioso<sup>60</sup>.

Não é difícil reconhecer na apresentação dos dois tipos de grande homem os dois momentos que devem constituir a vontade de potência que se mantém em sua verdade: a fixação de uma perspectiva, num antagonismo que exclui as outras perspectivas, e a abertura para a multiplicidade de perspectivas possíveis. Parece ter se confirmado agora a incompatibilidade entre ambos. O grande homem, em cujo cultivo Nietzsche pensa, esse tem de ser o resultado das reflexões até agora – ou o mais forte ou o mais sábio. (Müller-Lauter p.203)

A possibilidade de síntese entre o mais forte e o mais sábio traria o grande homem. Este tipo deve ser capaz de conduzir sua própria perspectiva, assim como abarcar as multiplicidades. Deve reunir força e sabedoria justamente para se colocar no fluxo das intensidades, tendo não só um domínio da própria ação, como um força corporal, ou melhor, psicofisiológica, produzindo a síntese entre o super humano e o animal. Nem mesmo Zarathustra atingiu este ponto híbrido... o centauro ainda espera para ressurgir entre os homens, estes que Nietzsche nomeia *‘animais inacabados’*.

O homem é o animal monstruoso (*Untier*) e o além-do-animal (*Übertier*); o homem mais elevado é o desumano (*Unmensch*) e o super-homem (*Übermensch*): com cada crescimento do homem em grandeza e altura, ele cresce também em baixeza e terribilidade: não se deve querer um sem o outro – ou, antes: quanto mais fundamentalmente se quer um, tanto mais fundamentalmente se alcança justamente o outro. (NIETZSCHE, Aforismo 1027, VP, P.495)

O que se pode refletir é que a efetivação do além-do-homem esbarra em conflitos há muito enfrentados pelo pensamento filosófico. Desde Platão, a formação do líder, do mais capaz para *‘pastorear’* os cidadãos da pólis, é tema da filosofia. Em sua obra *O Político*, a questão dos modos de exercício do poder é assim esplanada por Sócrates ao personagem Estrangeiro:

<sup>60</sup> No capítulo VI de seu livro, que trata do caminho para o além-do-homem, Müller-Lauter discute detalhadamente estas duas tendências para a doutrina do homem elevado. Observamos que a grande maioria das fontes utilizadas para compor os tipos apontados são de fragmentos póstumos. Por isso emprego o termo experimentação da filosofia de Nietzsche, pois não encontramos uma descrição determinada de nenhum modo, nos livros publicados por Nietzsche.

Poderemos, então, quando ela (a arte do cuidado) se exerce pela força, chama-la tirânica, e quando seus préstimos, livremente oferecidos, são livremente aceitos pelo rebanho de bípedes, chama-la política; afirmando, desde já, que quem exercer esta arte e tiver a si estes cuidados será, verdadeiramente, um Rei e um Político? (PLATÃO, Os Pensadores, 1979, p.223, 276 e)

Esse aspecto mostra que nos primórdios da teoria política compreendia-se que os homens poderiam ser liderados por dois modos, o tirânico ou o político. O primeiro domina pela força e o outro pelo convencimento (discurso), pelo amansamento do rebanho que Platão nomeia a arte de pastorear ou a arte do cuidado. Com o cuidado, portanto, nasce a domesticação do homem, ou parafraseando Étienne de La Bóetie, a servidão voluntária.

Entretanto, explicitando a maneira mais nobre de governo pela política, Platão usa como paradigma a arte da tecedura, como o melhor modo de fazer vestimentas, assim como é a técnica da justa medida que serve para separar e trançar dois modos de existência inter-relacionados, o maior e o menor. Diante deste diálogo precisamos admitir que o imaginário de uma antropotécnica sempre habitou a filosofia política, pois Platão segue demonstrando como a sociedade deve ser organizada, classificada, separada por tipos, chegando inclusive a tratar da política de procriação, seguindo um raciocínio de espiral geométrica como marca da evolução dos homens. Adiante, justifica o uso da violência pelo mais sábio governante, desde que seja o mais justo para todos. Encerra o diálogo afirmando ter descrito o *mais perfeito tecido que a ação política urdiu, tomando os caracteres humanos de energia e moderação, a arte real congrega e une suas duas vidas pela concórdia e amizade, realizando, assim, o mais magnífico e excelente de todos os tecidos (311 e)*.

Na história do pensamento ocidental, a fórmula política de Platão formatou nossas sociedades, sendo originária do pensamento humanista moderno, que Nietzsche encara como modo de nivelamento do homem pelo seu pior estado, o da cultura do rebanho. Nietzsche busca oferecer um novo modelo que se sobreponha ao platônico, onde a liderança é exercida pelo líder aristocrático, mas admite que tal sociedade permanecerá como meta futura.

Nietzsche afirma o excedente de potência legítimo ao líder, que não traz o aspecto de pastoreio como vimos em Platão. A concepção de força para Nietzsche é um atributo natural, que reconhece no caráter do forte uma afirmação vital. Em sua filosofia, o mundo é uma totalidade de campos de forças em permanente tensão,

que está metaforizado na estética mítica do trágico, ou de como os deuses, naturalmente superiores, governavam os homens, ora de maneira impetuosa e agressiva, ora de modo sábio, com destaque para Dioniso, o deus da desmesura.

Para isso, a potência plena deve ser experimentação constante, que inclua todo dizer sim à vida, com relação a tudo o que passou, como a tudo que virá. Uma nova perspectiva histórica é de máxima importância para uma outra interpretação do ser humano, pois o além-do-homem só pode vencer o niilismo mais grave, com a aceitação e desejo de que tudo seja como deve ser, como foi e como virá-a-ser. É, portanto, o pensamento do eterno retorno a fórmula máxima que está embutida na ética necessária do além-do-homem, que não se trata de um ser em evolução progressiva e positivista, que abandona seu passado como erro, selecionando apenas o que a história oficial elege como acerto. Ao contrário, o homem da plenitude terrena, que retorna infinitamente ao seu passado, sem seletividade, é o que aumenta sua potência na vivência inteira de toda dor e prazer.

Este pensamento mais extremo de Nietzsche, o eterno retorno do mesmo, em toda sua tragicidade é o que torna possível pensar o além-do-homem como meta futura. Nada melhor para ilustrar esse ponto, do que o comentário de Nietzsche sobre a obra de Goethe, em *Crepúsculo dos Ídolos*:

Goethe concebeu um homem forte, elevadamente culto, hábil em toda corporeidade, que controlava a si mesmo e venerava a si mesmo; um homem que tinha o direito de ousar não invejar toda a envergadura e a riqueza da naturalidade, que era forte o bastante para esta liberdade; o homem da tolerância, não por fraqueza, mas por força, porque sabia usar ainda em seu proveito o que produziria o perecimento da natureza mediana; o homem, para o qual não existia nada mais proibido, a não ser a fraqueza, seja esta um vício ou uma virtude...Um tal **espírito, que se tornou livre**, encontra-se com um fatalismo alegre e confiante em meio ao todo, na crença em que apenas o singular é reprovável, em que todo tudo se dissolve e afirma – **ele não nega mais**... Mas uma tal crença é a maior de todas as crenças possíveis: eu a batizei sob o nome de **Dioniso**. – (NIETZSCHE, CI, p.107/108)

### 3.3 Para além de Nietzsche

Eu me encontro entre os homens como entre pedaços de um futuro: aquele futuro que enxergo.  
E este é todo o meu engenho e esforço, eu componho e transformo em um o que é pedaço, enigma e apavorante acaso.  
E como suportaria eu ser homem, se o homem não fosse também poeta, decifrador de enigmas e redentor do acaso?  
Redimir o que passou e transmutar todo “Foi” em “Assim eu quis!” – apenas isto seria para mim redenção! (Zaratustra, p.133)

Desenvolvi este trabalho até aqui, apresentando dois aspectos em contraposição. O aspecto apontado e criticado por Nietzsche como hegemônico na formação social e cultural do homem ocidental e suas mazelas, e o contra hegemônico, proposto por Nietzsche, como moral da transvaloração para enfrentamento do niilismo. O projeto hegemônico que carrega uma vontade de verdade e a contrapartida de Nietzsche que tem na teoria das forças e na multiplicidade de processos em luta dinâmica, a valorização da experiência no real.

Vimos que o tipo além-do-homem é esse que supera e transvalora, cria valores a partir de um referencial terreno, ou seja, transitório e múltiplo. Ao homem do ressentimento, o da inação, Nietzsche contrapõe o homem imanente, corporal e ativo. Superar é transvalorar, eis a hipótese que norteia o projeto nietzschiano com um todo. A partir disto, podemos perguntar, se o Além-do-homem é uma tarefa de superação proposta aos filósofos do futuro, o que o conceito comporta atualmente? Busco concluir esta pesquisa pensando um além dohumano (*übermensch*) contra hegemônico ao sujeito cartesiano, cujo modelo é heteronormativo, colonial, descorporificado, e racial, imbricado com as questões identitárias tão importantes na contemporaneidade.

A partir deste ponto, pretendo reafirmar a perspectiva contra hegemônica da filosofia de Nietzsche em relação à moral ascética dos últimos homens, assim como ampliar os limites para além do caráter político encontrado nas críticas do filósofo em relação ao cenário europeu de sua época. Proponho-me ainda analisar perspectivas de resistência que se contrapõem ao modelo de sujeito eurocêntrico, mesmo sabendo que Nietzsche se restringiu ao problema pela ótica europeia, pois entendo que sua filosofia abriu novas perspectivas de horizontes hermenêuticos, já que apresenta uma inovadora revisão do cânone filosófico, que começa por possibilitar repensar injustiças epistemológicas. Ou seja, pretendo fazer uso das ferramentas que Nietzsche oferece para pensarmos problemas contemporâneos e apontar os limites de sua “filosofia para espíritos livres”. Ressalto entender que não podemos trazer o pensamento de Nietzsche para a contemporaneidade, sem compreender a distância temporal que nos separa do século XIX, ou arriscaremos cair em anacronismos. A relevância histórica dos fatos como foram percebidos pelo filósofo em seu tempo, e como percebemos em nosso conturbado tempo, serão analisados com o viés crítico que lhes cabe, ainda que com a observância da diferença dos respectivos discursos filosóficos da sociedade em cada momento.

Exemplo dessa ligação temporal, a quebra do paradigma do sujeito universal a partir de Nietzsche abre caminho para múltiplas vozes na filosofia contemporânea. São herdeiros desta abertura no pensamento ocidental os pós-estruturalistas franceses Deleuze, Foucault e Derrida, os existencialistas Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre. Ainda mais atualmente, temos Judith Butler, Paul B. Preciado, Achille Mbembe, entre muitos. Exemplificando, no caso da obra de Paul Beatriz Preciado, o que nos salta primeiramente é a crítica à determinação de uma identidade originária, fundamentação da metafísica ocidental. A autora do *Manifesto Contrassexual (Práticas subversivas de identidade sexual)* denuncia a ideia de “ser natural” como aquilo que vem sustentando todo o edifício da cultura ocidental, e suas colunas binárias heteronormativas. No caso de Derrida temos que o conceito de ser, o sujeito, está fechado na identidade de si, de forma dogmática. Ao apresentar sua crítica ao sujeito racional clássico da linguagem, ele mostra como ao longo da história da sociedade ocidental, foram excluídos de seu escopo, todos que não são este sujeito tradicional, ou seja, animais, mulheres, índios, homossexuais e uma imensa diversidade identitária. Ambos, Derrida e Preciado atestam sua filiação ao legado de Nietzsche, principalmente nas questões identitárias e de linguagem. De certo que são muito os pensadores que tanto absorveram quanto criticaram o filósofo do martelo, ainda que apontando suas contradições, como no caso das feministas, pois o questionamento do sujeito clássico e o abalo de sua supremacia no ocidente teve em Nietzsche o seu alvorecer teórico.

Outro aspecto importante de abertura de pensamento a partir de Nietzsche é a sua crítica à metafísica transcendental, que abre uma clareira para as filosofias imanentistas e as de cunho ateu.

Também com relação a análise conjuntural da modernidade, apesar de se dizer o *último alemão antipolítico* (EH p.31), já foi dito o quanto Nietzsche tratou de questões políticas em seus exames, criticando o iluminismo, o capitalismo emergente e o humanismo europeu. Nesse sentido podemos considerá-lo uma ponte teórica política entre a modernidade e a contemporaneidade, ainda que Nietzsche tenha seu ponto de vista situado no eurocentrismo e dele não se descole, esquivando-se de tecer quaisquer críticas ao colonialismo presente em sua época.

Podemos pensar que, sendo filólogo clássico, Nietzsche teve ciência de diferentes culturas e diversos tecidos comunitários, no entanto, busca nos gregos antigos sua inspiração. Pelo aforismo abaixo, que trata do uso da linguagem em

dísparos povos e como isto provoca diferentes perspectivas de interpretação, podemos aferir que Nietzsche teve conhecimento de outras culturas e as incorporou em sua filosofia, contudo escolheu a grega arcaica como modelo, ainda que sugira um retorno ao modo contra hegemônico helenista, ou seja, o trágico em detrimento à racionalidade.

Onde há parentesco linguístico é inevitável que, graças à comum filosofia da gramática – quero dizer, graças ao domínio e direção inconsciente das mesmas funções gramaticais -, tudo esteja predisposto para uma evolução e uma sequência similares dos sistemas filosóficos: do mesmo modo que o caminho parece interdito a certas possibilidades outras de interpretação do mundo. Filósofos do âmbito linguístico uralo-altaico (onde a noção de sujeito teve o desenvolvimento mais precário) com toda a probabilidade olharão ‘para dentro do mundo’ de maneira diversa e se acharão em trilhas diferentes das dos indo-germanos ou muçulmanos: o encanto exercido por determinadas funções gramaticais é, em última instância, o encanto de condições raciais e juízos de valor fisiológicos. – Isto como resposta à superficialidade de Locke no tocante à origem das ideias. (ABM af.20, p.25)

Prosseguindo, foi tratado neste trabalho ainda, que Nietzsche traz a semântica corporal para o conceito de além-do-homem, como contraponto à moral ascética. Porém, a força agressiva do tipo superior apresenta certa perspectiva, a do herói homérico, o tipo aristocrático grego, que é sempre o guerreiro do sexo masculino, conquistador que sabidamente avança sobre outros povos, pilhando suas casas, sequestrando mulheres, impondo sua cultura da violência. O homem grego arcaico é o marcador social da filosofia de Nietzsche, o que fixa uma determinada narrativa política, que exclui outras raças, gêneros, culturas.

Trata-se para o terceiro mundo, de recomeçar uma história do homem que tenha em conta ao mesmo tempo as teses às vezes prodigiosas sustentadas pela Europa e também os crimes da Europa, dos quais os mais odiosos terão sido, no interior do homem, o esquarteramento patológico de suas funções e o esmigalhamento de sua unidade, no quadro de uma coletividade a fratura, a estratificação, as tensões sangrentas alimentadas pelas classes, enfim, na escala imensa da humanidade, os ódios raciais, a escravidão, a exploração e sobretudo o genocídio exangue que representa a segregação de um bilhão e meio de homens. (FANON, 1968, P.274)

Atualmente, chegamos a uma ideia muito mais abrangente do que seria o aspecto hegemônico colonialista da ocidentalidade. Há uma geopolítica vigente em todos os campos de nossa cultura, partindo do conhecimento que é compartilhado como superior, pois o sujeito filosófico majoritário apresentado nas universidades é heteronormativo, o homem branco racional aceito como unidade normativa para toda a humanidade. Urge que, tomando por base a crítica de Nietzsche ao sujeito tradicional, e como corpos atravessados pelos sintomas do imperialismo cultural

branco ocidental, percebamos o quanto esse discurso da *vontade de verdade* nos atinge ainda, a partir do eurocentrismo e seu modo de vida de exploração capitalista, atualmente em sua versão neoliberal.

Podemos arriscar pensar algumas hipóteses de expansão do conceito nietzschiano de superação humana, para movimentos coletivos de resistência que surgem na sociedade moderna e avançam na atualidade, tais como os feminismos, antirracismos, discussões de gêneros, interseccionalidade e decolonialismo. Ora, se nesta dinâmica de forças antagônicas, os marcadores históricos sociais delineados por Nietzsche, se sucedem em um eterno retornar, dos tipos ressentidos aos tipos agonísticos, cabe perguntar ‘quem somos nós’ neste quadro? Lembrando, ressentidos são os animais adoecidos e amedrontados, que apenas reagem ao outro; agonísticos são os de unicidade forte, que se diferenciam da moral vigente, e tem na própria ação sua medida de valor.

Dos múltiplos movimentos de resistência ao modo europeu, dou partida a esta reflexão investigando um dos temas mais conturbados da obra do filósofo, sua visão sobre as mulheres e sobre o movimento feminista emergente naquele final de século XIX. Pelas correspondências de Nietzsche, sabemos de suas relações conflitantes com as mulheres de sua vida. Primeiro, mãe e irmã, que ele afirma em *Ecce Homo* serem o grande obstáculo para sua experiência de eterno retorno. Em seguida, a admiração por Cosima Wagner, e a decepção proveniente do rompimento com o compositor, marido de Cosima. E a mais influente delas, a jovem russa Lou Salomé, a quem Nietzsche chegou a pedir em casamento, sendo por ela rejeitado. Em carta à sua irmã Elisabeth, na primavera de 1884, Nietzsche afirma que “de todos os conhecimentos que travei, o mais valioso e o mais produtivo foi o com a senhorita Salomé. Foi somente a partir do contato com ela que amadureci para o meu *Zaratustra*” (Nietzsche e Lou: correspondência e outros documentos, 2018, p.171).

Tomando por base suas cartas, anotações e publicações, entendemos que Nietzsche se relacionou com tipos femininos intensos e obstinados. Foi criado por mulheres de personalidades fortes, escolhia a companhia de mulheres emancipadas, que em muito nos lembram suas descrições dos tipos superiores, com a diferença de não serem do sexo masculino. Se a marca de uma vontade de potência forte se mostrava em mulheres que Nietzsche conheceu, porque ele afirma sempre em suas publicações o poder de mando dos homens sobre as mulheres, que devem a eles manterem-se submissas? Em obras de seu período mais

transvalorativo, Nietzsche faz duras críticas às mulheres emancipadas, às que se expressam publicamente. Em outros momentos, como nos aforismos de ABM (231 a 239), ou neste ponto de *Ecce Homo*, Nietzsche vê na mulher um oponente ressentido e de natureza fraca, que deve ser silenciado.

A guerra é coisa diversa. Por natureza, eu sou batalhador. Investir é um dos meus instintos. **Poder** ser inimigo, indica numa natureza talvez bem forte; e possui todo o modo congênito de cada natureza forte. Tem ela necessidade de obstáculos porque **procura** o obstáculo: o ímpeto **agressivo** é uma consequência natural da força, do mesmo modo que o rancor e o desejo de vingança derivam da fraqueza. A mulher, por exemplo, é vingativa; esta é uma consequência da sua fraqueza, bem como da sua sensibilidade diante das misérias do próximo. (EH Porque sou tão sábio p.37/38)

Percebo que no que tange à mulher há uma grande contradição em Nietzsche, posto que sua filosofia não se filia a nenhum sujeito universal, e em não existindo universal, não pode existir gênero definido, nem tampouco uma tipologia psicofisiológica constante. Se Nietzsche nega o absoluto em sua tentativa de superação da metafísica afirmando que o que existe é vida como relação de forças, cada ânimo dando um certo sentido ao fenômeno, sendo o afeto dominante o que comanda temporalmente, mostra-se contraditório que a mulher esteja em sua obra sempre hierarquicamente inferior ao homem. Vejamos este comentário de Deleuze que reforça o argumento do caráter transitório e perspectivo da força:

À dualidade metafísica da aparência e da essência, e também à relação científica do efeito e da causa, Nietzsche substitui a correlação do fenômeno e do sentido. Qualquer força é apropriação, dominação, exploração de uma quantidade de realidade. (Deleuze, Nietzsche e a filosofia, p.8/9)

Problematizando, se o outro na filosofia nietzschiana é quem dá sentido à competição agonística, sendo as posições de comando relativas à qualidade e quantidade das forças, necessariamente decorre que mulher e homem estão em oposição e luta. Neste sentido é possível perceber que, no que diz respeito às relações entre homens e mulheres, o filósofo se põe numa certa perspectiva, a do gênero masculino-nobre, e toma a posição de que se deve manter o seu outro, o feminino-escravo, subjugado pela força dominante<sup>61</sup>. Neste particular, Nietzsche

<sup>61</sup> Como exemplo, temos o aforismo 232 de ABM, do qual retiro este trecho: “ Nós, homens, desejamos que a mulher não continue a se comprometer através do esclarecer: assim como foi cuidado e atenção masculina para com a mulher que a Igreja decretasse *mulier taceat in ecclesia!* (que a mulher se cale na igreja!). Foi em proveito da mulher que Napoleão deu a entender à excessivamente loquaz Madame de Staél: *mulier taceat in politicis!* (a mulher se cale na política!) –

não parece considerar as questões de gênero como devir histórico, não aplica ao gênero sua compreensão de sujeito como efeito e nem o método genealógico, mas interpreta simplesmente a mulher como o outro fixado do homem. Porém, entre um e outro, há um terceiro excluído, que é o devir mulher em construção.

Simone de Beauvoir retoma Nietzsche pelo que ela considera sua filosofia positiva e pelo seu ateísmo que fornecem caminhos para liberdade, mas aponta alguma contradição na questão da mulher. Dialeticamente entende que a sociedade ocidental enxerga a mulher como outro do homem, que é visto como o tipo humano absoluto, e por isso ela é secundarizada. Sendo o outro, o negativo, a mulher necessariamente têm de ter as características contrárias das do homem, sendo considerada fraca, dependente, para que o homem possa se manter como forte e absoluto. Ela mostra que é preciso fazer a gênese do processo de formação do caráter mulher, para entender como se tornou historicamente, esse sujeito secundarizado. Afirma que ser é ter-se tornado, concluindo de sua pesquisa que não existem diferenças cognitivas significativas entre os gêneros ditos femininos e masculinos ou qualquer outra justificativa para uma separação em categorias hierárquicas, e que estas resultam tão somente do domínio e opressão patriarcal da sociedade. Beauvoir defende a necessidade de a mulher tornar-se sujeito, sendo quem ela quiser ser, gerando assim um maior equilíbrio entre os gêneros.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*. (BEAUVOIR, 2016, P.11)

A construção patriarcal, ao longo do tempo, forjou na sociedade e impôs às mulheres a imagem que delas se deve ter: passivas, mães, domésticas, cuidadoras, acolhedoras, submissas. Podemos verificar que homem e mulher, na obra nietzschiana, vão alternando de papéis<sup>62</sup>, confundindo para que o leitor se acautele antes de apontar Nietzsche como misógino. Uma leitura mais atenta, contudo, afasta essa estratégia de escrita própria do filósofo, o que permite perceber que, de fato, os princípios de sexo, misturam-se com os de poder, sendo a mulher

---

e penso que é um verdadeiro amigo das mulheres quem hoje lhes diz: *mulier taceat de muliere!* (a mulher se cale acerca da mulher!) p.126

<sup>62</sup> Os aforismos 411 (*O intelecto feminino*) e 412 (*Um julgamento de Hesíodo confirmado*) de HDH, é um exemplo deste argumento.

hierarquicamente inferior ao homem, na grande maioria das vezes em que Nietzsche faz referência à mulher.

O filósofo compara a mulher científica, que ele chama de “mulher em si”, com as que ele considera mulheres autênticas, por entenderem que qualquer curiosidade científica é um atentado ao pudor. Nesse exercício, ele pensa a “mulher em si” como aquela que passa a falar sobre a mulher, “idealizando-a” num eterno feminino, deixando de *ser* mulher, perdendo a autenticidade. O perigo aqui, segundo Nietzsche, é o de a mulher se desnaturalizar e decair, cooptada pelo cientificismo da época. Fica a questão de que, se sujeito é performance, porque Nietzsche remeteria a mulher a uma substância, a uma matriz de gênero?

Em *Zaratustra*, em muitas passagens Nietzsche faz referência à mulher. Quero me deter no tópico *Das velhas e novas mulherezinhas* (págs.63 a 65), quando Zaratustra encontra uma velha que lhe pede para falar sobre a mulher, ao que ele responde que sobre as mulheres deve-se falar apenas aos homens. Mas faz uma concessão a ela por ser velha o bastante para logo esquecer, ou seja, não tomar a lição como um dogma para a vida toda. E ele vai dizer coisas como que a solução para o enigma da mulher é a gravidez, que os homens nascem para a guerra e a mulher para ser o descanso do guerreiro e que a mulher mais doce é ainda amarga. Além desses tipos sexistas, cito esta passagem em que a mulher é objetificada e secundarizada em prol da criação do além-do-homem.

Melhor do que o homem entende a mulher as crianças, mas o homem é mais infantil que a mulher.  
 No verdadeiro homem há uma criança escondida, que quer brincar. Ide, mulheres, descobrir a criança no homem!  
 Que a mulher seja um brinquedo, puro e delicado, semelhante à pedra preciosa, iluminada pelas virtudes de um mundo que ainda não existe.  
 Que o raio de luz de uma estrela brilhe no vosso amor! Que a vossa esperança seja: “Possas eu dar à luz o super-homem!...  
 Que em vosso amor esteja vossa honra! No mais, pouco entende a mulher de honra.” (Z. pág.64)

Remetendo à passagem que fala das três metamorfoses (Z., pág. 27) quando o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança, Zaratustra ensina imagetivamente que o espírito se transforma do camelo carregador dos pesos niilistas, na força do querer do leão e na capacidade da criança em criar. Portanto aqui Zaratustra está comparando o homem à criança criadora e delega à mulher por sua capacidade de amar a responsabilidade de trazer à luz o além-homem. Temos que, ainda que ironize a ideia de um retorno ao “eterno

feminino” que ele identifica nas mulheres que falam sobre mulheres, nesta passagem Nietzsche destaca que o papel reservado à mulher no que tange ao advento do além-do-homem é o de gestá-lo e amá-lo, características que remetem ao princípio do feminino materno. Neste mesmo trecho da conversa sobre a mulher, Zarathustra diz que “a felicidade do homem é: eu quero e a felicidade da mulher é: ele quer” e finaliza com a mulher velha lhe deixando uma advertência: “Vais ter com as mulheres? Não esqueças o chicote!”

De certo que encontramos também para a mulher um ideal de superação, ainda que muito superficialmente. Isto aparece, por exemplo, em cartas à Lou Salomé, onde ele a aconselha: “A crença feminina em qualquer virtude feminina superior, que precisaria existir, para que uma natureza mais elevada qualquer pudesse ser alcançada – e a mudança de fato dessas ‘virtudes superiores’”.<sup>63</sup>

E ainda neste trecho do aforismo de título provocativo – “Que tipo de homem pode se sentir mal em meio à leitura de meus escritos?”

...Do mesmo modo, só muito dificilmente satisfaço as mulherezinhas literárias, tal como elas costumam ser, com instrumentos sexuais doentios e canetas-tinteiro nos dedos; talvez porque eu pense de maneira elevada demais a mulher, para querer rebaixá-la a condição de uma lula<sup>64</sup>? ... 7 (66)  
Final de 1886 – Primavera de 1887. pág.267

Cabe perguntar que tipo de elevação é a proposta por Nietzsche para as mulheres, já que para alçar tal *status* elas não poderiam ser literatas, cientistas, eloquentes, muito menos participarem do movimento de emancipação feminista. Será que devemos supor que também neste particular, o *pathos* de distância em relação às mulheres, seja de um ‘tipo’ Nietzsche<sup>65</sup>performatizando seu estilo irônico, metafórico? Deleuze diria que não se pode ler Nietzsche sem o riso. Porém, para que a compreensão do *übermensch* como *um para além da humanidade* abrangesse também o gênero feminino, carece questionar onde estão os exemplos de super mulheres, que certamente não faltariam ao filólogo, outros modelos de autodomínio que não somente Alcebiades e César, Frederico II Hohenstaufen e Leonardo da Vinci (ABM, pág.87).

Mas, afora o gênero, são muitas as perspectivas excluídas pelo centralismo europeu, e precisamos seguir com a argumentação firmados sobre os pilares da

<sup>63</sup> NIETZSCHE E LOU: Correspondência e outros documentos p. 103

<sup>64</sup> Tradução da palavra *Tintenfisch*, que em alemão significa literalmente “peixe de tinta”, ou seja, polvo. Nietzsche parece se referir ao hábito de escrever diários, comum entre mulheres da época.

<sup>65</sup> “Eu sou uma coisa, outra é minha obra” EH p.61

crítica ao sujeito universal que estão na filosofia de Nietzsche. Inclusive, sem medo de cair em essencialismos<sup>66</sup>, se comecei essa reflexão sobre a tipologia mulher mostrando a contradição do outro excluído do ideal de superação do homem em Nietzsche, devo prosseguir e fazer referência ao sujeito excluído dentro do próprio movimento feminista. Exemplo disso, na luta pelo direito ao voto pelas sufragistas, mulheres brancas excluía mulheres de outras etnias de suas reivindicações. Neste particular, cito a escritora portuguesa Grada Kilomba:

Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma... Mulheres brancas tem um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto "o outro" do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o "outro" do outro. (KILOMBA, P.124)

Assim, seguindo com o problema da contra hegemonia da identidade, é preciso somar à esta abordagem o tema do sujeito colonial e a imposição do ascetismo da religião cristã. Afinal a modernidade tão criticada por Nietzsche, traz o problema do colonialismo e com ele, o do racismo, do jesuitismo, do extermínio de povos (que desemboca no regime fascista como consequência da autorização do extermínio da diferença), da criação da classe proletária, da exploração predatória de recursos naturais, enfim, um devir catástrofe que empurrou a humanidade para o abismo.

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. (KRENAK, 2019, PÁG.11)

Na sombra dos ideais de liberdade do iluminismo escondiam-se a brutal escravização e extermínio de múltiplas nações, em nome da razão civilizatória e do

---

<sup>66</sup> Refiro-me à crítica que atravessa as políticas identitárias atualmente, acusando-as de radicalismo nas especificidades, possibilitando que o sistema hegemônico se aproprie de forma superficial das questões das diferenças, desviando das questões comuns, levando à um identitarismo que se baseia na rejeição ao outro. Entretanto, a meu ver, o discurso hegemônico se firmou em uma identidade única modelar e isto não é criticado pelos que se apressam em acusar as lutas identitárias de radicalismo. É preciso compreender que toda luta comunitária parte de demandas múltiplas e particulares, exemplo os sindicatos, as associações de bairro, movimentos feministas, LGBTQIA+, anti-racismos, e uma infinidade de outras reivindicações.

progresso dos impérios europeus. Crítico feroz do século das luzes e suas nefastas consequências, Nietzsche quer salvar um tipo de história, a que surge de uma relação de imanência com a vida, com um tipo de cultura rica em diversidades.

A invenção de deuses, heróis e super-homens, de fadas, anões, sátiros, demônios e diabos, foi o inestimável exercício prévio para a justificação do amor-próprio e da soberania do indivíduo: a liberdade que se concedia a um deus, relativamente aos outros deuses, terminou por ser dada a si mesmo, em relação a leis, costumes e vizinhos. Já o monoteísmo, esse rígido corolário da doutrina de um só homem normal – a crença num só deus normal, além do qual há apenas falsos deuses enganadores -, foi talvez o maior perigo para a humanidade até então: ela foi ameaçada pela prematura estagnação que, tanto quanto podemos ver, a maioria das outras espécies animais atingiu há muito tempo; em que todos creem num só tipo normal e ideal em sua espécie, tendo definitivamente traduzido a moralidade dos costumes em sua carne e seu sangue. No politeísmo estava prefigurada a humana liberdade e variedade de pensamento: a força de criar para si olhos novos e seus, sempre novos e cada vez mais seus; de modo que somente para o homem, entre todos os animais, não existem horizontes e perspectivas eternas. (NIETZSCHE, GC, Af. 143, P. 145 / 146)

A hegemonia cultural do cristianismo tentou apagar as religiões politeístas dos povos colonizados, através da imposição de sua teologia, assim como da condenação do corpo por sistemas repressivos cada vez mais rígidos, especialmente o corpo feminino. Silvia Federici mostra em sua pesquisa que

... houve uma continuidade entre a dominação das populações do Novo Mundo e a das populações da Europa, em especial as mulheres, durante a transição ao capitalismo. Em ambos os casos, populações inteiras foram expulsas de suas terras pela força, houve um empobrecimento em grande escala e campanhas de “cristianização” que destruíram a autonomia das pessoas e suas relações comunais. Também houve uma influência recíproca entre os dois processos, por meio da qual certas formas repressivas que haviam sido desenvolvidas no Velho Mundo foram transportadas para o Novo e depois reimportadas para a Europa. (FEDERICI, 2017, p.380)

Exterminar a diversidade é a marca que a civilização europeia deixa por onde estende sua dominação. O que Nietzsche assinalava no aforismo 143 da GC citado na página anterior, está atualizado em *O perigo de uma história única* da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie:

É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é nkali. É um substantivo, que livremente se traduz: "ser maior do que o outro." Como nossos mundos econômicos e políticos, histórias também são definidas pelo princípio do nkali. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e

começar com "em segundo lugar". Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente.<sup>67</sup>

Avançando nesta linha argumentativa, apesar de os estudos pós-coloniais tornarem-se cada vez mais presentes nos debates e estudos sobre o tema da modernidade, o atraso em relação ao reconhecimento de filosofias africanas está longe de uma equiparação pelas injustiças criadas com a diáspora negra. Além disso, o colonialismo ainda opera nas estruturas sociais, na naturalização da pretensa superioridade branca e no extermínio do povo negro, que o filósofo camaronês Achille Mbembe, elabora com o conceito de necropolítica<sup>68</sup>, o poder soberano criando zonas de morte. Precursor teórico do anti-colonialismo no século XX dentro dos meios acadêmicos, Mbembe escreve:

Não se trata de recontar a história, nem de fazer sociologia – e ainda menos de estabelecer tipologia. Esse trabalho já foi feito e, salvo alguns detalhes, pouco há a acrescentar. Tratar-se-á ainda menos de fazer o balanço das independências. A descolonização é um acontecimento cujo significado político essencial residu na vontade activa de comunidade – como outros falavam antigamente de **vontade de poder**. Essa vontade de comunidade era o outro nome daquilo que se poderia designar por **vontade de viver**. Visava a realização de uma obra partilhada: suste-se a si própria e constituir uma herança.<sup>69</sup>

O movimento descolonial, longe de ser uma reação ressentida, trata em primeiro lugar de reinterpretar os valores impostos pela cultura uniformizante do colonizador. E em seguida, retomar coletivamente a soberania dos povos africanos, através de uma vontade potencializada pela partilha, visando reconstituir sua história ancestral. Descolonizar<sup>70</sup> significa transpor o colonialismo.

<sup>67</sup> CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE – *O perigo de uma única história*. Disponível em <https://www2.ifmg.edu.br/governadorvaladares/noticias/adelia-a-poesia-e-a-vida-convite-para-o-3o-encontro-do-dialogos/o-perigo-de-uma-historia-unica-chimamanda-ngozi-adichie-pdf.pdf>

<sup>68</sup> A partir das reflexões de Michel Foucault sobre biopolítica (estruturas de poder que servem para regular grandes populações), Mbembe elabora o conceito de necropolítica, política de morte que tem o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Corpos matáveis submetidos à uma sub-vida, descartáveis pelo sistema de poder, são eliminados cotidianamente, tendo suas mortes naturalizadas através da instauração de regimes baseados no medo, onde o outro é o inimigo.

<sup>69</sup> MBEMBE, Achille. *Sair da Grande Noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Coleção Reler África. Edições Mulemba, 2013.

<sup>70</sup> O termo que tem sido usado mais recentemente para se referir às ações pós-coloniais é decolonizar. Apesar de semelhantes, o vocábulo decolonizar sugere uma interpretação que visa transcender a colonialidade.

Bell Hooks reflete como mulher negra sobre a experiência que chama de “autorrecuperação” o processo de tomada de consciência crítica em relação ao sujeito colonial e questiona:

“Eu estava particularmente indecisa sobre a palavra “autorrecuperação”, a insistência contida nela de que uma completude do ser – chamado aqui de eu – está presente, é possível, que temos que experimentar, que é uma estado para o qual podemos regressar. Eu queria saber no meu coração se isso era verdade para o oprimido, o dominado, o desumanizado, que as condições para a completude, o eu completo, existiam anteriormente à exploração e à opressão, um eu que pudesse de fato se restaurar, recuperar. Descartando a noção de que o eu existe em oposição a outro que deve ser destruído, aniquilado (pois quando saí do mundo segregado de casa e passei a viver com e entre pessoas brancas e seus saberes, aprendi essa maneira de compreender a construção social do eu), evoquei os saberes que havia aprendido de pessoas negras do sul não escolarizadas. Nós aprendemos que o eu existia em relação, era dependente, para sua própria existência, das vidas e das experiências de todas as pessoas; o eu não como “um eu”, mas a junção de “muitos eus”, o eu como a incorporação de uma realidade coletiva passada e presente, família e comunidade. A construção social do eu “em relação” significava, então, que conheceríamos as vozes do passado que falam em e para nós, que estaríamos em contato com o que Paule Marshall chama de “nossas propriedades ancestrais” – nossa história. Porém, são precisamente essas vozes que são silenciadas, reprimidas, quando somos dominados. É essa voz coletiva que lutamos para recuperar. Dominação e colonização tentam destruir nossa capacidade de conhecer o eu, de saber quem somos.” (HOOKS, 2019, p.77/78)

Hooks propõe com o termo “autorrecuperação” um modo de estar e atuar na sociedade opressora branca, mesclando ipseidade e coletividade fortes, retomando a identidade racial que lhes foi usurpada. De-colonialidade sugere assumir o passado e ressignificá-lo, sem carregar o *pathos* do ressentimento. Em termos nietzschianos, é preciso ter força plástica, capacidade de remodelar o passado e remontá-lo dinamicamente no presente. Força plástica, é o conceito que trata da capacidade de superação do passado.

Para determinar este grau e, através dele, então, o limite, no interior do qual o que passou precisa ser esquecido, caso ele não deva se tornar o coveiro do presente, seria preciso saber exatamente qual é o tamanho da força plástica de um homem, de um povo, de uma cultura; penso esta força crescendo singularmente a partir de si mesma, transformando e incorporando o que é estranho e passado, curando feridas, restabelecendo o perdido, reconstituindo por si mesma as formas partidas. (NIETZSCHE, Co Ex II, p.10)

Resistir à soberania do processo de vir-a-ser através de uma justificação de si mesmo, eis a tarefa para a qual nos conclama Nietzsche. Atualmente as ações afirmativas e as políticas identitárias trazem uma liberdade de redefinição a respeito

de si que visam transpor as invisibilidades raciais e os preconceitos de gênero propagados pelo mecanismos de dominação da supremacia branca masculina.

A questão do devir identitário em Nietzsche, está ligada ao pensamento do eterno retorno, assumir o passado, redimindo-o e transformando-o. O *torna-te quem tu és* é a chave de compreensão que finaliza a obra de transvaloração do filósofo. A máxima de Píndaro, ressignificada por Nietzsche não trata de uma suposta superação de 'si' que carregaria a ideia de subjetividade metafísica do eu. Relembremos esta passagem de *A Genealogia da moral* em que Nietzsche aborda o tema da ficção do sujeito:

Um quantum de força equivale a um mesmo quantum de impulso, vontade, atividade – melhor, nada mais é senão este mesmo impulso, este mesmo querer e atuar, e apenas sob a sedução da linguagem (e dos erros fundamentais da razão que nela se petrificaram), a qual entende ou mal-entende que todo atuar é determinado por um atuante, um 'sujeito', é que pode parecer diferente. Pois assim como o povo distingue o corisco do clarão, tomando este como ação, operação de um sujeito de nome corisco, do mesmo modo a moral do povo discrimina entre a força e as expressões da força, como se por trás do forte houvesse um substrato indiferente que fosse livre para expressar ou não a força. Mas não existe um tal substrato; não existe 'ser' por trás do fazer, do atuar, do devir; 'o agente' é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo." (GM I, 13 p.36)

Logo, tornar-se é atuação performática na criação de identidades corporais, que são efeitos produzidos em uma substância neutra, atingida pela força e ação das subjetividades. A soberania de si que Nietzsche ensina é ferramenta para a vontade nobre que diz sim à vida, capacidade que os espíritos livres atingem, ao se desprenderem de todo ressentimento, firmando-se na força do instante. Vejamos esta carta de um Nietzsche psicólogo:

Por fim, minha amada Lou, o antigo pedido cordial profundo: venha a ser quem tu és! Primeiro se tem necessidade de se emancipar de seus grilhões, e, por fim, ainda é preciso se emancipar dessa emancipação! Cada um de nós, ainda que de uma maneira muito diversa, tem de trabalhar nessa doença das correntes, mesmo depois que ele as destruiu. (Nietzsche à Lou Salomé em 1 de setembro de 1882)

Sobre este devir de si que firma a própria existência, Nietzsche pergunta-se "como se chegar a se tornar quem se é?" em *Ecce Homo*. Acompanhemos este recorte desta reflexão:

...no recôndito, a ideia organizadora, a ideia destinada a dominar, cresce pouco a pouco, começa a impor-se, sai lentamente dos caminhos secundários e dos círculos viciosos, prepara qualidades originais e capacidades que certamente se tornarão indispensáveis como meios para chegar-se ao todo, formando, umas após outras, todas as faculdades dependentes, sem deixar intuir qualquer coisa na tarefa dominante, na

meta, no escopo, quanto ao significado... Considerada por esse lado, a vida é simplesmente maravilhosa. Para conseguir-se uma **Transmutação de todos os valores**, é necessário talvez mais faculdades de quantas foram até agora possíveis num só indivíduo; sobretudo, seriam necessárias contradições entre essas faculdades sem que, todavia, por isso se espezinhassem ou se destruíssem entre si. Ordem hierárquica das faculdades, sentido da distância, arte de superar sem inimizar-se; não confundir nada, não “conciliar” nada; uma infinita multiplicidade que todavia é o contrário do caos: foi essa a premissa, o longo trabalho oculto, a operosidade artística do meu instinto. E a sua alta salvaguarda se demonstrou fortemente, a ponto de eu, em caso algum, não ter chegado sequer a duvidar do que se desenvolvia em mim: de que todas as minhas faculdades se revelavam de chofre, improvisadamente, na sua perfeição mais elevada. (NIETZSCHE. EH - Porque sou tão sábio §9 –p.57/58)

Vimos que Nietzsche fez de si laboratório de suas experimentações sobre o conceito de indivíduo, concluindo que a ipseidade decorre de certo arranjo de forças dentro de uma multiplicidade, formada pelas experiências vividas. É possível o humano pleno, mas essa plenitude decorre de uma forma de viver, da potência que nasce com a afirmação dionisiaca, da liberdade conquistada sobre as próprias servidões que o espírito livre precisou enfrentar para chegar à independência.

Deixo como inspiração o poema de Maya Angelou, escritora e ativista afro-americana, cuja história de resistência ultrapassa em muito o humano comum. Escolho este poema por mostrar a potência de superação desta mulher, porém exemplos de supermulheres não faltariam para acrescentar aos fornecidos por Nietzsche como indivíduos em potência de auto superação. Poderia falar de Frida Kahlo que fez de seu corpo alquebrado motivo de sua arte. De Carolina Maria de Jesus, uma das mais importantes escritoras brasileiras, que escreveu seu primeiro livro (Quarto de despejo, 1960) enquanto trabalhava como catadora de papéis para sustentar seus três filhos. De Marie Curie, cientista polonesa que conduziu pesquisas pioneiras no ramo da radioatividade, vencedora de dois prêmios Nobel. Na realidade, alguns corpos já nascem com a necessidade de superação como condição de vida, pois trazem a marca da diferença como contra hegemonia.

Ainda assim eu me levanto (1978)  
Maya Angelou

Você pode me riscar da História  
Com mentiras lançadas ao ar.  
Pode me jogar contra o chão de terra,  
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.

Minha presença o incomoda?  
Por que meu brilho o intimida?  
Porque eu caminho como quem possui

Riquezas dignas do grego Midas.

Como a lua e como o sol no céu,  
Com a certeza da onda no mar,  
Como a esperança emergindo na desgraça,  
Assim eu vou me levantar.

Você não queria me ver quebrada?  
Cabeça curvada e olhos para o chão?  
Ombros caídos como as lágrimas,  
Minh'alma enfraquecida pela solidão?

Meu orgulho o ofende?  
Tenho certeza que sim  
Porque eu rio como quem possui  
Ouros escondidos em mim.

Pode me atirar palavras afiadas,  
Dilacerar-me com seu olhar,  
Você pode me matar em nome do ódio,  
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.

Minha sensualidade incomoda?  
Será que você se pergunta  
Por que eu danço como se tivesse  
Um diamante onde as coxas se juntam?

Da favela, da humilhação imposta pela cor  
Eu me levanto  
De um passado enraizado na dor  
Eu me levanto  
Sou um oceano negro, profundo na fé,  
Crescendo e expandindo-se como a maré.

Deixando para trás noites de terror e atrocidade  
Eu me levanto  
Em direção a um novo dia de intensa claridade  
Eu me levanto  
Trazendo comigo o dom de meus antepassados,  
Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.  
E assim, eu me levanto

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: tendes ainda caos dentro de vós.

*Nietzsche, Prólogo de Zaratustra, 2011, p.18*

Meu primeiro encontro com a obra de Nietzsche se deu através da leitura de *A Genealogia da Moral* em uma disciplina de Ética durante a graduação em filosofia. Acompanhar este que é *professor da lenta leitura* no método de identificar o valor dos valores, em busca da auto supressão da moral foi impactante em meu caminho de estudante de filosofia. O chamamento à não acomodação do pensamento, à subversão dos dogmas filosóficos, à criação de uma nova cultura que movimenta as engrenagens sociais em um outro sentido, despertaram minha admiração pela potência da filosofia nietzschiana.

De certo que essa admiração só aumentou e acabou por provocar minhas pesquisas em torno da questão da possibilidade de surgimento de um além humano, que reconheça sua interdependência com o cosmos a qual pertence, questão que vejo como existencial para a continuidade da vida humana na Terra.

Em Zaratustra, Nietzsche traz dois anúncios importantes aos homens, o da morte de Deus e o do além do homem. Ora, de um impulso descendente, nasce um ascendente, num eterno movimento no tempo, pois é necessário passar pela dor para criar valores alegres. De modo que, ao mergulhar na obra de um filósofo como Nietzsche, que provoca antagonismos, é preciso estar disposto a encarar também aquilo que se rejeita. A tarefa de debruçar-se sobre um pensador a qual temos afinidades, nos leva a enfrentar também seu lado sombrio. Em Nietzsche, esses dois lados caminham juntos, pois temos o misógino, o escravocrata, o eurocêntrico, ou seja, o tirânico embaralhado com um pensamento extremamente potente e libertário.

Este trabalho é fruto dessa admiração assim como do espanto por questões que costumam ser menosprezadas e que estão presentes em toda a obra do filósofo. Aceitar o perspectivismo inerente às relações de poder que dão dimensão ao mundo não implica em acolher estereótipos sexistas, por exemplo. Nietzsche é um criador de tipos e escolho redimensionar o tipo além-do-homem para abranger aqueles para quem a autossuperação é uma necessidade em séculos de opressão.

É claro que é necessário pontuar que Nietzsche não é um homem do século XXI, para não correremos o risco de cometer anacronismos. Como pensador do século XIX, Nietzsche traz a sombra da moral patriarcal para seus escritos e temos não só o dever de aproveitar aquilo que ele tem de extemporâneo e atual para impulsionar os movimentos contra hegemônicos, mas também o de criticar as suas contradições. É preciso pensar, por exemplo, sobre os problemas resultantes de uma sociedade hierarquizada e a falta de oportunidades e de mobilidade dos papéis constituídos socialmente, resultando no paradoxo de tornar-se quem se é quando se tem fome, tarefa digna de heróis.

Por este motivo minha compreensão da palavra *übermensch* como além do humano, e não além-do-homem, pois o tornar-se quem se é pertence a quem tiver a força plástica necessária para libertar-se da escravidão de um sujeito imposto pela massificante cultura ocidental. Logo, potencialmente presente também nas mulheres, transgêneros, indígenas, quilombolas e todas as supostas raças não brancas, os ociosos e os artesãos, todos contemplados em sua diversidade na palavra *übermensch*.

Compreendendo que a principal chave para o além do humano é o *tornar-te quem tu és*, que não pressupõe um saber prévio de quem se é, um reconhecimento de nenhum sujeito definido. Nietzsche fala de um indivíduo em formação, um sujeito como efeito de performances discursivas. Tornar-se é ser a cada momento, criar-se no desempenho da identidade que mais lhe potencializa. O sujeito não é um em si, mas se configura na relação, no vir-a-ser, pois o lugar de produção do caráter está na ação. Tal fazer-se envolve entregar-se à dinâmica dos antagonismos, como um *César com alma de Cristo*<sup>71</sup>.

Outra condição importante para o além-do-humano é tomar o esquecimento ativo como força inibidora do comprometer-se e fazer promessas do homem civilizado, fazendo do esquecimento uma arma que permita estar inteiro no presente. Pois a memória da cultura é um recordar de fatos que fixa identidades e reatividades próprias do tipo ressentido, impedindo que o elemento nobre e sua força instintiva flua livremente.

Algumas importantes observações sobre o que o além do humano não é: nem o homem ariano, ideal do regime nazista alemão, nem o pós-humano da

---

<sup>71</sup> Lembrando que alma é compreendida por Nietzsche como algo que constitui o corpo, que é uma multiplicidade com um só sentido.

tecnociência. Primeiramente, o além do homem não caberia no niilismo e utilitarismo geradores do nazismo. Em segundo lugar, o extermínio do diferente próprio do arianismo não se coaduna com a teoria das forças de Nietzsche, que diz que o mais forte necessita do mais fraco para que a dinâmica social aconteça e ao tentar suprimir um lado, o outro também desapareceria. Além disso, a formação educacional que Nietzsche propõe, que se dá através do cultivo de indivíduos criativos e críticos jamais seria aceito pelo III Reich alemão.

Com relação ao ideal pós-humano da tecnociência, que resulta do humanismo europeu e sua antropotécnica, compreendo como incompatível com a proposta nietzschiana de autossuperação das subjetividades e com a vontade de potência como resultado de uma psicofisiologia forte. Sabemos que alcançar a longevidade da vida torna-se uma viabilidade técnica a partir da modernidade. Vejo neste ideal de perfeição um profundo antagonismo com o além-do-humano, já que os valores de pureza do ideal ascético são reafirmados pela antropotécnica. Neste sentido é preciso rejeitar tal hipótese já que Nietzsche conclama a intensificação dos afetos de dor e prazer através da estética dionisíaca, sendo esta contraditória com o melhoramento genético e o prolongamento da vida, e em *Ecce Homo* Nietzsche afirma que a última coisa a que se propõe é o melhoramento da humanidade.

Contextualizando esta análise, as questões identitárias estão no centro dos debates da atualidade, dando espaço a múltiplas diversidades. Antagonizando mais do que nunca, os senhores do ressentimento buscam exercer seu desejo de extermínio da alteridade. É preciso proteger os fortes dos fracos, acautela Nietzsche. O resultado deste estudo aponta para a necessidade de ampliação de horizontes hermenêuticos no que tange aos estudos identitários, buscando sua consolidação no ambiente científico contemporâneo.

Contemporaneamente vivemos mergulhados em uma crise crônica, que Nietzsche previu como advento do niilismo nos dois próximos séculos adiante (XX e XXI). Com o surgimento do nazifascismo na Europa e no mundo pós guerras, são criados estados de exceção onde corpos são descartáveis numa lógica da violência extrema que admite e exerce um colonialismo revivido no extermínio em massa, seja através do fomento de guerras entre nações, urbanas, bacteriológicas, químicas, ou de doenças epidemiológicas e pandemias, incluindo a mais grave, a da fome. No momento em que escrevo estas considerações finais, o mundo soma 1.057.505 de mortos pela COVID-19, e no Brasil foram, até agora, 148.304 vidas ceifadas. As

florestas ardem em chamas por falhas na gestão do patrimônio ambiental do Brasil e do planeta. A indiferença com que os chefes de Estado e as grandes corporações assistem as tragédias diárias de um mundo em decadência é alarmante. A rapidez com que o sistema neoliberal se adapta as suas próprias crises e como se fortalece a cada uma dessas situações caóticas é vertiginosa.

Nietzsche nomeia a atual dinâmica niilista da sociedade civilizada ocidental como “lógica da catástrofe”, numa referência ao desenlace da tragédia grega, cujo drama reencontra o “sentido” ao esgotar-se por completo e encontrar um ponto de reversão. Estamos todos no olho do furacão da catástrofe, e gritamos o grito de uma época “Eu não posso respirar!”<sup>72</sup>. Encontraremos forças ascendentes suficientes para o ponto de viragem para a autossuperação?

Nietzsche conclamava naquele final de século XIX os filósofos do futuro a cultivarem homens superiores. Cento e vinte anos após sua morte, somos todos números de um imenso rebanho e como burros olhando a cenoura a sua frente, seguimos amarrados à carroça da cultura hegemônica que arrastamos pra todo lado com orgulho, formatados pelo neoliberalismo e pela sedução tecnológica, enquanto somos desvitalizados e domesticados. O cultivo de subjetividades fortes exige esforço, não serão obras de acasos. Se o rebanho domesticado foi até agora a vitória dos criadores da moral ressentida, é necessário um esforço em sentido contrário para o cultivo de uma humanidade forte, empoderada na produção de subjetividades outras, que façam frente àquelas dos valores ressentidos.

Decidamos não imitar a Europa e retesemos nossos músculos e nosso cérebro numa direção nova. Tratemos de inventar o homem total que a Europa foi incapaz de fazer triunfar. (FRANZ FANON)

---

<sup>72</sup>“*I can't breathe*” frase repetida durante oito minutos pelo negro George Floyd ao ser sufocado por policial branco na cidade de Minneapolis em 25 de maio de 2020, até ter seu assassinato consumado pelas forças estatais norte-americanas.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, R.C. *Apontamentos sobre a ética nietzscheana*. Revista Sofia. Departamento de filosofia da UFES. Ano IV. nº 06. 1998.
- BARROS, R. *Nietzsche: além-do-homem e idealidade estética*. Campinas, SP. Editora Phi, 2016.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo Volumes 1 e 2*. Tradução Sergio Milliet. Ed. Nova Fronteira. RJ, 2016.
- BITTENCOURT, R.N. *Institucionalização do ócio*. Revista Filosofia Ciência & Vida [www.portalcienciaevida.com.br](http://www.portalcienciaevida.com.br)
- CABRAL, A. M. *Nihilismo e Hierofania: Uma abordagem a partir do confronto entre Nietzsche, Heidegger e a tradição cristã. Volume 1*. Mauad x Faperj, 2014, p.29.
- CHIMAMANDA N.A. *O perigo de uma única história*. Disponível em <https://www2.ifmg.edu.br/governadorvaladares/noticias/adelia-a-poesia-e-a-vida-convite-para-o-3o-encontro-do-dialogos/o-perigo-de-uma-historia-unica-chimamanda-ngozi-adichie-pdf.pdf>
- CONSTANTINIDES, Y. *Os legisladores do futuro: a afinidade dos projetos políticos de Platão e de Nietzsche*. Cad. Nietzsche. SP. n. 32, 2013 .
- De MASI, D. *O ócio criativo; entrevista a Maria Serena Palieri*; tradução de Léa Manzi RJ. Sextante, 2000.
- DELEUZE, G. *Conversações, 1972 – 1990*. Tradução Peter Pál Pelbart. Editora 34 SP, 1992.
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. RJ. Editora Rio. 1976.
- DERRIDA, J. *Esporas: Os estilos de Nietzsche*. Tradução Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: NAU, 2013.
- DIAS, R.; VANDERLEI, S.; BARROS, T. (orgs.). *Leituras de Zaratustra*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2011.
- DOSTOIEVSKI, F. *Notas do Subsolo e o Grande inquisidor*. Tradução Ruth Guimarães, Natália Nunes e Oscar Mendes. Ed. Ediouro. RJ,2001.
- FANON, F. *Os condenados da terra*. Tradução José Laurênio de Melo. RJ. Ed. Civilização Brasileira, 1968.
- FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a bruxa – mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução coletivo sycorax. SP. Ed. Elefante, 2017.
- FEITOSA, C.;BARRENECHEA, M.A.;DIAS, R. (orgs.).*Assim Falou Nietzsche III: Para uma filosofia do futuro*. RJ. 7 Letras, 2001.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Tradução Roberto Machado. 23ª edição ed. Graal RJ, 1979.

GEN – GRUPO DE ESTUDOS NIETZSCHE. *Dicionário Nietzsche*. Edições Loyola. SP, 2016.

GIACOIA, O. *Cinco Aulas sobre Nietzsche*. IFCH/UNICAMP  
<http://www.rubedo.psc.br/artigosb/cursnite.htm>

GIACOIA, O. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

GIACOIA, O. *Nietzsche: O humano como memória e como promessa*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013.

GIACOIA, O. *O último homem e a técnica moderna*. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 33-52, jun. 1999. Disponível em  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24301999000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100003&lng=pt&nrm=iso)

GIACOIA, O. *Sim ao ócio ou 'viva a preguiça'*. 2012, Fonte:  
<https://artepensamento.com.br/item/sim-ao-ocio-ou-viva-a-preguica/>

GIACOIA, O. *Sonhos e pesadelos da razão esclarecida: Nietzsche e a modernidade*. Passo Fundo: UPF, 2005.

HERÁCLITO. *Fragmentos contextualizados*. Tradução, apresentação e comentários Alexandre Costa. SP. Odysseus Editora, 2012.

HOLLINGDALE, R.J. *Nietzsche: uma biografia*. Tradução de Maria Luisa de Abreu Lima Paz. SP. EDIPRO, 2015.

HOOKS, B. *Erguer a voz- pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. Ed. Elefante. SP, 2019.

KILOMBA, G. *Memórias de Plantação, episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. ed. Cobogó RJ, 2019.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1ª edição. SP. Companhia das Letras, 2019.

LÖWITH, K. *De Hegel a Nietzsche: A ruptura revolucionária no pensamento do século XIX: Marx e Kierkegaard*. Tradução Flamarion Caldeira Ramos, Luiz Fernando Barrére Martin. 1ªed. SP. Editora da Unesp, 2014.

MACHADO, R. *Zaratustra Tragédia Nietzscheana* – 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MBEMBE, A. *Sair da Grande Noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Coleção Reler África. Edições Mulemba, 2013.

MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. SP. Editora Unifesp, 2009.

NIETZSCHE E LOU: *correspondência e outros documentos*. Introdução e tradução: Marco Casanova editora Via Verita 1ª edição, 2018. RJ.

NIETZSCHE, F. W. *A Filosofia na Era Trágica dos Gregos* – Tradução e apresentação de Gabriel Silva. L&M Pocket. RS. 2011.

NIETZSCHE, F. W. *A Gaia Ciência* - Tradução de Paulo César de Souza. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro* - Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2005.

NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Paulo César de Souza. SP. Companhia das Letras. 2011.

NIETZSCHE, F. W. *Aurora: Reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. SP. Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, F. W. *Coleção Os Pensadores – Obras incompletas*. Tradução e notas Rubens Rodrigues Torres Filhos. Ed. Nova Cultural. 1999.

NIETZSCHE, F. W. *Considerações Extemporâneas*. In: *Obras incompletas. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. SP. Editora Nova Cultural. 1999.

NIETZSCHE, F. W. *Crepúsculo dos Ídolos (ou como filosofar com o martelo)*. Tradução Marco Antonio Casanova. RJ. RelumeDumará, 2000.

NIETZSCHE, F. W. *Ecce Homo: Como cheguei a ser o que sou* – Tradução Lourival de Queiroz Henkel. 1ª ed. Rio de Janeiro. 2013.

NIETZSCHE, F. W. *Fragmentos Póstumos reunidos sob o nome A Vontade de Poder* – Tradução do original alemão e notas de Marcos Sinésio Pereira Fernandes & Francisco José Dias de Moraes. RJ. Contraponto, 2008.

NIETZSCHE, F. W. *Fragmentos Póstumos: 1885-1887: volume VI* / Tradução Marco Antônio Casanova. 1ª ed. brasileira. RJ. Forense Universitária, 2013.

NIETZSCHE, F. W. *Fragmentos Póstumos: 1887-1889: volume VII* / Tradução Marco Antônio Casanova. 1ª ed. brasileira. RJ. Forense Universitária, 2012.

NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da Moral: Uma polêmica*. Tradução Paulo César de Souza. SP. Companhia das Letras. 1998.

NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução de Paulo César de Souza. 10ª Ed. SP: Companhia das Letras. 2005.

NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres, volume II* - Tradução de Paulo César de Souza. 1ª Ed. São Paulo: Companhia de Bolso. 2017.

NIETZSCHE, F. W. *O Anticristo e Ditirambos de Dionísio*. Tradução de Paulo César de Souza. 1ªed. SP. Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, F. W. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução de Paulo César de Souza. 2ª Ed. SP. Companhia das Letras. 1992.

PASCHOAL, A.E. *A palavra übermensch nos escritos de Nietzsche*.  
<https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7804/5345>

PLATÃO. *Carta VII*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet; tradução do grego e notas de José Trindade Santos e Juvino Maia jr.- RJ: Ed PUC-Rio; SP: Loyola, 2008.

PLATÃO. *Diálogos*. Coleção Os Pensadores. Seleção de Textos de José Américo Motta Pessanha; traduções e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PLATÃO. *A República*. Tradução Pietro Nasseti. 3ª Ed. RJ. Martin Claret – 2013.

PRECIADO, P. *Manifesto Contrassexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. SP. n-1 edições, 2014.

PRÉ-SOCRÁTICOS. *Os: fragmentos, doxografia e comentários*. Coleção Os Pensadores. Seleção de textos, traduções e supervisão José Cavalcante de Souza. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e representação*. Coleção Os pensadores. Ver volume I, Livro III, Consideração segunda. 1ªed. SP Julho 1974. Abril Cultural.

SÊNECA. *Sobre a Tranquilidade da Alma; sobre o Ócio*. Edição Bilingue. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

SIMMEL, Georg. Schopenhauer & Nietzsche. Tradução César Benjamin. RJ. Contraponto, 2011.

STEGMAIER, W. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche: coletânea de artigos: 1985-2009*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013.

SUE, R. *El Ocio*. 2ª Ed. Fondo de Cultura Econômica, México, 1992.

TIQQUN. *Contribuição para a guerra em curso*. N-1 edições, SP, 2019.